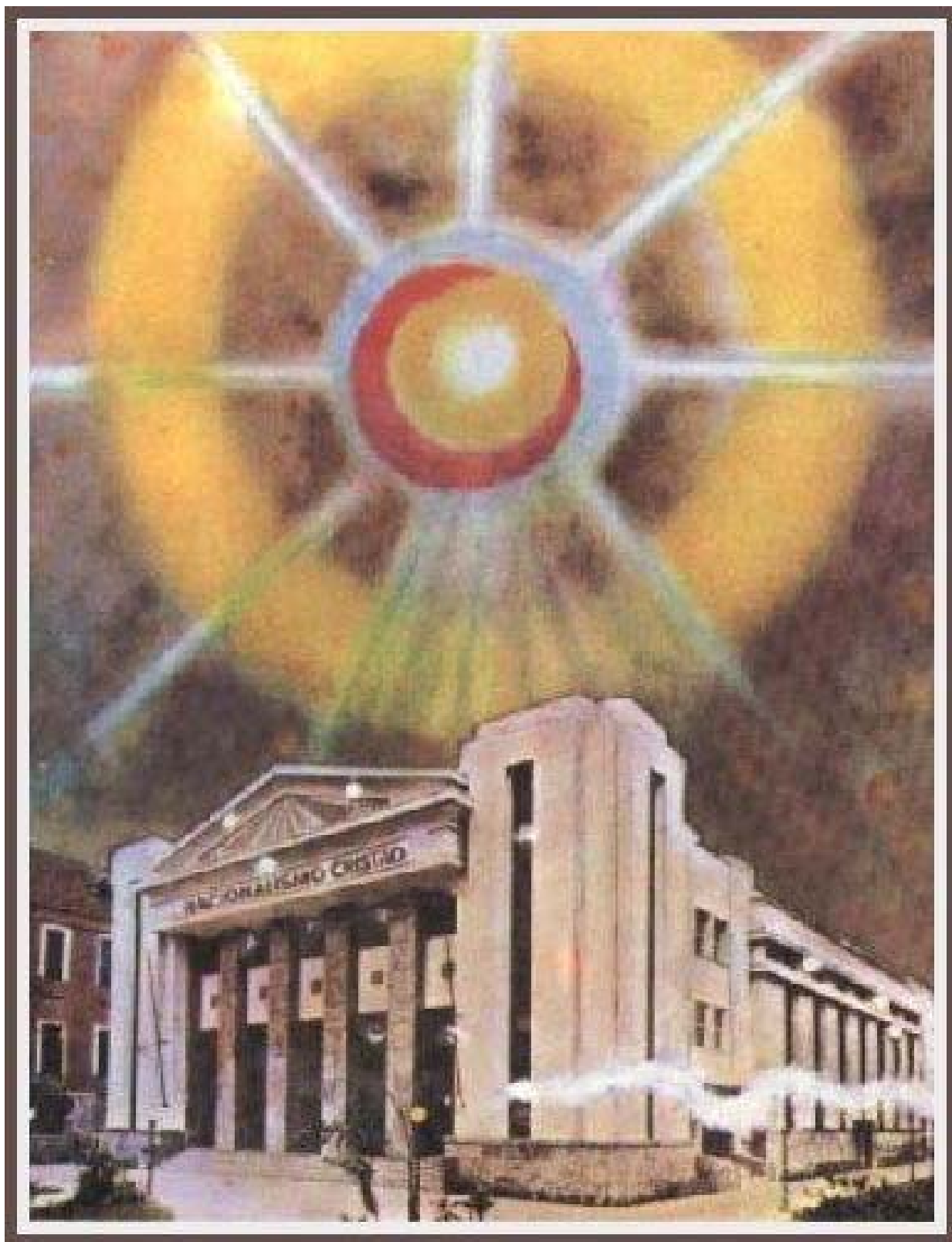


A VIDA FORA DA MATÉRIA



EDIÇÃO INTERNET



Casa Chefe - Rua Jorge Rudge, 119 - Vila Isabel - Rio de Janeiro - Brasil

ÍNDICE

Prefácio.....	6
Capítulo I.....	9
Força e Matéria.....	9
Capítulo II.....	14
O Espaço.....	14
Universo de Galáxias.....	15
Espaço e Tempo	18
Nem Pais nem Filhos.....	18
Dezessete Classes	19
Mundos de Escolaridade.....	20
Capítulo III	23
A Aura	23
Capítulo IV.....	26
O Pensamento	26
Reveses	27
Saber Pensar	28
Força do Pensamento.....	29
Capítulo V	31
A Obsessão	31
Inexistência da Morte	32
Caminhos da Obsessão	33
Irritação, Descontrole e Ambição Desmedida.....	35
Temperamento Voluntarioso	36
Abalos Morais e Roteiro Seguro	37
Antônio Vieira.....	39
Luiz de Mattos	42
Luiz Alves Thomaz	47
Antônio do Nascimento Cottas	51
Dr. Humberto Machado Rodrigues	53
Gravura Nº 1	55
Gravura Nº 2.....	56
Gravura Nº 3.....	57
Gravura Nº 4.....	58
Gravura Nº 5.....	59
Gravura Nº 6.....	60
Gravura Nº 7.....	61

Gravura N° 8	62
Gravura N° 9	63
Gravura N° 10	64
Gravura N° 11	65
Gravura N° 12	66
Gravura N° 13	67
Gravura N° 14	68
Gravura N° 15	69
Gravura N° 16	70
Gravura N° 17	71
Gravura N° 18	72
Gravura N° 19	73
Gravura N° 20	74
Gravura N° 21	75
Gravura N° 22	76
Gravura N° 23	77
Gravura N° 24	78
Gravura N° 25	79
Gravura N° 26	80
Gravura N° 27	81
Gravura N° 28	82
Gravura N° 29	83
Gravura N° 30	84
Gravura N° 31	85
Gravura N° 32	86
Gravura N° 33	87
Gravura N° 34	88
Gravura N° 35	89
Gravura N° 36	90
Gravura N° 37	91
Gravura N° 38	92
Gravura N° 39	93
Gravura N° 40	94
Gravura N° 41	95
Gravura N° 42	96
Gravura N° 43	97
Gravura N° 44	98
Gravura N° 45	99
Gravura N° 46	100

Gravura N° 47	101
Gravura N° 48	102
Gravura N° 49	103
Gravura N° 50	104
Gravura N° 51	105
Gravura N° 52	106
Gravura N° 53	107
Gravura N° 54	108
Gravura N° 55	109
Gravura N° 56	110
Gravura N° 57	111
Gravura N° 58	112
Gravura N° 59	113
Gravura N° 60	114
Gravura N° 61	115
Gravura N° 62	116
Gravura N° 63	117
Gravura N° 64	118
Gravura N° 65	120
Gravura N° 66	121
Gravura N° 67	122
Gravura N° 68	123

PREFÁCIO

O Racionalismo Cristão oferece aos estudiosos esta obra, que representa, inegavelmente, mais um decisivo esforço para transmitir-lhes uma visão clara, concisa e objetiva de fatos da mais relevante importância, que se verificam no cenário da vida terrena.

A vida fora da matéria é uma realidade incontestável.

Constituindo-se o Universo somente de Força e Matéria, uma importante tese se desdobra na associação desses dois princípios fundamentais. A investigação e o estudo dos fenômenos psíquicos da vida extraterrena têm trazido à luz numerosos conhecimentos que se encontravam ocultos por interesses subalternos de entidades nocivas, e que são parte integrante dessa tese, para cujo desenvolvimento este livro concorre com valioso cabedal.

Ninguém há que, tendo recebido boa educação moral e estando em pleno gozo de suas faculdades mentais, não procure afinar a sua conduta pelos princípios normativos do bom-senso comum, e ser bom, praticar o bem, mostrar-se, de algum modo, útil ao seu semelhante. No entanto, forçoso é reconhecer-se, a falta de conhecimento das verdades que a vida encerra é o motivo principal de não ser desenvolvido no ser humano esse sentimento nobre, ainda que elementar, que cada qual precisa e deve cultivar em favor do seu igual, seja amigo, companheiro ou mesmo desconhecido.

Quem somos, porque somos — eis a incógnita que este livro vem desvendar, abrindo novos horizontes ao aspecto da vida imaterial e expandindo os esclarecimentos que esse importante problema enfeixa.

A idéia que os indivíduos conservam de si mesmos, sobretudo no meio religioso, é, de um modo geral, nitidamente materialista. A imagem própria, para eles, é a que observam refletida no espelho, quando, na realidade, tal imagem traduz apenas a roupagem, que não passa de uma expressão acidental do espírito. Esta compreensão não escapa, porém, àqueles que sabem, com segurança, que o ser encarna numerosas vezes, até atingir determinado grau de evolução, sendo de lamentar que milhões de criaturas teimem, ainda, em não querer reconhecer esta grande verdade, e se mantenham na mais primitiva incompreensão sobre a posição que ocupam na trajetória da existência.

As falsas concepções, as crenças ilusórias e os enganos, que tanto têm atrasado o progresso do mundo no campo espiritual, precisam, pois,

ser eliminados da mente humana, e todo trabalho que tiver esta finalidade não pode deixar de ser bem acolhido pelas pessoas sensatas, leais e amigas da verdade.

A "Vida Fora da Matéria" apresenta, no seu contexto, essa feição característica que constitui, sem dúvida, a garantia máxima de sua utilidade e valor. Por esta razão, embora as revelações demonstradas causem estranheza aos que, pela primeira vez, entrem em contato com elas, sobejos motivos terão para se regozijarem da oportunidade feliz que lhes possibilitou tão preciosos e úteis conhecimentos.

Na explanação da sua Doutrina, não tem o Racionalismo Cristão a mais leve sombra de caráter comercial ou especulativo. Não o move o propósito de arregimentar adeptos, visando nessa arregimentação um meio de obter subsídio material. Nele não há coleta de óbolos, arrecadação de espórtulas ou qualquer outro expediente que tenha por fim alcançar os haveres dos que se interessem pela Doutrina e a desejem estudar para saberem como pôr em prática os seus salutares princípios.

Daí, desse desinteresse material, a razão de poder expor, com autoridade, a verdade nua e crua, sem o menor artifício, por não recer afugentar os crédulos místicos e os dogmáticos renitentes, pois a finalidade precípua do Racionalismo Cristão é difundir princípios que levantem espiritualmente a humanidade, e não, como foi afirmado, arrolar prosélitos.

Faça-se o bem sem olhar a quem — é um aforismo que condiz com a forma pela qual o Racionalismo Cristão se apresenta. E bem maior não pode haver do que o de obter a criatura aquilo que lhe é mais necessário para o aproveitamento da sua encarnação, que é o esclarecimento.

— De que servirá ser o indivíduo arquivilionário, possuir riquezas materiais abundantes, coisa que quase todos procuram, se não tiver o conhecimento verdadeiro da vida, para saber dar às riquezas a útil aplicação que o dever exige? O resultado é que não estando preparado espiritualmente, não levando em conta que o que pertence à Terra na Terra fica, essas riquezas podem mais servir de estorvo à sua evolução, do que de ajuda.

Os que não perdem de vista a seqüência das encarnações sucessivas, facilmente compreendem que o milionário de uma encarnação poderá ser o esfalfado e desprovido da seguinte. De outro modo, não será também difícil compreender que, uma vez seja dada boa aplicação à riqueza, venha ela a beneficiar o seu inteligente distribuidor, na encarnação seguinte,

porque não falha o sábio preceito que diz que "quem bem faz, para si o faz".

Todas estas alternativas, todos os índices para as subjugações materialistas são focalizados nos ensinamentos racionalistas cristãos, com a finalidade de melhorar as condições psíquicas da humanidade, possibilitando a formação de um ambiente mais favorável, a fim de que uma felicidade relativa possa ser assegurada pela paz e tranquilidade do espírito.

CAPÍTULO I

FORÇA E MATÉRIA

Muitas tentativas têm sido feitas no setor das ciências filosóficas para explicar o que são Força e Matéria, na sua concepção genérica. Destituídas, porém, de base, essas explicações (de um modo geral inconvincentes e insatisfatórias) contribuíram, em muitos casos, para aumentar a confusão e a dúvida existentes no espírito humano não esclarecido, a respeito da vida fora da matéria.

Hoje, entretanto, Força e Matéria constituem tema de simples análise, desde que desdobrado, sem grandes reflexões teóricas, na seqüência dos princípios racionais expostos nesta obra, ajustando-se aos moldes de uma invulgar simplicidade, acessível ao raciocínio comum.

Fora do campo da espiritualidade (que é imenso e inesgotável) jamais poderá alguém encontrar solução para os problemas espirituais.

A definição de Força e Matéria situa-se, pois, dentro da lógica dos fenômenos psíquicos amplamente divulgados pelo Racionalismo Cristão.

Enquanto o ser humano não adquirir pleno conhecimento de si mesmo como Força e Matéria, nenhuma indagação filosófica poderá exercer influência decisiva no apuramento da sua conduta individual. Quanto mais segura, mais nítida e realística for a compreensão da ação do espírito sobre o corpo físico, vale dizer, da Força sobre a Matéria, mais depressa a clarividência do sentido espiritual revelará ao estudioso as funções vitais da natureza universal.

Em Força e Matéria se resume, se sintetiza, se define, se explica toda a Verdade da vida. Os princípios reunidos nesta obra apenas encerram a parcela de ensinamentos daquela verdade que está ao alcance da compreensão humana, desde que a criatura se interesse realmente pelo seu estudo, sem se deixar influenciar pelos ultrapassados compêndios sectaristas.

A apuração dos conhecimentos relacionados com a vida reduz os erros em que tantos incidem. E o que é a vida, senão a ação permanente da Força sobre a Matéria?

A Matéria não possui atributos. Estes são exclusivos da Força, e como tal se exteriorizam e manifestam na consubstanciação dos três reinos da natureza.

Os atributos, que os seres encarnados manifestam, apenas constituem reduzido número daqueles que podem revelar espíritos mais esclarecidos que, em virtude do seu maior grau de evolução, já não estagiam neste planeta.

A Força mantém o Universo regido por leis comuns, naturais e imutáveis.

Comuns, porque são inerentes a todos, sem a mínima exceção; naturais, por decorrerem de uma seqüência lógica no processo da evolução; imutáveis, por serem absolutas, e neste sentido não há lugar para o imprevisto, para o acaso ou a dúvida, imperando (só e sempre) a exatidão, a certeza, a perfeição. As responsabilidades e os deveres do ser humano (que ele precisa compreender bem para convencer-se de que toda vez que infringir as leis naturais retarda, inapelavelmente, a marcha da sua evolução) estão dentro destes Princípios.

Assim, sem conhecer o processo do seu próprio desenvolvimento espiritual, sem se conhecer a si mesma na sua composição astral e física, não pode a criatura conduzir-se com o necessário aproveitamento, daí resultando ter de submeter-se, em obediência àquelas leis (ainda que por livre vontade e em duras experiências) a uma multiplicidade de reencarnações cujo número seria, de outro modo, grandemente reduzido.

O Universo é composto de Força e Matéria. A Força é o agente ativo, inteligente e transformador. A Matéria, o elemento passivo e plasmável. Ambos, na sua forma original, indivisível, fundamental e imponderável, penetram todos os corpos, estendendo-se pelo espaço infinito.

A Força, agindo em obediência às leis evolutivas, utiliza-se da Matéria, no estado primário desta, e com ela forma corpos e realiza fenômenos incontáveis e indescritíveis que escapam à apreciação comum, considerados os limitados recursos deste Planeta.

No Universo não há nada de novo e também nada se perde. Tudo nele está criado. Há, somente, transformação da Matéria e evolução da Força.

Os inumeráveis corpos compostos em combinações múltiplas de partículas da matéria organizada, nada mais exprimem do que essas transformações.

Composição e decomposição, agregação e desagregação de corpos, são o resultado da ação mecânica da vida. A ciência química, em suas constantes investigações, classificou mais de uma centena de elementos básicos da matéria organizada, dando à partícula fundamental e infinitésima desses elementos o nome de átomo. Os átomos são

cientificamente combinados para formar as moléculas que se classificam, por sua vez, como partículas infinitésimas dos corpos compostos.

Tanto os átomos como as moléculas se mantêm agregados uns aos outros enquanto a força exerce sobre eles a sua ação coesiva, e se desagregam, quando essa mesma força deixa de atuar.

A matéria organizada, ainda que representada por um simples átomo, contém uma soma de energia de extraordinário poder, mantendo-se cada núcleo de alta condensação de força perfeitamente equilibrado com os demais na composição do Todo, em completa uniformidade, cada qual dentro da respectiva classe, sem nenhuma alteração na sua constituição específica. Isto porque o que as leis estabeleceram não pode sofrer modificações, já que não existem imprevistos para a Sabedoria Excelsa que é una, integral, total. A Força, utilizando-se da matéria, começa a sua evolução na estrutura do átomo, passando, depois, a uma nova ordem de ação construtiva, na composição das moléculas.

Em todo o constante agregar e desagregar dos corpos, a intensidade da força vai aumentando nesses núcleos infinitésimos com maior acentuação das vibrações da vida, fazendo progredir o seu grau de inteligência. Completado o ciclo iniciado no primeiro dos três grandes reinos da natureza (o mineral) de onde ascenderam para o vegetal e o animal, passam esses núcleos a constituir-se em microorganismos de ínfima espécie. Desses microorganismos, partindo da espécie ínfima, empreende a partícula de Força a sua evolução através de outras espécies e de outros organismos de maior desenvolvimento, atingindo sempre formas mais elevadas. Na molécula e suas subdivisões, a Força Inteligente apenas se torna perceptível por sua expressão vibratória ou de movimento intramolecular. Já nos microorganismos, além daquela vibração, revela ação de movimento exterior (a locomoção).

Assim, de mudança em mudança de um corpo para outro imediatamente superior, vai a partícula da Força evoluindo, até atingir condições que lhe permitam, já como espírito, encarnar em corpo humano, em situação de exercer a faculdade do livre arbítrio e assumir as responsabilidades inerentes a essa faculdade. Como espírito, encarna inumeráveis vezes, adquirindo sempre mais inteligência, mais luz, mais experiência, mais conhecimentos, mais clara concepção da vida e maior capacidade de raciocínio.

O espírito faz a sua trajetória neste planeta em condições apropriadas ao seu estado de adiantamento, passando em cada reencarnação a viver em

meio adequado ao progresso já alcançado, até terminar a parte da evolução que corresponde a este mundo.

O globo terrestre é uma esfera de matéria organizada impregnada de forças que atuam diretamente sobre os átomos, constituindo-os, unindo-os e mantendo-os em equilíbrio, na sistemática de uma complexidade de movimentos.

O átomo está em constante vibração produzida pela energia existente no seu interior, e liga-se a outro átomo pela força de coesão para compor a molécula. É também essa mesma força de coesão que une as moléculas entre si.

De um pólo ao outro da Terra, passam linhas de força que as próprias bússolas denunciam.

A força de gravidade exerce poderosa ação sobre cada átomo, atraindo-o para um centro no interior do globo. Em todos os movimentos que executa, a esfera terrestre é impulsionada pela força que atua no interior dos seus átomos.

O diagrama seguinte dá uma idéia, ainda que elementar, da associação da Força e Matéria no planeta, para a composição dos reinos da natureza.

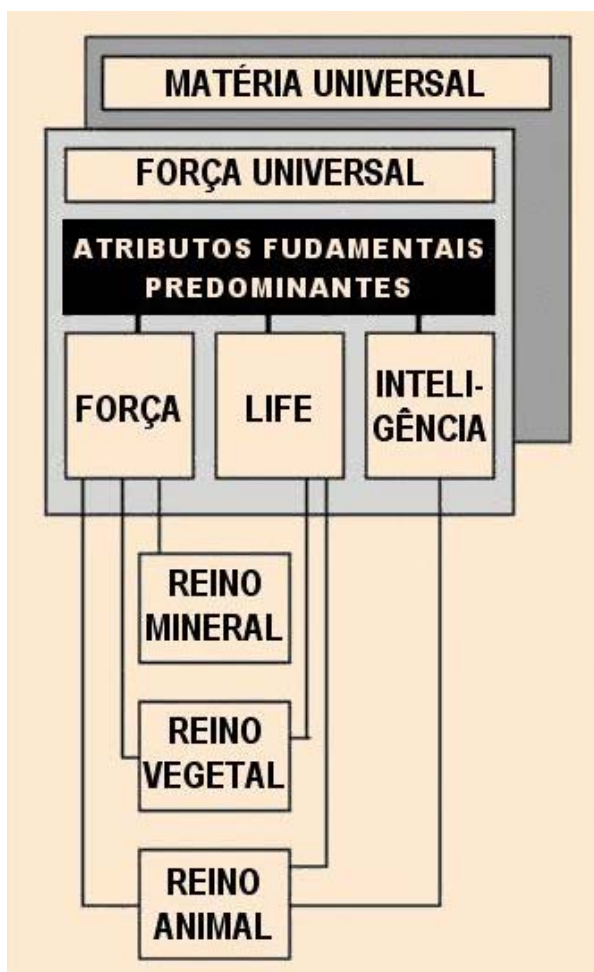


Diagrama demonstrativo da ação da Força (universal) sobre a Matéria (universal), na ação e animação de todos os corpos, destacando-se, em cada caso, os seus atributos fundamentais, predominantes, nos três reinos da natureza.

Vê-se, pois, que é a Força o atributo fundamental predominante no reino mineral. No vegetal, a Força e a vida, e finalmente no reino animal (além destes dois últimos atributos) predomina também a inteligência. Não se deve inferir daí a inexistência de vida no reino mineral nem inteligência no vegetal. Apenas se menciona a predominância dos atributos fundamentais apontados, para facilitar a compreensão do leitor, dada a transcendentalidade do assunto.

O ser humano que quiser demorar-se na investigação deste importante tema encontrará campo aberto para desdobrar o raciocínio, fortalecer as suas convicções e concluir que essas duas fontes substanciais (Força e Matéria) são o princípio e o fim, são unidades que se tocam nos seus extremos, que correm paralelas e que, na sua incomensurabilidade, abrangem o Infinito e penetram e envolvem o Universo.

As expressões aqui empregadas são relativas, à falta de outras que melhor possam exprimir uma concepção de ordem absoluta.

CAPÍTULO II

O ESPAÇO

Por mais que o ser humano dê expansão aos seus conhecimentos, por mais que os analise e neles se aprofunde, não poderá penetrar, partindo da limitada posição que ocupa neste planeta, toda a extensão infinita do Espaço.

A mente, embora possa avançar até um certo ponto, fica sempre sem atingir a meta extrema, que se encontra sob o domínio de valores absolutos.

Perdem tempo os que se preocupam, em demasia, com a definição integral do problema do Espaço para abranger a sua concepção total, porque somente a Inteligência Universal é detentora de tão completo saber.

Antes de chegar aos problemas máximos do Universo, a criatura apenas precisa adquirir os conhecimentos necessários à sua evolução, esforçando-se por aprender as inumeráveis lições que ainda não absorveu e que precedem, de muito, aquelas que envolvem as transcendentais concepções do Espírito.

O que a respeito do Espaço a inteligência humana já pode compreender, vem sendo revelado pela ciência que enfeixa tais conhecimentos.

Este planeta — que serve, a um só tempo, de escola e cadinho depurador a bilhões de seres encarnados — é, como miríades de outros planetas, semelhantes a uma partícula de pó, em relação ao Espaço Infinito.

Ele pertence a modesto sistema solar de uma grande família estelar que se chama Galáxia.

O sistema solar, do qual faz parte a Terra, compõe-se de reduzido número de planetas girando em torno do Sol.

Nenhum desses planetas tem luz própria. Esta provém dos raios solares que neles resplandecem, com acontece com a Lua cujo brilho resulta da luz solar refletida em sua metade iluminada.

Excluídos os planetas, as outras estrelas que brilham no firmamento são sóis e, portanto, centros de sistemas solares. Há sistemas solares menores do que o que contém o nosso planeta como também os há muito maiores.

Existem, ainda, outros bastante complexos, com vários sóis, e estes, de cores diferentes, produzem cambiantes de luz de diversas tonalidades, em combinações que se revezam com o pôr e o nascer de cada sol.

A luz emitida pelos corpos solares — idênticas à de qualquer corpo material — não pode ser confundida com a Luz Astral que representa a Força Inteligente e enche o Espaço Infinito, por ser ela de constituição inteiramente diversa.

As trevas da noite nada significam para o espírito, pois este vê através da Luz Astral que penetra todos os corpos, até ao mais ínfimo lugar no Espaço. Dia e noite expressam períodos apenas relacionados com a vida material.

Vários são os movimentos da Terra no Espaço, salientando-se o de rotação em volta do seu próprio eixo, o de translação em redor do Sol, o que é feito, como todo o sistema solar, em torno do eixo da galáxia, e o que resulta do movimento da própria galáxia.

Todos estes movimentos são perfeitamente conjugados em velocidades uniformes e rigorosamente ajustadas.

A medida usada para avaliar as distâncias astronômicas é a extensão que a luz percorre no Espaço em um ano, tomando-se por base a sua velocidade, que é de cerca de trezentos mil quilômetros por segundo.

Com essa altíssima velocidade, ela vai de um pólo ao outro da Terra numa insignificante fração de segundo.

A distância do Sol à Terra é atravessada em oito minutos, aproximadamente. Para atravessar, porém, a galáxia do nosso sistema solar de um extremo a outro mais afastado, leva milhares de anos.

E é bom não perder de vista que existem galáxias incomparavelmente maiores, como também há sóis na galáxia a que pertence o pequeno planeta em que vivemos, dezenas de milhões de vezes maiores do que o nosso, apesar de ser este tão grande em relação à Terra, que chega a conter bem mais de um milhão de vezes o seu volume.

UNIVERSO DE GALÁXIAS

Uma galáxia é uma imensa família de sistemas solares que se contam aos milhões. A de que o nosso planeta faz parte tem a forma aproximada de uma lente biconvexa ou ovo frito, situando-se o nosso sistema solar na galáxia, mais ou menos, a um terço da distância radial que vai do eixo à sua periferia extrema.

Tudo quanto os olhos desarmados do corpo humano podem ver no firmamento é parte integrante desta galáxia, da qual a Via-Láctea representa o aro exterior.

A distância de uma galáxia a outra mais próxima é de tal magnitude que ultrapassa a capacidade de apreciação do espírito encarnado, de percepção normal.

Apesar disso, uma galáxia, com seus milhares ou milhões de sistemas solares, não representa mais — em comparação com a extensão infinita do Espaço — do que uma insignificante ilha no oceano ou, menos ainda, do que um ponto no Universo.

Essa relação de grandezas convida a meditar na magnificência do Universo e na modestíssima participação do nosso planeta na composição do Todo.

E se o planeta é de composição modesta, de igual modo são o seus habitantes, modestos no saber, na inteligência, na espiritualidade e na evolução.

Se todos vivessem compenetrados dessa realidade, não haveria lugar para vaidades e tolas presunções que apenas refletem um estado próprio da Terra, pondo em evidência a ignorância e a inferioridade espiritual dos seus habitantes.

Para fazer-se idéia, ainda que imprecisa, de quantos bilhões vezes bilhões de espíritos estão em evolução em cada galáxia, basta levar em conta os milhões de sistemas solares de cada uma e considerar que em torno de cada sistema solar gira incontável número de planetas.

Se neste mundo, que é dos menores, evoluem cerca de cinco bilhões de espíritos, logicamente nos outros planetas, em média proporcional, esse número não pode ser inferior.

A Inteligência Universal, de que o pensamento emana — na sua expressão máxima — tem poder ilimitado. Nada existe no Universo sem razão de ser. Nenhuma criação foi obra do acaso, já que tudo obedeceu a uma determinação rigorosamente prestabelecida, mesmo nos mais insignificantes pormenores.

O sentido da criação aqui empregado indica transformação da matéria pela ação da Força Inteligente. A idealização dos mundos corresponde às exigências da evolução.

Assim, de encarnação em encarnação, promove o espírito a sua evolução neste planeta até determinado limite. Daí por diante prossegue noutro meio, em que as condições psíquicas e físicas obedecem a sistematização diferente.

Desenvolvendo uma velocidade no Espaço de cerca de trinta quilômetros por segundo, descreve a Terra a sua órbita em torno do Sol, com precisão matemática, num período de tempo absolutamente certo.

Arrastando, por sua vez, os componentes de seu próprio sistema, numa órbita que tem por foco um ponto no eixo da galáxia, com velocidade semelhantemente elevada, o Sol completa, de igual modo, a trajetória em tempo rigorosamente exato.

Também a galáxia, transportando, com perfeita uniformidade, todos os sistemas solares de que é composta, numa velocidade do mesmo modo grande, fecha a sua órbita em um período não menos regular.

Toda essa revolvente disposição de movimentos precisos e inalteráveis é obra da Inteligência Universal, com um só fim: proporcionar meios às partículas do Todo para poderem progredir e galgar, uma a uma, os extensos degraus da evolução.

Não há qualquer exagero em afirmar que uma única dessas partículas é tão importante quanto o próprio Todo, porque este não poderia existir sem ela, nem ela sem ele.

A obra da natureza não contém erros nem imperfeições. Suas leis são imutáveis, os movimentos matematicamente exatos, e os acontecimentos mais surpreendentes, que possam ocorrer em incursões variantes, não passam de consequência lógica do desdobramento da própria vida cheia de ações e reações, de causas e efeitos, mas sempre em busca do equilíbrio final.

Assim como os satélites têm os seus movimentos combinados com os dos planetas, estes com os dos sóis de cada sistema e o dos sistemas solares com todos os movimentos dos outros sistemas de cada galáxia, também os espíritos agem e evoluem coordenados uns com os outros, em fiel observância a um regime regulador de todas as funções.

O Espaço está repleto de Força e Matéria. Nada perde nem ganha. Do que tem não sobra nada nem possui de menos. O equilíbrio das leis se revela tanto no macro como no microcosmo, tanto no incomensuravelmente grande como no incomensuravelmente pequeno.

Fora do alcance visual do corpo humano, no infinito como no infinitesimal, a Vida se estende ininterrupta, integral, harmonizante com a manifestação das mais variadas vibrações.

ESPAÇO E TEMPO

Para o espírito, todas as grandezas se confundem, porque ele está em toda parte e em qualquer tempo.

Espaço e Tempo, aliás, com iniciais minúsculas, são duas relatividades que só interessam aos meios físicos. Com letras maiúsculas, no entanto, representam concepções absolutas que a linguagem humana é demasiado pobre para definir, diante da grandeza do Infinito.

Para a Inteligência Universal há — com respeito a Espaço e Tempo — somente uma espécie de Presente Eterno, idéia que não pode ser bem compreendida neste mundo de tamanhas limitações.

Assim, por mais altas que sejam as velocidades não passam de expressões relativas igualmente subordinadas ao meio físico, pois no campo espiritual outros princípios, outras leis regem a vida.

Em sua essência primordial, apenas como Força, o espírito poderá fazer-se presente, instantaneamente, tanto num mundo como noutra, dentro do seu raio de ação, utilizando-se, tão-somente, do campo imantado afim da Força Infinita, componente do Todo.

Essa Força, penetrando e envolvendo todos os corpos do Universo, enche literalmente o Espaço.

Quedando-se o homem na contemplação do Universo, em meditação sobre as incomensuráveis grandezas do Infinito, a perscrutar o sentido criador da vida e o poder ilimitado da Inteligência Universal, há de perceber — se não estiver demasiadamente dominado pelas emoções terrenas — que não passa de um ser de reduzidíssimas dimensões diante da grandiosidade do Universo, e se compenetrará, então, da grande, da imensa caminhada que terá de fazer na longa, na interminável estrada da evolução.

NEM PAIS NEM FILHOS

Os grandes espíritos que encarnaram neste mundo para auxiliar o progresso da grei humana, fizeram-no movidos pela ação consciente do dever. Nunca para atender à vontade de quem quer que seja, e muito menos de um suposto pai celestial.

Na esfera espiritual não há pais nem filhos. O que há, o que existe, em verdade, é uma enorme comunhão de espíritos numa infinita graduação evolutiva, em que todos os seres — todos, sem exceção — têm uma origem comum: a Força Criadora ou Inteligência Universal.

Nos mundos dispersos pelo Espaço, encontram-se — usando de reduzidos números para facilitar a compreensão humana — milhões e milhões de espíritos em cada plano de evolução.

Aqui mesmo na Terra têm encarnado, embora raramente, espíritos de evolução superior ao meio para auxiliarem a humanidade a progredir, sendo que inúmeros outros, do mesmo grau de evolução, estão desenvolvendo atividades espirituais em outras regiões do Universo.

Quanto mais adiantado o espírito, tanto maior o desejo que sente de auxiliar a evoluir o semelhante.

Daí a razão de submeter-se, voluntariamente, ao sacrifício de encarnar em mundos da espécie deste, quando a vida, nos planos correspondentes ao seu adiantamento, embora sempre trabalhosa, decorre num ambiente de incomparável bem-estar comum.

Negarem a Jesus o valor, o mérito de haver conquistado a sua evolução espiritual à custa de grandes lutas, de trabalhos, de sofrimentos, de desencarnações e reencarnações, atribuírem as qualidades, a nobreza, os altos atributos que possui esse grande espírito ao privilégio de uma suposta filiação divina, é erro grave que cometem, além de demonstração de lamentável ignorância relativamente à vida espiritual.

Quem demonstra maior valor, o líder que ascendeu ao posto com esforço e merecimento próprios, depois de haver vencido todas as etapas que o levaram à plenitude da experiência e do saber, ou o que foi singularmente colocado nessa posição, com fundamento na hierarquia de antepassados?

Os adoradores de Jesus classificam-no, obcecadamente, nesta segunda posição, influenciados pela concepção deísta. Para esses, o valor de tão admirável e evoluído espírito está mais na filiação ao hipotético deus-pai, do que nos seus próprios méritos, quando, na verdade, deve exclusivamente a si mesmo tudo quanto adquiriu e continua a adquirir para aumentar, mais ainda, os seus valiosos atributos espirituais.

DEZESSETE CLASSES

Os espíritos que fazem a sua evolução neste planeta pertencem às primeiras dezessete classes, de uma série de trinta e três.

Essas classes e essas séries são aqui mencionadas apenas — tal a importância da matéria — para facilitar a compreensão do leitor.

Acima da classe décima-sétima, só eventualmente um ou outro espírito encarna neste mundo, não por exigência da sua evolução, mas para

auxiliar a humanidade a levantar-se espiritualmente, numa bela e espontânea manifestação de abnegação e desprendimento.

Milhões de outros, de igual categoria, embora não encarnando, se dedicam (principalmente por intermédio das Casas Racionalistas Cristãs) a auxiliar astralmente o progresso dos seus semelhantes menos evoluídos, encarnados neste planeta.

Distribuídos na série de trinta e três classes, de acordo com o grau de desenvolvimento de cada um, os espíritos fazem a sua evolução partindo da seguinte ordem de mundos:

- a) mundos materializados — espíritos da 1^a à 5^a classes
- b) mundos opacos — espíritos da 6^a à 11^a classes
- c) mundos brancos — espíritos da 12^a à 17^a classes
- d) mundos diáfanos — espíritos da 18^a à 25^a classes
- e) mundos de luz puríssima — espíritos da 26^a à 33^a classes

Os mundos dividem-se, ainda, em duas grandes categorias: mundos de estágio e mundos de escolaridade.

Para os primeiros, vão os espíritos que desencarnam e deixam a atmosfera da Terra, cada um ascendendo ao mundo correspondente à sua própria classe, pois neles não estagiam espíritos de classes diferentes.

MUNDOS DE ESCOLARIDADE

Os mundos de escolaridade são de natureza idêntica ao nosso planeta. A eles chegam, por tal razão, espíritos de várias classes para promover, entre si, o intercâmbio de conhecimentos intelectuais, morais e espirituais.

A Terra é um mundo de escolaridade em que as dezessete primeiras classes da série de trinta e três promovem a sua evolução, partindo da primeira e chegando à décima-sétima, em períodos que variam muito, de espírito para espírito, mas que se elevam, sempre, a milhares e milhares de anos.

Para a ascensão de uma classe a outra imediatamente superior, não existem privilégios nem proteções. O princípio de justiça funda-se na lei da igualdade. Todos têm de enfrentar idênticas dificuldades e chegar ao triunfo pelo próprio esforço.

O mau aproveitamento de uma encarnação resulta, inapelavelmente, na necessidade de repeti-la, tendo o espírito de passar pelas mesmas

atribuições até conseguir dominar os vícios e as fraquezas e recuperar o tempo que perdeu.

Conforme está explicado no Capítulo 6 desta obra, quando no mundo que lhe é próprio tem o espírito conhecimento do que se passa nos mundos das classes inferiores à sua, mas ignora o que ocorre nas superiores.

Constatando, porém, as enormes vantagens da ascensão a classes mais elevadas, vive sob o incontido desejo de passar para a frente, a fim de alcançar novos conhecimentos e conquistar mais amplos atributos espirituais.

No mundo correspondente à sua classe, o espírito traça os planos para a nova encarnação que deseja, ardentemente, aproveitar ao máximo. Sua maior esperança é não perder tempo na Terra, não fracassar, não tornar inútil o sacrifício de encarnar.

Os espíritos das classes inferiores, especialmente os da primeira, encarnam sob a orientação de outros mais evoluídos. Esses espíritos são como as crianças que precisam de quem as acompanhe ao Jardim de Infância.

Nos mundos de escolaridade, as emoções fazem parte da vida cotidiana. Essas emoções são experimentadas, indistintamente, por todos os seus habitantes. Quando o homem se torna superior às sensações da pobreza e da fortuna que completam o quadro das referidas emoções, aí sim, o sentido da vida espiritual começa nele a despertar.

À medida que evolui, vai o espírito se tornando conhecedor das coisas do Espaço. Se na Terra tanto há que aprender, muito mais, ainda, no Universo. A este, oferece campo o Espaço. O Universo, porém, representa a evolução em marcha.

Prendem-se umas às outras — como elos de uma só corrente — estas três expressões: Espaço, Universo e Evolução. Pesquisar o Espaço, por isso, é estudar o Universo e reconhecer a Evolução.

Há um dever que a todos atinge por igual: Trabalhar para evoluir. Cada qual precisa ocupar o seu lugar e esforçar-se por dar conta das suas atribuições, certo de que tem no Espaço uma posição definida e insubstituível.

Milhões de espíritos encarnados no planeta sentem-se apreensivos por falta de uma bússola norteadora.

Se a que Jesus trouxe, há cerca de vinte séculos, não tivesse sido parcialmente desimantada pela ganância especuladora, muitos e muitos milhões de seres ainda encarnados teriam, há muito, concluído o curso na Terra, e estariam a exercer as suas atividades noutras regiões do Espaço.

Tempo perdido não se recupera. É como as águas passadas que não movem moinhos. Ao Racionalismo Cristão cabe uma grande e sublime missão, ainda que bem árdua e por muitos não compreendida: restabelecer a Verdade e reimplantar os magníficos ensinamentos de Jesus na Terra.

CAPÍTULO III

A AURA

A aura, que envolve todos os corpos vivos dos três reinos da natureza, é uma emanção da Força Inteligente, podendo ser observada pelas pessoas que tiverem desenvolvida a faculdade mediúnica da vidência.

Mais densa junto à periferia do corpo, ela se diafaniza, gradativamente, daí para a sua própria periferia externa.

A visão astral, quando principia a desenvolver-se, apenas distingue a porção de maior densidade da aura. A sua observação mais profunda, porém, é somente possível aos que possuem a vidência suficientemente apurada.

A coloração da aura dos corpos minerais apresenta-se, de certo modo, constante. Nos corpos vegetais a vida já demonstra ação evolutiva mais avançada e variável. As plantas, no viço da existência, e as madeiras, na sua utilização industrial, apresentam auras diferentes que correspondem à transformação operada nestas.

Nos animais inferiores aumenta a variação das cores áuricas, que se alteram de acordo com as suas condições de saúde, o estado de calma ou de irritabilidade, de coragem ou de temor, de boa ou má nutrição e, ainda, com a idade viril ou de senilidade.

É a aura humana que, pela grande variação de cores, apresenta maior complexidade de análise pois, além de revelar o estado de evolução de cada indivíduo, retrata a suas tendências, a índole, o grau de inteligência, a capacidade de raciocínio, a sensibilidade de consciência e, finalmente, a natureza dos seus pensamentos.

Ainda que pareça uma única, são três, na realidade, as auras humanas: a do espírito, a do corpo fluídico e a do corpo físico, cada uma das quais correspondendo à natureza do corpo de que emana.

A aura do corpo físico, que é a emanção de todas as partículas da matéria organizada nele contidas, pode ser observada durante o sono sem a interferência das outras duas, quando o espírito e o corpo fluídico dele se afastam.

Verifica-se, então, ser ela esbranquiçada e transparente (como se constituída de fios de cabelos esticados) se o corpo estiver são, e curvos e caídos, se enfermo.

A aura do corpo fluídico, de tenuidade inferior à dos outros corpos, é quase invariável. Nenhuma, porém, se compara com a do espírito que, por sua intensidade e a variedade de cores, define, com fidelidade, a natureza das suas vibrações.

Os dois extremos opostos, na gama dos sentimentos alimentados pelo espírito, são identificados na aura pelas cores preta e branca.

A branca, límpida, cristalina, sem manchas, exterioriza a forma mais alta do desenvolvimento espiritual. A negra, os mais baixos e animalizados sentimentos.

Entre as auras preta e branca existe, de um extremo ao outro, imensa variedade de cores, cada qual definindo um estado, uma emoção, um sentimento, imperfeitos, já se vê, porque a meta a ser alcançada é a perfeição, traduzida pelo branco.

A visão física apenas pode distinguir as cores do espectro solar e suas associações. Existem, no entanto, inumeráveis outras que, embora escapando aos olhos físicos, fazem parte da seriação das cores áuricas do espírito.

A aura humana varia de cor, de acordo com o pensamento das criaturas. Em estado de calma e tranqüilidade, ela se manifesta por uma coloração própria, reveladora do grau de evolução do espírito.

Como, entretanto, essa evolução se processa com a eliminação progressiva dos sentimentos inferiores, a cor áurica, representativa do estado de evolução, é composta de numerosas outras cores combinadas, cada uma significando a presença de determinado sentimento, emoção ou paixão.

Na ordem evolutiva, cada indivíduo bem intencionado procura despojar-se dos defeitos que vai notando em sua própria personalidade, mas conserva os que lhe escapam. Esse procedimento, assim mesmo, varia de pessoa para pessoa.

Uns, enquanto procuram dar combate à vaidade, esquecem-se da avareza; outros, esforçando-se por dominar a inveja, deixam-se levar pela luxúria, e assim por diante.

Disso resulta modificar-se de indivíduo para indivíduo a cor habitual ou própria da aura. E essa cor habitual ou própria vai mudando, paulatinamente, à medida que o caráter vai melhorando.

Ela está sujeita, ainda, a mutações repentinas e passageiras. Basta deixar-se o ser assaltar por uma emoção qualquer, para que a sua aura tome, imediatamente, a cor que essa emoção traduz. É que a emoção

produz uma vibração correspondente, e esta, dominando o campo da aura, se impõe com a sua cor própria, característica e latente.

As cores habituais da aura definem, de um modo geral, o caráter do indivíduo, ao passo que as cores passageiras expressam as paixões ainda não sopitadas e destruídas.

A leitura da aura só poderá ser feita com exatidão por espíritos evoluídos conhecedores de toda a sutileza da alternância e combinação de cores, já que numa mesma cor cada tonalidade possui uma expressão ou significado particular, e cada combinação de duas ou mais cores ou tonalidades exige novas definições.

Os componentes do Astral Superior têm a aura invariavelmente branca porque, depois de atingir aquele estado, sua natureza passa a ser inviolável.

Muito embora esteja a aura oculta, em parte, à visão humana, precisa a criatura habituar-se a ser honesta, leal, verdadeira, não por medo de que os outros descubram a inferioridade da sua personalidade interior, mas por dever de consciência, por dignidade própria, pelo respeito que deve a si mesma e pelo esclarecimento relacionado com a vida.

Só assim o caráter do ser humano se lapida, se brune, se aperfeiçoa, se solidifica, sob condições estruturais indestrutíveis, de maneira que, em qualquer situação, as atitudes que pratica revelem sempre a alta qualidade dos seus atributos morais.

CAPÍTULO IV

O PENSAMENTO

O pensamento é vibração do espírito, manifestação da inteligência, poder espiritual.

Ao atingir determinada fase evolutiva, sente o espírito necessidade de dar expansão aos seus conhecimentos, alargar os horizontes da inteligência e, cada vez mais, fortalecer os princípios morais que for aperfeiçoando de encarnação em encarnação, na rota da existência.

Pensar é raciocinar, é criar imagens, conceber idéias, construir para o presente e o futuro. É pelo pensamento que a criatura resolve, soluciona, descobre e esclarece os problemas da vida.

O espírito imprime ao pensamento a própria força de que é dotado. Como o som e a luz, ele também faz todo o seu percurso em ondas vibratórias que ficam registradas no oceano infinito da matéria de que é provido o Universo e, com facilidade, pode tornar-se conhecido de todos os espíritos, desde o instante em que é emitido. Daí a impossibilidade de ser alterada a verdade na vida espiritual.

Todo processo da evolução está fielmente impresso no Livro da Vida. As boas e as más ações, os pensamentos inferiores, como os elevados, ali se encontram gravados indelevelmente. Os pensamentos antecedem as ações. Assim, tudo o que é feito, todos os atos dignos ou indignos são o resultado de pensamentos também dignos ou indignos. "Quem mal faz para si o faz" — dizem as leis espirituais — e com que razão o dizem!

Os pensamentos ficam ligados à sua fonte de origem enquanto permanecer o sentimento que os gerou. Eles estabelecem verdadeiros climas ambientais proporcionadores de saúde ou de enfermidades, de alegria ou de tristeza, de triunfo ou de fracasso, de bem ou mal-estar.

Formando correntes que se cruzam em todas as direções, têm como fonte alimentadora os próprios seres encarnados e desencarnados que os emitem.

Muitas dessas correntes são, além de doentias, terrivelmente avassaladoras. Elas chegam mesmo a exercer acentuada predominância sobre as benéficas, pela grande inferioridade espiritual de que está saturada a atmosfera deste planeta.

Pensando mal o ser humano não só transmite, mas também capta na mesma intensidade, queira ou não, pensamentos afins e os efeitos desses pensamentos maléficos. Essas correntes produzem os mais sérios danos em distúrbios físicos e psíquicos.

A educação e o fortalecimento da vontade têm importância fundamental na ação de governar os pensamentos. Aprendendo a fortalecer-se com sentimentos repletos de valor, o ser humano criará em torno de si uma barreira fluídica de tamanha rigidez que os pensamentos maléficos dos espíritos obsessores não terão força para quebrar.

Ânimo resoluto para pensar e deliberar é condição que se impõe. Temores e indecisões conduzem ao fracasso. O pensamento racionalmente otimista deve prevalecer, sempre e sempre, porque — quando aliado à ação — se constitui numa força capaz de demolir os mais sérios obstáculos.

Pensamentos de valor e de coragem, de firmeza e decisão, atraem vibrações de outros pensamentos de formação idêntica, produzindo um ambiente de confiança capaz de conduzir ao sucesso.

REVESES

Jamais o espírito se deverá deixar abater. Um revés não significa mais que um incidente passageiro. Ele deve servir para chamar a atenção para algo que foi negligenciado ou que era desconhecido. Muitas vezes chega até a ser útil.

De qualquer modo, sempre há de haver uma experiência a colher e uma lição a guardar de cada insucesso que ocorre.

Na vida nada acontece por acaso. Tudo tem a sua explicação, o seu motivo, a sua causa, a sua razão de ser. Ninguém pode aprender somente com o êxito, pois também se aprende, e muito, com o insucesso. A felicidade, a saúde e o bem-estar não seriam tão desejados, se fossem desconhecidas a desgraça, a doença e a miséria.

Diante disso, ninguém deve esmorecer. O lema é sentir o mal para evitá-lo, para combatê-lo, para destruí-lo, e conceber o bem para conquistá-lo, para atraí-lo, para integrá-lo nos hábitos e costumes de todos os dias.

Nessa conduta reflete a ação soberana do pensamento que sobressai, por representar uma força motriz de prodigiosa capacidade para derrotar os obstáculos.

Essa força do pensamento varia com a educação da vontade. A vontade fraca anima o pensamento débil; a vontade forte, o pensamento vigoroso.

Não é, pois, dando acolhimento às vibrações enfermias do pessimismo, do desânimo, da malquerença, da inveja, da ingratidão, do ódio, da vingança, da perversidade e da indolência que o indivíduo se fortalece e resolve os seus problemas. Antes entorpece a mente e se arruína com essas vibrações.

SABER PENSAR

O pensamento se cultiva, se aperfeiçoa, se aprimora e fortalece pelo poder consciente da vontade. Pensamentos fortes são claros, refletidos e bem definidos.

Com maior facilidade se concretiza um ideal quando se sabe pensar firmemente e se põe em ação uma vontade repleta de energia.

Saber concentrar-se em determinado assunto dando asas à imaginação com o propósito e o empenho de estudá-lo bem, de descobrir todas as suas nuances, toda a multiplicidade de aspectos, todas as diferentes formas de interpretação e até mesmo as suas modalidades sofisticadas, constitui exercício de excepcional importância para chegar ao domínio absoluto do objeto desse estudo.

Em todos os casos, porém, precisa o estudioso exercer severo controle sobre si mesmo, para não colocar na apreciação dos fatos em exame as suas simpatias, interesses egoísticos ou mesmo a influência da presunção e do convencimento de que se ache possuído, pois estes oferecem, invariavelmente, uma visão deformada das coisas e acabam por levá-lo a conclusões falsas.

Para ser construtivo, progressista, realizador e útil ao Todo, o pensamento precisa ser límpido, cristalino e escoimado das deformidades espirituais ocasionadas pelo viver desmetodizado, pela egolatria e pela pressuposta infalibilidade das opiniões que conduzem ao fanatismo das idéias fixas.

É comum ouvir-se dizer que a união faz a força. Nada mais exato, tanto no sentido material como no espiritual. A influência do meio é da maior importância para o bem-estar do espírito. Vários indivíduos de má índole e inferior educação, ligados uns aos outros e a terceiros por pensamentos afins, produzem vibrações muito mais perniciosas do que as emitidas apenas por um deles.

Por esse exemplo, se vê que todo indivíduo deve saber preparar-se mentalmente, sempre que tiver de penetrar em qualquer mau ambiente. Esse preparo consiste no pensamento vibrado com sabedoria, elevação, consciência e confiança em si mesmo.

O vigor do pensamento emitido por criatura mentalmente sã e esclarecida cresce na medida das necessidades do momento, amplia-se, expande-se e supera qualquer corrente de pensamentos inferiores, pela atração que exerce da Força afim, universal, cujo poder é infinito.

FORÇA DO PENSAMENTO

A força do pensamento tem como medida o grau de evolução do ser humano, e como limite a capacidade que este possuir de utilizar-se do seus atributos espirituais.

Ela deverá ser sempre desenvolvida com o objetivo de favorecer ao bem comum. Desde que o ser humano cresça na consciência de si mesmo e se identifique com as suas poderosas faculdades latentes, encontrará na força do pensamento o instrumento seguro e eficaz para a realização de todos os seus anseios e aspirações e a proteção da sua saúde física e mental.

A história da medicina registra inumeráveis casos de doenças graves cujas curas, por muitos consideradas milagrosas, apenas se deveram à reação espiritual dos próprios enfermos e à atração que souberam exercer das Forças Superiores.

A sublimação do pensamento traduz um estado de consciência sensível à evolução do espírito e propício à conquista da felicidade interior e do bem-estar proporcionado por essa felicidade.

O espírito cria a imagem pelo pensamento e só depois a materializa para determinado fim. Vejam-se as maravilhas da pintura universal. Observe-se a riqueza, a magnificência da obra que consagrou e imortalizou tantos e tantos artistas, através dos tempos. Pois nenhuma delas foi lançada na tela sem que o pintor a tivesse mentalmente concebido em todos os seus detalhes.

O mesmo acontece com o engenheiro. Antes de desenhar o edifício, a máquina, o aparelho, o instrumento, a peça, ele os estuda e examina nos seus mínimos pormenores.

Com o pensamento em ação, engendra primeiro o esboço, corrige depois as prováveis falhas até que a imagem do que vai exteriorizar e materializar no papel esteja mais ou menos perfeita.

De toda a obra humana — toda, sem exceção — criou o espírito a imagem pela ação do pensamento, e só depois a materializou. E se assim ocorre na Terra, muito mais no Espaço onde o poder do pensamento criador é incomparavelmente maior.

Evolução significa, acima de tudo, poder criador. Quanto mais evoluído o espírito, mais poderoso se torna o seu pensamento e a sua capacidade de criar.

Um homem atrasado, por mais nefasta que seja a sua atividade, não pode ultrapassar certos limites impostos pela indigência do raciocínio e pela pobreza mental de que é dotado. Um espírito evoluído, um cientista, por exemplo, se fosse utilizar os recursos de sua inteligência para o mal, poderia causar uma obra verdadeiramente devastadora.

E se isto é possível num mundo tão modesto, de tão reduzida evolução espiritual, imagine-se a imensa força criadora, o extraordinário poder de realização dos espíritos altamente evoluídos cujas atividades são exercidas em planos mais elevados.

O pensamento vigoroso emana do espírito forte, adestrado, experiente. Em cada encarnação bem aproveitada, trabalha ele conscientemente, para melhorar, ainda mais, a sua personalidade psíquica.

E é na ordem deste progresso que crescem o poder do pensamento e a capacidade de conceber, de criar, de realizar obras, cada qual mais importante.

O grande repositório da sabedoria não está na Terra, mas no Espaço Superior. Os progressos avançados da moderna tecnologia não seriam ainda conhecidos, se muitas das suas parcelas não tivessem sido transmitidas aos seres humanos pela via da intuição, vale dizer pela força do pensamento, diante da qual todas as distâncias se anulam.

Das riquezas espirituais que a criatura tem forçosamente de conquistar neste planeta, assume papel de excepcional relevo a faculdade do pensamento, de cujo poder concentrado e abrangente depende a racional solução de todos os problemas da vida.

CAPÍTULO V

A OBSESSÃO

A obsessão é um dos males de que mais sofre a humanidade.

Seu perigo maior está precisamente em não ser percebida nos seus aspectos menos chocantes pelos que desconhecem as verdades espiritualistas que o Racionalismo Cristão difunde, principalmente na parte referente à vida fora da matéria.

A obsessão pode apresentar-se de forma sutil, amena, periódica, permanente, branda ou violenta.

Nas formas sutis e amenas, manifesta-se por manias, pavores, esquisitices, fobias, cacoetes, excentricidades, exotismos, extravagâncias, paixões, fanatismos, covardia, indolência e por todos os excessos, como os sexuais, os de comer, os de rir ou chorar, e muitos outros.

No Capítulo 17, que trata da mediunidade, vimos como agem os espíritos obsessores sobre os indivíduos que os atraem com pensamentos afins.

Apesar de toda a ação deletéria que as forças do astral inferior exercem sobre a humanidade, forçoso é reconhecer que a culpa da obsessão cabe, em grande parte, às próprias vítimas, por haverem, quando sãs, alimentado os pensamentos com que formaram as correntes de atração em que se apoiaram os obsessores.

Está exaustivamente demonstrado nesta obra — e os fatos o vêm, todos os dias, confirmando — que os pensamentos de perversidade, de vingança, de ódio e outros semelhantes, vibram em todas as direções do espaço inferior, estabelecendo imediato contato entre quem os emite e os espíritos obsessores.

As baixas camadas do astral inferior estão, pois, ligadas, por estreita afinidade, às criaturas mal-humoradas, às vingativas, invejosas, irritadas e desonestas, assim como àquelas que alimentam fraquezas e vícios.

Essas criaturas, ainda mesmo quando não aparentem estar obsedadas, criam um clima profundamente danoso a si mesmas e aos membros das famílias ou pessoas com quem convivem, forçados uns e outros a participar do mesmo ambiente, sem possuírem os esclarecimentos capazes de minimizar os efeitos perniciosos da má assistência.

O resultado é, quase sempre, a perturbação ou obsessão dessas pessoas, em qualquer das formas benigna ou violenta.

Nem sempre o espírito obsessor tem consciência do mal que produz. Ele é também vítima dos erros que praticou, quando encarnado, pelo desconhecimento da vida fora da matéria.

Essa lamentável ignorância fê-lo prisioneiro do ambiente atmosférico da Terra, levado pela cegueira de falsas crenças e persuadido de que nada mais existe para os que desencarnam além do ilusório meio em que passaram a viver.

Procura, então, desenvolver qualquer atividade nesse ambiente, passando a intuir os seus ex-parentes, amigos e conhecidos, na suposição de que pratica uma boa ação ou por sentir prazer nessa atividade.

Essas intuições, se bem aceitas, fornecem estímulo para outras, estabelecendo intensa co-participação dos espíritos do astral inferior com os seres encarnados. Quando isto acontece, o caminho para a obsessão está aberto.

Os obsessores, sempre que a afinidade for intensa, não se apartam da vítima, pelo prazer que têm de permanecer onde se sentem bem. Quando a obsessão é provocada por espíritos que foram inimigos do obsedado na Terra, a ação perturbadora é exercida com maior violência contra ele, tornando-se mesmo comuns as crises furiosas.

INEXISTÊNCIA DA MORTE

A concepção da morte resulta de um conceito da vida completamente errado. Na verdade ela jamais existiu. O espírito — será necessário repeti-lo? — é um ser imperecível. Por isso, não morre nunca.

Devem, portanto, as criaturas esforçar-se por refazer-se, o mais depressa possível, do choque causado pela desencarnação de parentes e amigos, para não se enfraquecerem espiritualmente.

Diz a sabedoria popular, com justa razão, "o que não tem remédio remediado está". É perfeitamente inútil permanecer alguém a lamentar uma situação passada. A preocupação deve estar voltada para o presente, do qual depende o futuro.

Pensar — já se tem dito muitas vezes — é atrair. Todos os que se prendem pelo pensamento a seres desencarnados estacionados no astral inferior, não só os estão atraindo e perturbando mais, como retardando a sua marcha para o mundo a que pertencem, estimulando-os a permanecer em contato com as coisas terrenas, inclusive os problemas da vida familiar, e concorrendo para torná-los obsessores.

Convém insistir: os espíritos que levaram, quando encarnados, uma vida irregular, materializada e abundante de falhas, permanecem no astral inferior, não raro por decênios, agindo perversamente contra os encarnados. Sua preocupação é a intuição para o mal. Servem-se, para isso, de criaturas de vontade fraca que usam como instrumentos passivos para a consumação dos seus crimes. Daí os homicídios, os suicídios e tantas outras calamidades sociais.

Esses espíritos atuam isoladamente ou em falanges obsessoras bem adestradas para melhor alcançar os seus objetivos. Suas organizações possuem vigias atentos escalados em vários pontos, prontos para dar o sinal no instante preciso e promoverem a convocação de outros obsessores para a ação em conjunto.

Como a união faz a força, obtêm geralmente resultados satisfatórios sobre os encarnados desprevenidos e alheios às suas tramas, ora obsedando-os, ora levando-os a cometer tresloucadas ações, com os sentidos inteiramente perturbados.

Sem este esclarecimento não há quem possa fugir à influência obsessora, nem impedir que forças externas interfiram nos seus atos e em seu eu espiritual.

Só os esclarecidos que têm consciência do valor dessas poderosas forças que se chamam — vontade e pensamento —, são capazes de manter à distância os obsessores.

CAMINHOS DA OBSESSÃO

Em vários dos capítulos desta obra estão claramente indicados os caminhos que levam à obsessão — doença psíquica causada pelo mau uso do livre arbítrio, a vontade mal educada, a incontinência e desregramentos sexuais, o descontrole nos atos cotidianos, o nervosismo irrefreado, os desejos insuperáveis, a ambição desmedida e o temperamento voluntarioso.

Ao fazer mau uso do livre arbítrio, contraria o ser humano as leis naturais que estabelecem normas de vida corretas, seguras e apropriadas. Essa faculdade assegura a cada um o direito de conduzir-se por si mesmo, com liberdade e independência de ação, como convém aos seres dotados de raciocínio, mas torna-o responsável por todos os atos que pratica.

Com o raciocínio bem exercitado na solução dos problemas que constantemente se apresentam, tendo sempre presente o aspecto honrado

da questão, todos podem manter-se dentro das regras de boa conduta, fazendo assim uso adequado do livre arbítrio.

Os que se afastam desse caminho fazem-no porque querem, porque se deixaram enfraquecer, e o enfraquecimento enseja a atração de espíritos do astral inferior que, em maior ou menor espaço de tempo, acabam por produzir a obsessão.

A vontade mal educada provém da indolência, da indiferença e da negligência para com as coisas sérias da vida. O indolente está sempre à espera de que os outros façam o que ele próprio deve fazer. Não gosta de horários e tem horror à disciplina. Inimigo do trabalho e da ordem, nada faz pelo progresso.

Está, por isso, situado no plano dos parasitas. Enquanto o mundo exige atividade, dinamismo e ação, o indolente observa o que se passa sem vontade de participar ativamente do movimento que reclama a sua presença.

Ninguém se pode eximir do dever de trabalhar e de procurar no trabalho a verdadeira satisfação da vida. O Universo inteiro é uma oficina de trabalho permanente, em que todos precisam ser operários ativos e diligentes.

Os que assim não procedem ficam colocados espiritualmente num plano inferior da vida, não passando de marginais, como marginais são os espíritos do astral inferior com os quais, por força da lei de atração, se associam.

Na incontidência e desregramentos sexuais, estão os germes do materialismo obsedante, cujos pilares são a luxúria e outros vícios. Subjugado a esse estado, dá o ser humano expansão aos seus instintos animalizados, proporcionando franco acolhimento aos espíritos do astral inferior, seus afins, que concorrem para obsedá-lo.

Todos os atos cotidianos precisam ser executados com o maior critério e honestidade. A organização social obedece a um esquema cujos traços principais definem a posição que os seres devem adotar no intercâmbio das relações humanas, sem perder de vista o respeito próprio e o devido ao semelhante.

Para esse fim, precisam ter controle nas suas atitudes, domínio sobre si mesmos e o raciocínio em ação. O descontrole em atos e palavras, além de gerar ofensas e, muitas vezes, arrependimentos, dá causa a freqüentes ressentimentos que custam a passar e criam antipatias e inimizades.

IRRITAÇÃO, DESCONTROLE E AMBIÇÃO DESMEDIDA

Os espíritos do astral inferior gostam de aproveitar-se dos seres descontrolados, irritadiços e irrefletidos que não pensam antes de falar, para se divertirem com os efeitos de sua atuação.

Seres descontrolados são, pois, instrumentos do astral inferior e, se não estão obsedados, caminham para a obsessão.

O nervosismo desenfreado traz a irritação, a intolerância, a irreflexão e a imprudência — males que conduzem a deplorável estado psíquico — pelo que deve ser severamente controlado, por ser o agente de perturbação que mais facilita a atuação de espíritos obsessores.

O neurótico, de um modo geral, cuida pouco da saúde e não se esforça por dominar os seus ímpetos. O resultado é estar sempre caindo nas malhas insidiosas do astral inferior, seguindo o caminho desastrado da obsessão.

Desejos insuperáveis são aspirações inatingíveis. Há indivíduos de desmedida ambição que nunca se contentam com o que possuem. Sempre queixosos, acham que merecem mais, vivendo em permanente estado de insatisfação.

É perfeitamente racional — e até elogiável — que cada um procure melhorar as condições de vida e não poupe esforços para alcançar essa melhoria. Isso não se consegue, porém, com desânimo e lamúrias que só servem para agravar as situações difíceis e debilitar as energias espirituais.

A ambição sem limites, associada à revolta íntima, produz mau-humor, do qual se aproveitam espíritos do astral inferior para atuar sobre os revoltados, incutindo-lhes na mente os mais sombrios pensamentos capazes de os levarem à obsessão e, por via dela, a outros males.

A lei da atração não falha. Ao seu império, todos estão sujeitos. O ser humano precisa compenetrar-se da transitoriedade das coisas que pertencem à Terra. A escravização aos valores materiais, tão facilmente perecíveis, além de atrasar a evolução espiritual, tem causado muitos e muitos sofrimentos.

A ambição comedida é natural. A desenfreada, uma fobia em que o egoísmo e a egolatria influem decisivamente. Os ambiciosos e descomedidos não olham os meios para obter os fins: lesam, usurpam e açambarcam. Domina-os a idéia obsessiva do ganho rápido, mesmo através de manobras extorsivas e escorchantes.

Para esses, não existem contemplações nem meios-termos. A determinação é avançar. Arquitetam golpes ousados, pouco lhes importando que eles firam os preceitos da moral e da honradez.

O mundo está cheio desses tipos que são, em grande parte, a causa do seu desequilíbrio econômico. Eles estão divididos em dois gigantescos blocos: um na Terra especulando e agindo com enorme desembaraço e astúcia, e outro igualmente ativo e astucioso, no astral inferior, composto de desencarnados que procediam neste mundo como procedem os seus atuais parceiros encarnados.

Os dois blocos, intimamente associados, gozam da mesma volúpia que alimenta a obsessão de um e de outro.

TEMPERAMENTO VOLUNTARIOSO

O temperamento voluntarioso reflete a personalidade egocêntrica dos que entendem que a razão está exclusivamente do seu lado e querem impor aos outros as próprias idéias.

Esses indivíduos estão freqüentemente em choque com os demais, mesmo que tais choques não sejam exteriorizados, e nada é mais divertido para os espíritos do astral inferior do que assistirem aos choques humanos. Isso assanha os obsessores. Como andam sempre à espera do momento propício que lhes permita a atuação, o indivíduo voluntarioso vive marcado por eles. A cada passo lobrigam o ensejo de armar um atrito. Na falta de outra ocupação, esta, para eles, é absorvente.

O voluntarioso irrita-se, facilmente, quando o ponto-de-vista alheio não coincide com o seu, tornando-se um fomentador de contrariedades.

Não é preciso salientar o que essa forma de obsessão — aliás comuníssima — representa para os seres humanos.

Insidiosamente, vai ela penetrando, com lentidão, no subconsciente, até tomar conta da criatura. Esta, não se apercebendo do envolvimento de que está sendo vítima, não reage, não se opõe, não dá importância ao mal que, por força do hábito, acaba por tornar-se-lhe agradável, facilitando o domínio dos obsessores que passam a ser mais atuantes, mais violentos e difíceis de afastar.

Todo cuidado é pouco, e só o conhecimento de como se processa a evolução assegura ao indivíduo as condições, os recursos, os meios de defender-se da obsessão.

As atrações apaixonantes, pelo prazer e o impulso convidativo com que impelem as vítimas para as suas cariciosas redes, são as mais

perigosas. Até os esclarecidos primários rolam, às vezes, por esse despenhadeiro.

ABALOS MORAIS E ROTEIRO SEGURO

Ninguém se deve deixar abater. Há momentos na vida em que os abalos morais — alguns de grande intensidade — sacodem, impiedosamente, a alma humana. A esta, porém, não faltam forças para reagir e dominar a situação, principalmente quando se apóia no conhecimento da vida real e da verdade. São esses conhecimentos as suas armas e os seus escudos mais fortes porque, quando bem manejados, levam sempre ao triunfo.

Quantas e quantas vezes a simples partida de um ente querido para o além — coisa tão natural na vida — conduz ao inconformismo, à aflição e ao desespero!

Com isto o espírito desencarnado, não esclarecido, se aflige, sofre, procura intuir para acalmar e, como não o consegue, acaba por tornar-se obsessivo, perturbando e levando à obsessão o intuído.

O melhor procedimento dos que ficam para com os que partem é elevar o pensamento à Forças Superiores com firmeza e convicção, envolvendo-os na ternura e no calor da irradiação amiga para auxiliá-los a romper a camada atmosférica terrestre e a seguirem para os mundos a que pertencem.

Empenha-se o Racionalismo Cristão em oferecer aos seres humanos um roteiro seguro para uma vida sadia e evolutiva. É a finalidade desta obra.

Grande parte da humanidade é vítima da obsessão, exatamente por desconhecer os recursos, os elementos, os meios que tem ao seu alcance para evitá-la ou livrar-se dela.

Alguns sintomas do estado inicial da obsessão podem ser observados nos seguintes casos:

- 1) tendência para dar risadas sem motivo ou a pretexto de coisas fúteis;
- 2) manifestação de cacoetes;
- 3) vontade de chorar, sem razão plausível;
- 4) comer exageradamente;
- 5) estar sempre com sono;
- 6) sentir prazer na ociosidade;
- 7) exteriorização de manias;

- 8) idéias fixas;
- 9) fazer gracinhas tolas;
- 10) amofinar, persistentemente, o próximo;
- 11) repetir, mecanicamente, o mesmo dito;
- 12) deixar-se dominar por paixões;
- 13) prevenções descabidas;
- 14) casmurrices;
- 15) práticas viciosas;
- 16) atos de ostentação;
- 17) explosões temperamentais;
- 18) mistificação;
- 19) dizer mentiras;
- 20) expressar-se licenciosamente;
- 21) revelar covardia;
- 22) usar palavrões;
- 23) demonstrar fanatismo;
- 24) gesticular e falar sozinho;
- 25) ser sistematicamente importuno;
- 26) ouvir e ver coisas fantásticas;
- 27) gastar acima do que deve e pode;
- 28) manias de doença;
- 29) descuidar-se das obrigações no lar e no trabalho;
- 30) abandonar os deveres caseiros, ausentando-se do seio da família;
- 31) viver num mundo distante, sonhadoramente; e,
- 32) provocar ou alimentar discussões.

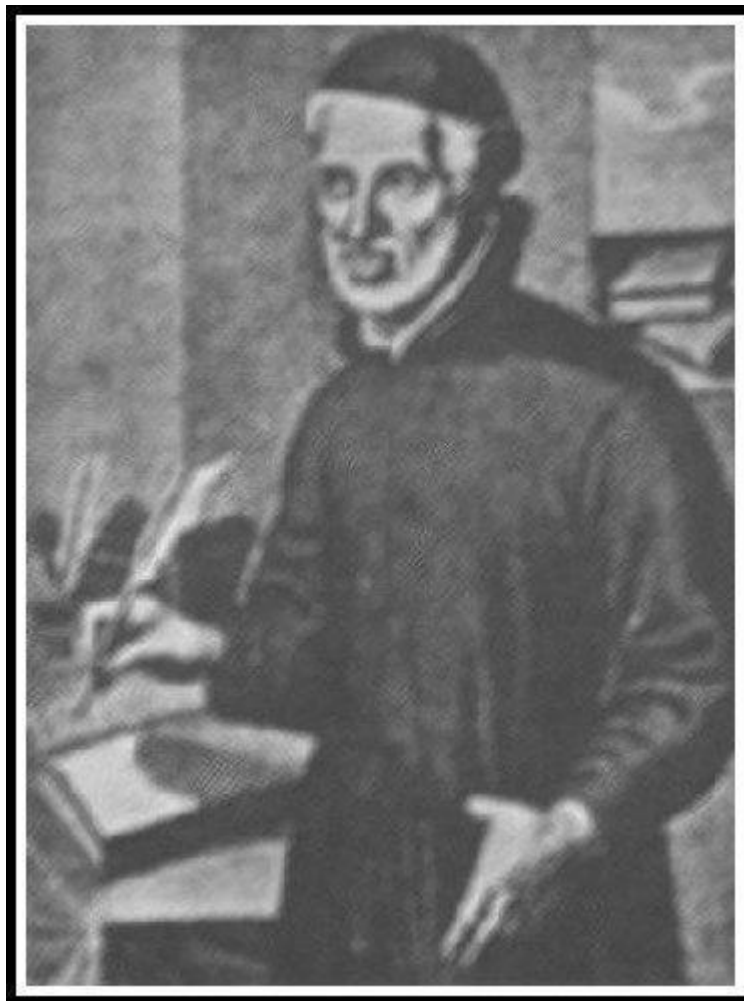
Qualquer destas atitudes, ainda mesmo quando não constitua um estado de anormalidade mental adiantada, predispõe à obsessão.

Não é demais insistir neste ponto: a linguagem dos espíritos desencarnados é o pensamento. Pelo pensamento identificam eles os sentimentos das criaturas, as suas intenções e tendências, e disso se prevalecem os obsessores para estimular, pela intuição, os vícios e as fraquezas humanas.

Por higiene mental, não se deve pensar em intrigantes, caluniadores, desafetos e, em geral, nas pessoas de maus sentimentos.

Pensar em tais seres é ligar-se à sua má assistência espiritual, receber influências malignas e correr o risco de avassalamento.

ANTÔNIO VIEIRA



Tendo vivido entre 1608 e 1697, sobretudo em Portugal e no Brasil, foi sacerdote jesuíta, pregador da corte de Portugal e conselheiro do rei, embaixador político, missionário e militante antiesclavagista. Vieira foi um orador eloquente e um escritor esmerado. As suas obras abrangem vinte e cinco volumes, que compreendem cerca de duzentos sermões, mais de quinhentas cartas e numerosos escritos políticos e literários.

Nenhum prosador de língua portuguesa se lhe pôde comparar na exuberância e propriedade de vocabulário utilizado. Vieira foi uma inteligência poderosíssima que desfrutou da oportunidade de se manter em contato com o mundo intelectual da época - nomeadamente durante as suas missões diplomáticas na França, na Holanda e na Itália e no período de seis em que viveu em Roma - tendo-se evidenciado a ponto de ter sido considerado o maior espírito do século em que viveu.

Figura humana excepcional, teve coragem de assumir interpretações pessoais de vários temas teológicos, afanstando-se da visão conservadora e fanática da ordem dos jesuítas a que pertencia. Por isso, também foi alvo de perseguições, tendo sido preso durante alguns anos em situação de incomunicabilidade, num lúgubre cubículo de reduzidas dimensões, sem luz, mal arejado, apenas com uma cama, um cantâro, uma mesinha, um banco e um vaso de despejos. Veio a ser condenado à morte na fogueira, sentença que de fato não chegou a ser executada.

Antônio Vieira renunciava ao conforto e às situações de conveniência pessoal, mantendo-se fiel aos princípios do verdadeiro cristianismo. Nada fez para evitar que o prendessem e, uma vez encarcerado, não se deixou abater psicologicamente, mantendo intacta a sua dignidade. Reconhecia-se como Homem Imortal, e as vicissitudes por que passava não alteravam a sua força interior, consciente da inferioridade espiritual dos seus algozes e da duração passageira das injustiças destes.

Certa vez, dada a sua amizade com o rei, empenhava-se com ele em grandes negócios, quando pessoas neles interessadas, cientes da sua influência, lhe mandaram entregar uma bolsa com apreciável quantia em ouro. Para não parecer uma gratificação, sugeriram-lhe que distribuísse essa importância pelos pobres. Vieira, ao aperceber-se das intenções dos negociantes, recusou a oferta com indignação, acrescentando ao portador que, perante tal atrevimento, merecia que o fizesse descer pela janela, em vez de pela porta.

As torturas morais e materiais que lhe infligiram os membros do clero, serviram-lhe para melhor se aperceber do flagrante desvirtuamento do cristianismo, e fizeram crescer nele o desejo de trabalhar no sentido de restabelecer a Verdade nos princípios divulgados por Jesus Cristo e contribuir para uma maior espiritualização da humanidade. Anteviu e defendeu um projeto espiritualista cristão universal, baseado na teoria das reencarnações e no princípio de igualdade do homem - como Força e Matéria - perante as leis naturais e imutáveis que regem o Universo.

Não tendo conseguido essa ação remodeladora nos cerca de noventa anos de vida física, terá decidido trabalhar astralmente nesse sentido. E foi então já depois de liberto da matéria que coordenou o trabalho de fundação de uma Doutrina verdadeiramente espiritualizadora, planejando e executando uma longa série de ações que culminaram com o lançamento do Racionalismo Cristão em 1910 no Brasil.

Dessa valorosa equipa terão feito parte, entre outros, aqueles que haviam sido fisicamente Luís de Camões, Camilo Castelo Branco,

Custódio José Duarte, Emílio Zola, Fontes Pereira de Melo, João de Deus, José do Patrocínio, Joana d'Arc, Leão XIII. José de Anchieta, Sena Freitas, Venâncio de Aguiar Café, Pedro Álvares Cabral, Pinheiro Chagas, Isabel de Lencastre, Francisco de Assis, Francisco Xavier, João Batista e Vasco da Gama.

Mas a equipa que preparou e fundou o Racionalismo Cristão, contou também com os seus colaboradores no plano físico, nomeadamente os portugueses Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz. Sá através de muitas lutas, tanto no plano astral como no campo material, foi possível a ilustração verdadeira dos conhecimentos espiritualistas e cristãos.

Antônio Vieira, com a sua natureza varonil, independente, destemerosa e segura das suas convicções, foi o idealizador e o inspirador principal do Racionalismo Cristão, daí ser considerado o patrono espiritual desta Doutrina.

LUIZ DE MATTOS



Luiz de Mattos imigrou para o Brasil quando tinha 13 anos de idade. Aos 23 já era um próspero comerciante de café e aos 26, um homem rico. Sua inteligência e honestidade fizeram-no uma pessoa respeitável. Fundou várias companhias, entre elas o Banco de Santos e uma estrada de ferro.

Durante muitos anos, Luiz de Mattos foi ateu, mas era, também, um homem generoso e simples e tornou-se um benfeitor das sociedades beneficentes de Santos gastando parte de sua fortuna para ajudar os doentes e os pobres. Sua simplicidade era tanta que recusava todo tipo de publicidade relacionada com sua generosidade, mas aqueles que receberam sua ajuda não podiam evitar que se espalhasse a notícia da sua bondade.

Luiz de Mattos foi, também, abolicionista da escravatura no Brasil. Com outros, travou uma longa batalha para ajudar os escravos a escapar das suas condições humilhantes e desumanas e a se estabelecerem nos quilombos, que eram campos secretos protegidos pelo movimento anti-

escravagista. Quando, finalmente, foi aprovada a lei contra a escravidão, abolindo oficialmente aquela situação vergonhosa, Luiz de Mattos e seus amigos comemoraram esse grande evento durante dias.

Após muitos anos de viver no Brasil, Luiz de Mattos ainda era um cidadão português e altamente respeitado pelos brasileiros que o convidaram para representar o Estado de São Paulo no Senado. Entretanto, sentiu que não podia aceitar essa honra dado que era o cônsul português em Santos e, embora sentindo-se brasileiro, acreditava que devia manter sua cidadania original.

Durante anos, Luiz de Mattos não acreditou em nenhuma religião e, em especial, não podia aceitar que Jesus Cristo tivesse oferecido sua outra face para provar sua humildade. Acreditava que um homem para ser simples não precisa aceitar qualquer tipo de humilhação. Um dia, porém, quando tinha cerca de 50 anos, sofreu um ataque cardíaco e durante dias seguidos tudo que viu foi um túmulo frio cavado no chão. Sentiu uma repulsa pela vida e, então, ponderou que viver não podia ser somente aquilo que se via. Deveria haver alguma coisa mais além da vida física. Talvez houvesse uma alma, mas, o que ela seria isso ele não sabia.

Luiz de Mattos melhorou, mas, seus filhos ficaram seriamente enfermos. Ele já não sabia o que fazer até que um dia o Dr. Oliveira Botelho, médico de sua família, mencionou que ele devia tentar estudar o espiritismo científico, pois, a ciência materialista não podia explicar algumas enfermidades. A princípio foi um tanto relutante. Por insistência de seu amigo Luiz Alves Thomaz, finalmente começou seus estudos e, pouco a pouco a saúde de seus filhos melhorou bastante.

Para encurtar a história, Luiz de Mattos não apenas descobriu o espiritismo científico com também fundou e codificou uma nova filosofia baseada nos verdadeiros princípios cristãos. Após passar por tempos difíceis e ter visto a condição deplorável do caráter do ser humano, estabeleceu uma nova filosofia baseada em velhos princípios.

Luiz de Mattos fundou o Racionalismo Cristão sem poupar esforços, com a convicção de que poderia proporcionar ao mundo meios de corrigir os sérios males morais que estavam, e ainda estão, afligindo o ser humano. Sua vida - a de um homem honrado, digno, empreendedor, perseverante e destemido - foi um modelo de ação vigorosa que ficará como exemplo extraordinário na memória das gerações atual e futuras.

Nunca tentou impor a outros uma disciplina que ele mesmo não podia seguir. Não consolidou um padrão de comportamento diferente do seu. Daí a autoridade moral incomum que alicerçava suas afirmações. Este

é um exemplo da profunda convicção daqueles que sabem que podem servir de modelo de comportamento.

Luiz de Mattos foi muito cuidadoso em apresentar os princípios racionalistas cristãos numa forma simples e prática, ao alcance de qualquer mentalidade. Em consequência, seus princípios são compreendidos e respeitados por todas as camadas sociais. Esses princípios são tão simples que podem ser resumidos em uma única palavra: CONDUTA.

Um fato inegável é que com seu código da disciplina cristã, Luiz de Mattos desenvolveu uma nova mentalidade que se expande dia a dia à medida que se torna conhecida daqueles que, em sua presente encarnação, já romperam os grilhões das crenças absurdas e dos conceitos místicos. O modo de vida de toda pessoa é uma reflexão dos seus sentimentos espirituais. Não há um caminho mais fácil para aproximar o comportamento humano à doutrina cristã codificada por Luiz de Mattos do que seguir as normas de vida estabelecidas pelos princípios racionalistas cristãos.

Discurso proferido, em 24/9/1950, pelo Dr. Luiz de Souza, por ocasião da inauguração das placas da Rua Luiz de Mattos, em Niterói, RJ

Nesta solenidade em que se inaugura uma placa municipal, com o nome de Luiz de Mattos, neste logradouro público de Niterói, coube-me a agradável incumbência de representar a família ilustre de Antônio do Nascimento Cottas, a que estou ligado por laços de grande amizade.

Represento-a, nesta oportunidade, por se encontrar ela, presentemente, em viagem pela Europa. São componentes dessa respeitável família o seu ilustre genro, cujo nome venerável proferi, e sua digníssima esposa, a virtuosa escritora D. Maria Cottas, filha desse eminente vulto da nossa história, cujo nome reluz nesta placa, as netas deste e seus bisnetos. Todo um grupo descendente de um passado nobre, que constrói um presente devotado ao bem comum, e que prepara um futuro em harmonia com os supremos ideais humanos de liberdade e independência.

Luiz José de Mattos Chaves Lavrador, ou apenas Luiz de Mattos como era por todos conhecido, legou aos seus familiares, sobre quem influía, os exemplos mais alevantados de amor ao trabalho, de retidão moral, de dignidade pessoal e de liberalidade.

Subtraiu do seu nome a classificação de "Chaves" e "Lavrador", designativos que lembravam a sua origem de nobreza, de Casas Fidalgas portuguesas e espanholas, para ser apenas Luiz de Mattos, em consonância com a sua alma simples e humana, inteiramente devotada aos interesses dos humildes.

Luiz de Mattos foi um gigante aos olhos do povo. Sempre ao lado das causas justas, não poupava esforços, nem sacrifícios, para alcançar os objetivos que minorassem o sofrimento alheio. Desinteressado de postos, posições ou cargos de evidência, não quis ingressar nas alas do Poder Legislativo do país, para dedicar-se ao viver comum de homem do povo, despretensiosamente, à custa de sua pena de jornalista, que soube vibrar como poucos, graças aos seus excepcionais recursos de inteligência, discernimento e equilíbrio.

Foi ele um dos mais ardorosos abolicionistas da época, e ao lado de seus amigos imperecíveis José do Patrocínio, Júlio Ribeiro, Francisco Glicério, Campos Sales, Bernardino de Campos, Luiz Gama e outros, participou, gloriosamente, dessa imortal campanha cívica, das mais memoráveis, dentre as que se feriram, no passado, em nosso solo pátrio.

Por ocasião da proclamação da República, teve papel destacado no cenário dos acontecimentos, ao lado dos correligionários de Deodoro, e não se prevaleceu de coisa alguma para se beneficiar das valorosas atitudes assumidas. O seu ideal resumia-se em ver vitoriosa uma causa que lhe pareceu a melhor para o bem do Brasil, não lhe passando, nunca, pela mente o propósito de colher para si vantagens de qualquer espécie, em troca dos gestos decisivos de sua ação patriótica.

Benemérito de índole, de quanto dava não queria que se fizesse alarde, mas os beneficiados não se podiam conter, e assim, numerosos feitos humanitários vieram à tona e se tornaram públicos. Homem de recursos, foi sócio benfeitor de várias associações de caráter altruístico. Grandes porções de seus haveres ele as distribuiu com os necessitados. Não resistia à dor de assistir o sofrimento alheio sem que não se movesse, prontamente, com o fim de aliviar o aflito; tudo quanto tivesse em mão ia em socorro imediato; não poucas vezes voltava ao lar sem um real nas algibeiras, mas com a alma transbordante de alegria, por haver propiciado benefícios. Na sua alma não se aninhava rancor. Teve desilusões, e grandes; foi muitas vezes traído e ludibriado, mas soube desculpar e esquecer.

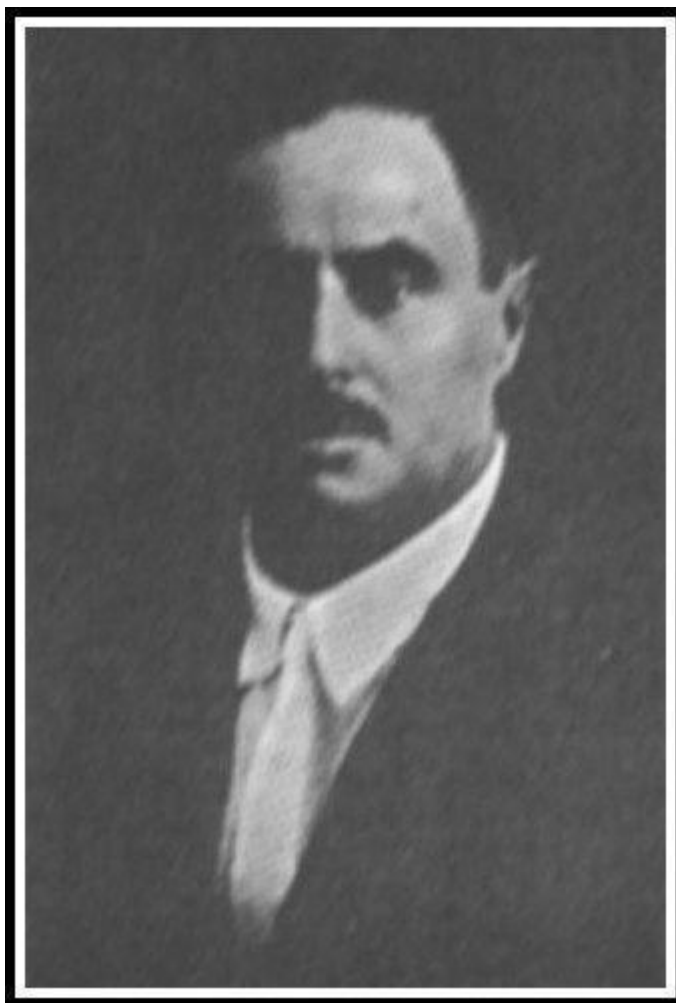
Cavalheiro, educado, estudioso, letrado, revelou-se um hábil e esclarecido conselheiro em todos os transes difíceis por que atravessara o

país, nos seus dias. Oliveira Botelho, Hermes da Fonseca, Rui Barbosa e Eptácio Pessoa conheceram-lhe o valor dos sábios conselhos ou das acertadas previsões.

Luiz de Mattos contribuiu, com vigorosa parcela, para enriquecer as páginas de ouro da nossa história. A sua memória é evocada pelos que conhecem a sua passagem luminosa pela Terra, com admiração profunda e não menor respeito. A sua vida foi um repositório farto de exemplos edificantes. A sua conduta, sempre firme e corajosa, valia como barreira contra qualquer opressão. Aqueles que viviam do suor do rosto, em esforço braçal, encontravam, nesse defensor, a segurança de um apoio que não faltava. Era, por isso, quase venerado nos meios populares dos homens de trabalho rude. A sua lembrança não se apagará jamais. E inda neste instante estamos dando corpo a essa afirmativa.

Em nome dos descendentes de Luiz de Mattos, congregados em torno de Nascimento Cottas, eu apresento as mais sinceras saudações e expressões de agradecimento a todos aqueles que colaboraram, e mui especialmente ao ilustre vereador Sr. Álvaro Caetano de Oliveira, para que hoje, neste recanto de Niterói, pudéssemos, elevando os olhos, ver eternizada, numa placa de metal, o nome augusto de um homem simples, cidadão emérito, símbolo da bondade e da grandeza de um povo.

LUIZ ALVES THOMAZ



Luiz de Mattos talvez não pudesse ter levado a efeito a implantação do Racionalismo Cristão na Terra, sem a preciosa ajuda do seu intemerato amigo e companheiro de lutas, Luiz Alves Thomaz.

Enquanto o primeiro codificava e burilava a parte cultural e teórica da Doutrina, facilitando a sua compreensão e aplicação na vida, o segundo desenvolvia uma eficiente ação prática, solidificando as bases materiais para garantir a independência da Doutrina.

A ambos deve a humanidade essa inesgotável fonte de esclarecimento e saber que se sintetiza na Doutrina Racionalista Cristã, porque os dois se completavam na integração de um só idealismo, de uma única estrutura, de uma perfeita realização.

Luiz de Mattos e Luiz Thomaz simbolizavam os heróis da alma lusa, cuja aura sempre recobriu o Brasil na majestosa sequencia dos fatos históricos.

Ambos, antes de se apresentarem ao meio físico, haviam estabelecido, quando ainda nos seus mundos de luz, um pacto de honra, na presença de outros Mestres, dentre os quais se realçava a figura inconfundível do padre Antônio Vieira, com o fim de restabelecerem na Terra, em sua pureza original, os ensinamentos de Jesus, tão deturpados pelo sectarismo religioso.

Luiz Alves Thomaz manteve-se exemplarmente na sua missão, ora predicando com a fortaleza dos seus conhecimentos, ora preparando fundos para a manutenção da grande obra. Soube aplicar com grande perícia, na vida prática de negócios e na economia privada, as sábias e incomparáveis lições que o Racionalismo Cristão ministra, sempre colhendo, como prova do seu valor, os mais auspiciosos resultados.

Forte, enérgico, operoso, extremamente simples e controlado, desfrutou de plena autoridade moral na corporificação de todos os seus atos, sempre comedidos e seguros, angariando amizades e simpatias através de suas atitudes cativantes.

Renunciando às atrações terrenas, casado, mas sem filhos, voltou-se, abnegadamente, para a sua grande Causa, e por ela lutou estoicamente, dando o máximo de si, num aproveitamento completo das suas energias e atividades.

Partiu deste mundo cinco anos depois do seu companheiro de ideal, Luiz de Mattos, após cumprir a principal incumbência de deixar amparado, financeiramente, o movimento Racionalista Cristão que já por esta época crescia, em número de adeptos, a passos agigantados.

É princípio básico da Doutrina que sendo, como é, uma entidade de levado cunho espiritualista, não se deve formar e manter à custa da migalha do necessitado, da espórtula do desprovido, do sacrifício do sacrificado.

A Doutrina, dirigida por Espíritos do Astral Superior, tem por escopo, esclarecer as almas encarnadas, tarefa incomparavelmente maior e mais difícil para aqueles Espíritos do que a mera coleta de meios materiais.

Para solucionar este aspecto dos trabalhos que iriam desenvolver no Planeta, ao invés de ficarem na dependência de humilhantes pedidos terrenos, como é comum, por falta de esclarecimento espiritual, decidiram a vinda à Terra, de pleno acordo com o mesmo, do intrépido Espírito que aqui tomou o nome de Luiz Alves Thomaz, para resolver, exatamente como ele fez, a situação financeira da Doutrina.

Deste modo, a Doutrina nasceu independente, nunca soube o que foi pedir e nem o deseja saber. Ela se impõe por princípios imutáveis, e estes determinam que, em matéria de dinheiro, os assuntos espirituais com ela não se imiscuem.

Tão rigorosos foram os dirigentes astrais neste particular, que podendo atribuir a Luiz de Mattos as duas tarefas - a de codificar a Doutrina e a de formar o patrimônio material desta - decidiram de modo diferente, separando uma missão da outra, ao confiarem a cada um dos seus dois grandes valores, Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz, operações distintas.

Esta ocorrência, sobremaneira significativa, coloca o Racionalismo Cristão numa posição de evidente relevo na interpretação das coisas do espírito. Há na Casa discípulos de Luiz Alves Thomaz que se inspiraram no seu magnífico exemplo, oferecendo convincentes provas de aproveitamento e prática. Uma delas é a nova sede do Racionalismo Cristão, inaugurada em 20 de outubro de 1956, que exigiu - no curso de três anos, período da sua construção - uma soma não inferior a quatorze milhões de cruzeiros, os quais foram postos à disposição do empreendimento pela plêiade anônima de seus discípulos.

É comum verificar-se o empenho com que as agremiações pastoreadas procuram aliciar prosélitos, que produzem, quase sempre, moralmente coagidos, aumento da renda mensal, situando, com isso, a matéria acima do tratamento espiritual, quando este é, às vezes, quase nenhum.

Pseudo-espiritualistas mostram-se por aí ardentes buscadores de dinheiro, prevalecendo-se do que as suas prosaicas místicas dizem oferecer. O certo é que a maior prova de fraqueza espiritual de tais esdrúxulas instituições é a carência de recursos provindos de precedências elevadas, pois que se valem, para alimentá-las, da sôfrega procura de meios, artificiosos ou não, com o fim de atrair o metal sonante. Não se sentem rebaixados nessa prática humilhante, porque os precários recursos espirituais de que dispõem não lhes propiciam o discernimento necessário.

Por outro lado, se chegam a atingir o estado que lhes dá a compreensão de que a entidade deveria subsistir pela própria força dos seus postulados, curvam-se à situação de fato, como ela se apresenta, e preferem fechar os olhos da alma, a ver a insituição desaparecer.

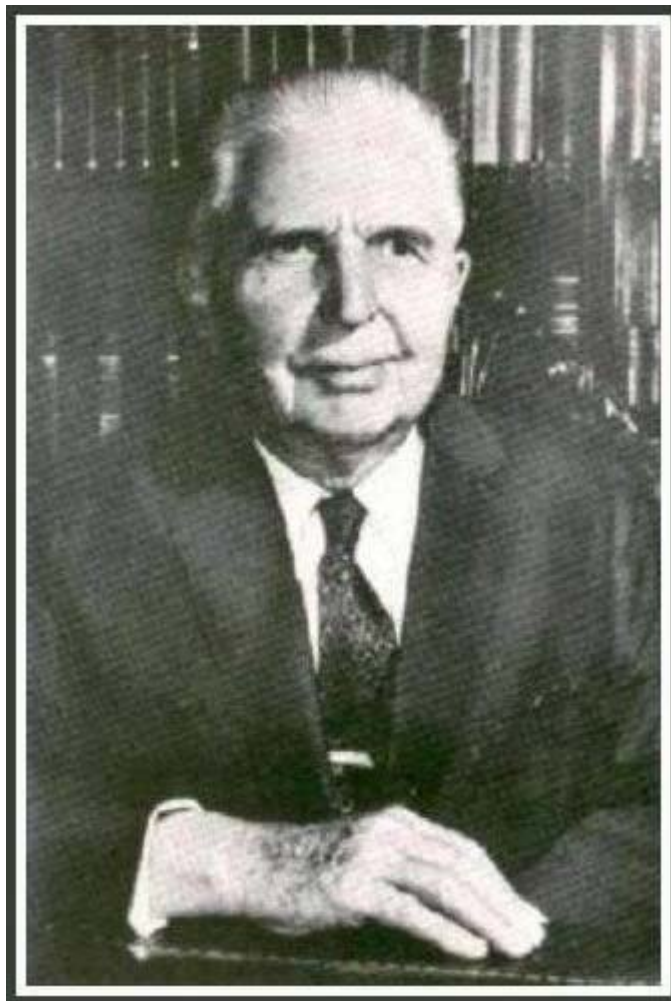
Para que não se diga que não é possível alcançar os fins espirituais sem o mercantilismo ostensivo ressalta-se o exemplo imperecível do Racionalismo Cristão, a Doutrina da Verdade, que atesta, pela sua

independência soberana, tanto em assuntos materiais como espirituais, o valor objetivo e real dos seus Princípios.

Assim se confirma a ação pioneira de Luiz Alves Thomaz, o insuperável batalhador de uma memorável jornada terrena, em que soube sustentar esse basilar conceito de que uma obra espiritualista se impõe pela elevação moral dos seus Princípios norteadores, pairando acima dos interesses materiais pela sua independência em todos os sentidos, e pela demonstração de que os suprimentos chegam, sem ser necessário que os responsáveis pela Causa molestem o seu semelhante, com maneiras submissas de uma refinada e hipócrita mendicância.

Luiz Alves Thomaz foi um exemplo, uma bandeira, uma glória para o Racionalismo Cristão. Estendeu a sua vitória a todos os militantes, porque, acima de tudo, estimulou e concretizou. A sua alta missão foi inteiramente cumprida, e os seus magníficos resultados ecoam, incessantemente, em todo o movimento Racionalista Cristão, como uma vigorosa força impulsionadora que transmite confiança e coragem, perseverança e firmeza.

ANTÔNIO DO NASCIMENTO COTTAS



Antonio Cottas imigrou para o Brasil em 18 de abril de 1905, com a idade de 12 anos. Nesta idade passou a trabalhar numa mercearia. Prosperou a ponto de tornar-se um respeitável homem de negócios.

Suas realizações no âmbito da doutrina Racionalista Cristã foram notáveis. Antes de falecer em 1926, Luiz de Mattos, o fundador do Racionalismo Cristão, nomeou Antonio Cottas seu sucessor. Dessa maneira, após a desencarnação de Luiz de Mattos, tomou a direção da doutrina. Consolidou os fundamentos do Racionalismo Cristão e muitos Centros foram fundados durante seu período como Presidente.

Antonio Cottas foi o maior discípulo de Luiz de Mattos e com todo entusiasmo dedicou-se à doutrina que lhe fora confiada. Divulgou os princípios do Racionalismo Cristão através de cartas e de lições ministradas na sessões públicas no Centro Redentor. Adicionalmente, assegurou a independência financeira da doutrina. Além de ser um bom

doutrinador, trabalhou incansavelmente pelo esclarecimento da espécie humana.

Antonio Cottas era dotado de qualidades morais extraordinárias e de um carácter incorruptível. Estava sempre transbordando entusiasmo contagiante e continuamente se dedicava à causa racionalista cristã sem nunca fazer alarde das suas realizações.

Em tempos de dificuldades, sempre agiu com confiança e ganhou todas as batalhas que a doutrina teve de enfrentar. Todos os seus esforços resultaram em sucessos. Seus modos gentis e generosidade inatos trouxeram-lhe alta respeitabilidade e bem-querença de parte de todos que o conheciam.

Antonio Cottas, o chefe do Racionalismo Cristão, foi um homem extremamente simples. Embora tivesse sido agraciado com o honorário título de Comendador, nunca fez questão de ser tratado com tal. Tinha um orgulho especial da sua cidadania brasileira oferecida pelo Governo Brasileiro em 8 de agosto de 1939.

Durante sua vida, Antonio Cottas foi agraciado com aproximadamente quinze títulos honorários, municipais, estaduais e federais. Apesar de todas essas honrarias, permaneceu uma pessoa simples por toda a sua vida.

DR. HUMBERTO MACHADO RODRIGUES



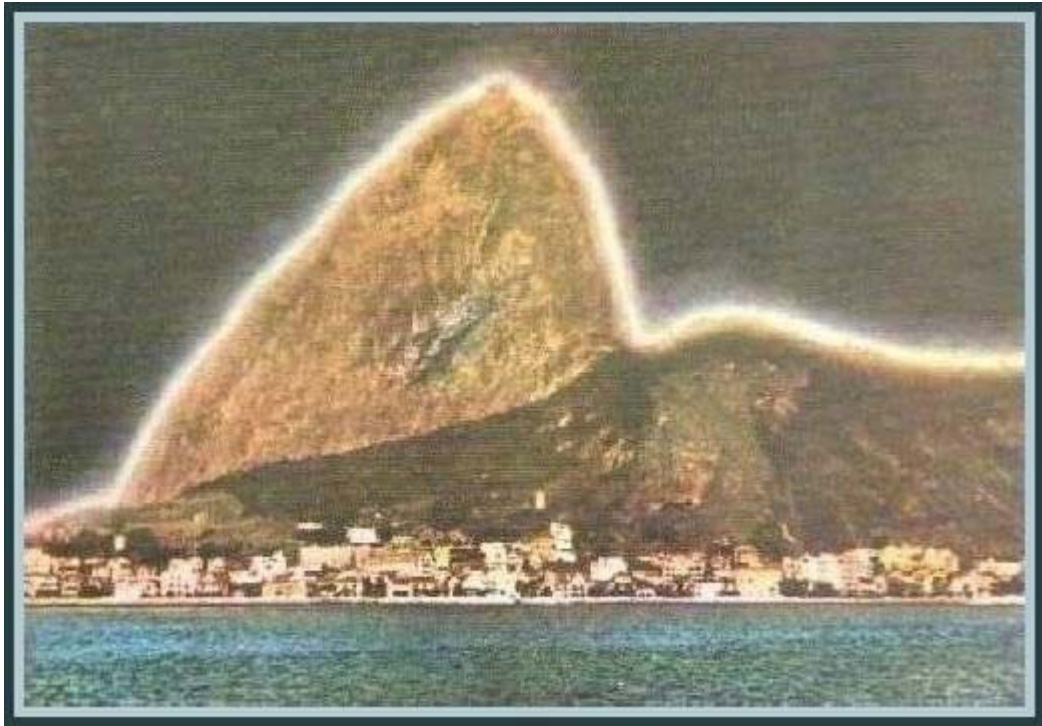
O Dr. Humberto Machado Rodrigues, um conceituado advogado brasileiro, sucedeu a António do Nascimento Cottas, como Presidente do Racionalismo Cristão, quando este desencarnou no dia 12 de Junho de 1983. Desde essa data, o atual Presidente tem continuado a consolidar a Doutrina, tendo dado início também, a uma nova fase de expansão desta filosofia espiritualista. Novas Casas Racionalista têm sido fundadas pelo mundo fora, e no advento de uma nova era, que é também altamente tecnológica, a Doutrina surgiu na Internet com o apoio e incentivo do Presidente do Racionalismo Cristão.

Esta filosofia espiritualista e científica, está ainda a percorrer caminhos difíceis, na sua jornada imparável, em direção a uma era mais espiritualizada. O início não foi fácil. Todas as grandes instituições, todos os ideais, desde os primórdios da humanidade, tiveram que passar pelas fases da fundação, consolidação e expansão. Isso também tem acontecido

com esta elevada Doutrina, que foi fundada pelos eternos Luiz de Mattos e Luiz Thomaz e soberbamente consolidada pelo Mestre António do Nascimento Cottas.

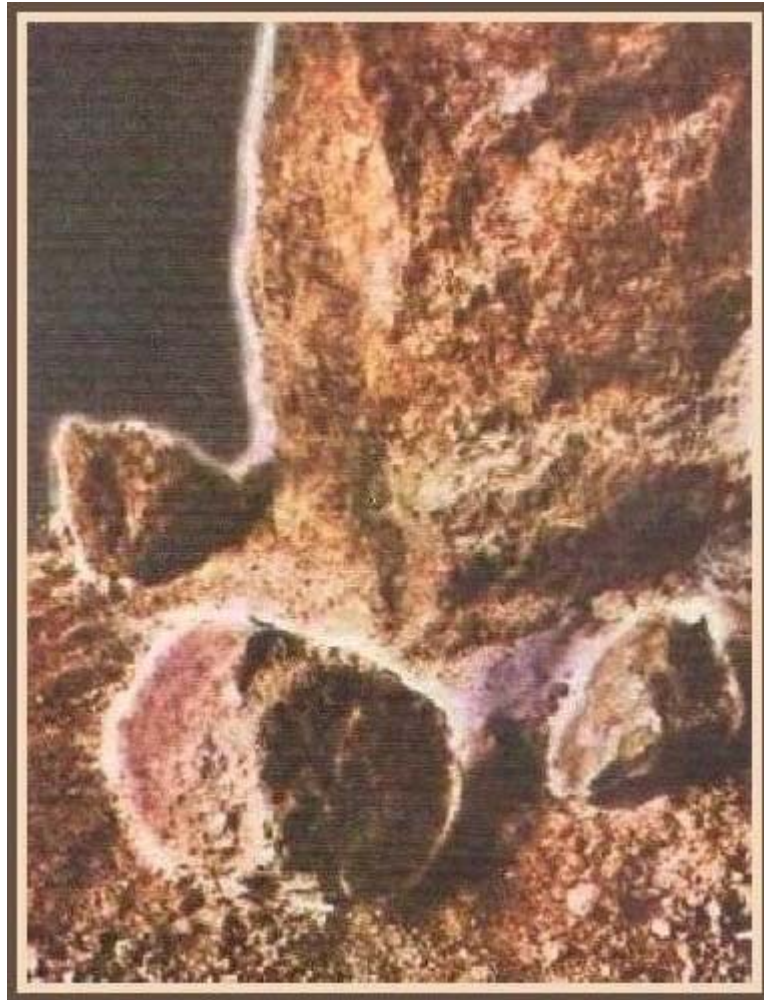
Sendo o Racionalismo Cristão filosoficamente anti-dogmático, é naturalmente uma Doutrina evolucionária, porque o dogma é a antítese da evolução. E sendo assim, chegámos finalmente à fase de expansão, liderada por um homem de carácter que tem presidido a esta Doutrina com firmeza, disciplina, segurança e grande abnegação e desprendimento, certo de que, a Instituição que dirige, como grande movimento espiritualizador internacional, continua a seguir o rumo, que nos legaram seus Fundadores e Consolidador.

GRAVURA Nº 1



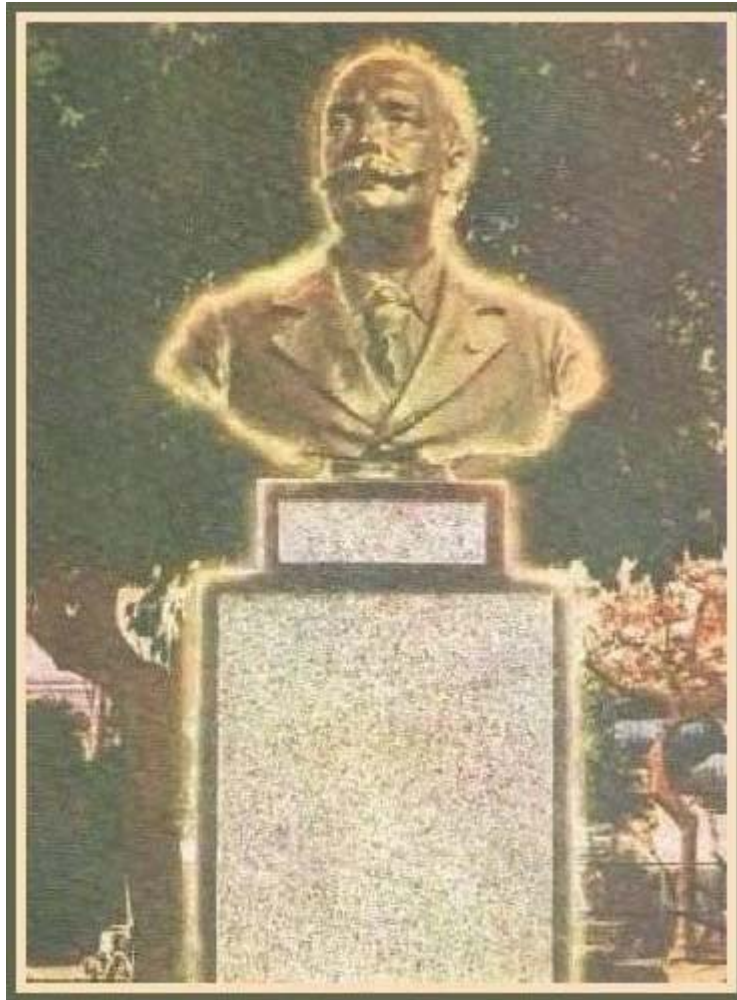
O Pão de Açúcar, situado na baía de Guanabara no Rio de Janeiro. A vida ou Força está presente em todos os corpos. Assim, cada átomo contém Força e Matéria. A Força irradia, e essa irradiação se chama aura. Os átomos, no granito, se apresentam de forma bastante compacta, e a soma das suas irradiações, transpondo a superfície de contorno, dá o aspecto que se observa na figura. A aura envolve todo o bloco de granito, mas ela só é bem visível na linha confinante.

GRAVURA Nº 2



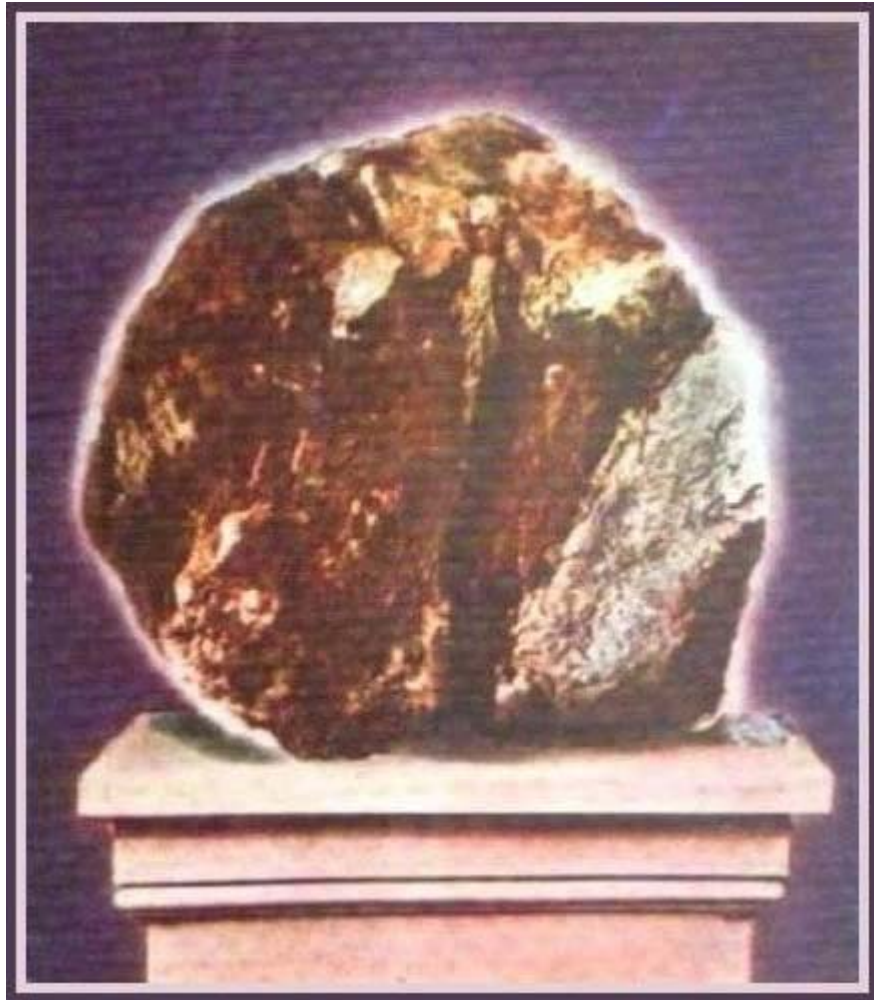
Nesta figura, observam-se as pedras isoladas, demonstrando que a aura não se modifica pela rutura da rocha. Cada parcela do corpo original mantém a mesma aura, que provém da irradiação atômica e da força de coesão intranuclear.

GRAVURA Nº 3



Este quadro ilustra que onde houver matéria organizada, seja ela bruta ou trabalhada, a aura sempre se manifesta. A figura é o busto de bronze do Barão do Rio Branco sobre um pedestral de granito. Ambas as peças, como se sabe, foram trabalhadas, mas a aura ali aparece, como em qualquer outro corpo.

GRAVURA N° 4



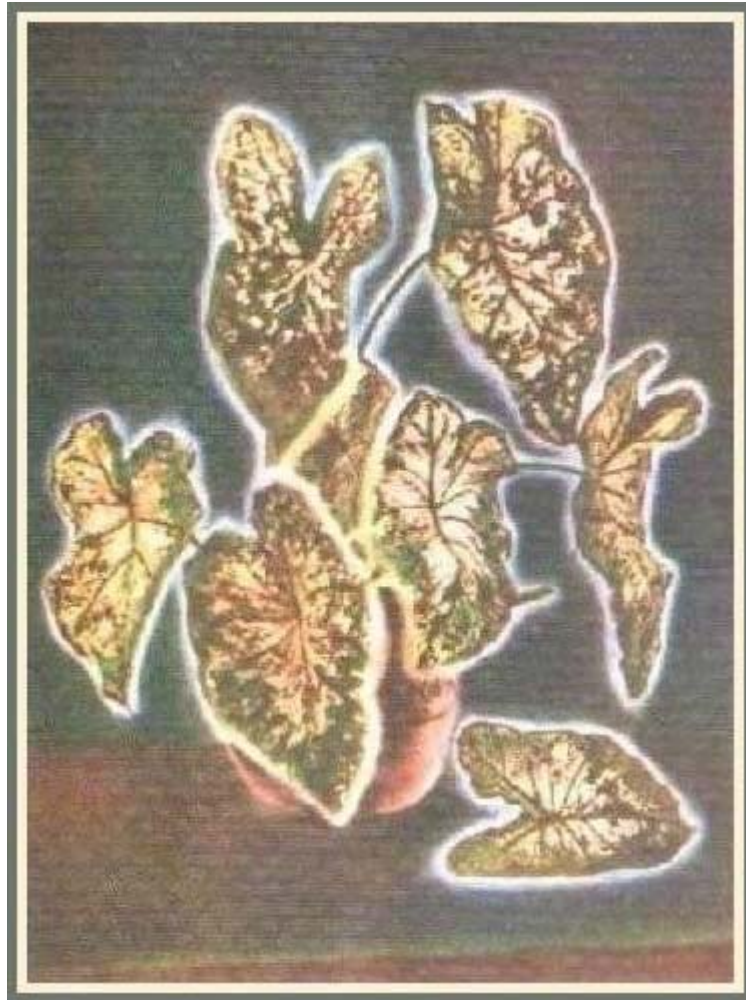
Bloco de manganês, em exposição no Museu Nacional do Rio de Janeiro. A sua aura revela a uniformidade dos corpos simples. A uniformidade da aura corresponde à uniformidade da sua compacidade.

GRAVURA Nº 5



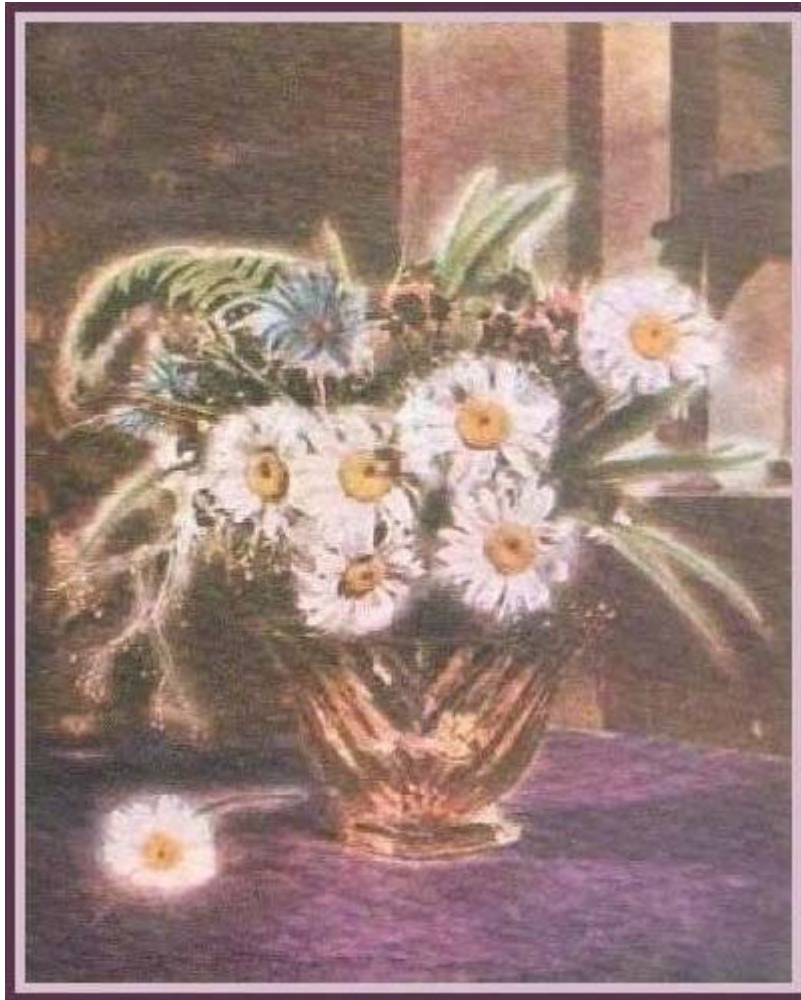
Meteorito do Bendegó, que se acha exposto no Museu Nacional do Rio de Janeiro. A sua aura é mais densa do que a do granito, e também mais uniforme: mais densa porque a densidade do meteorito é maior, o que quer dizer maior número de átomos por unidade de volume; mais uniforme, porque é quase só composto do elemento ferro, numa razão de 95,1%. Este bloco foi atraído do espaço sideral pelo planeta Terra. Ele era, evidentemente, muito maior, mas ao atravessar a atmosfera deste planeta sofreu, pela ação do atrito com o ar, uma redução no seu tamanho, visto que o calor produzido na sua superfície por esse atrito foi tão elevado que parte dele, sempre na periferia, passou-se para o estado líquido e depois gasoso, misturando-se com o ar.

GRAVURA Nº 6



Um vaso de tinhorões. Nos vegetais, por serem as suas auras mais diáfanas do que nos minerais, os átomos se encontram em forma menos compacta; as demonstrações da força, como sinônimo da vida, apresentam-se, porém, de maneira mais acentuada, com interferência na composição das auras dos vegetais.

GRAVURA Nº 7



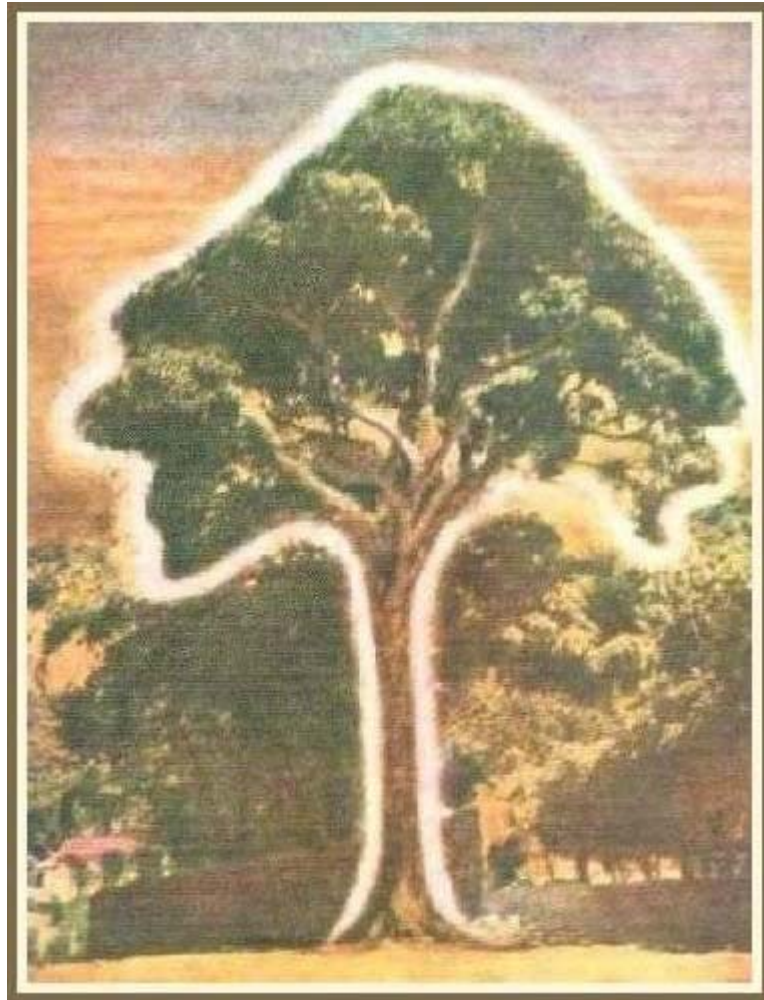
Em um conjunto de várias flores e folhas, são observadas as sutis diferenças das respectivas auras. Desde que a vitalidade dessas plantas vá desaparecendo, com o correr das horas, a aura, por sua vez, se vai modificando. A aura proveniente da vida ou força vital deixa de aparecer no fenecimento, para só ficar a que provém da força atômica.

GRAVURA Nº 8



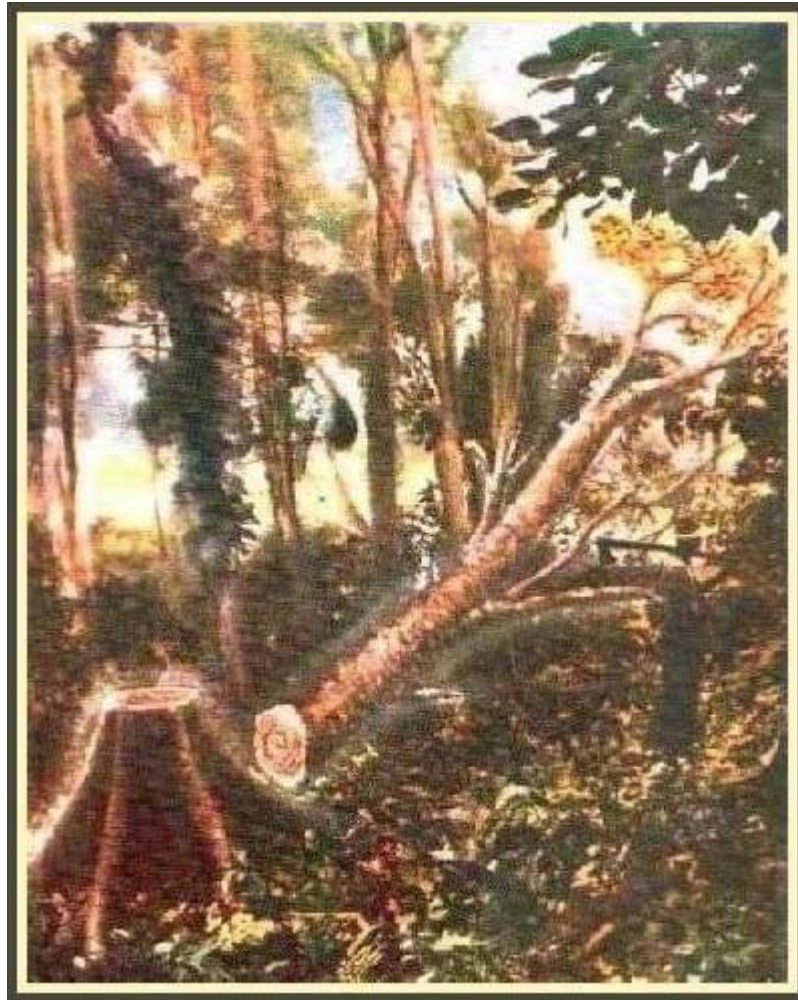
Quando as flores não são colhidas e se conservam no pé, retêm as suas auras, por mais tempo, cheias de vibração da vida, uma vez que todo o vigor das plantas é refletido na aura.

GRAVURA Nº 9



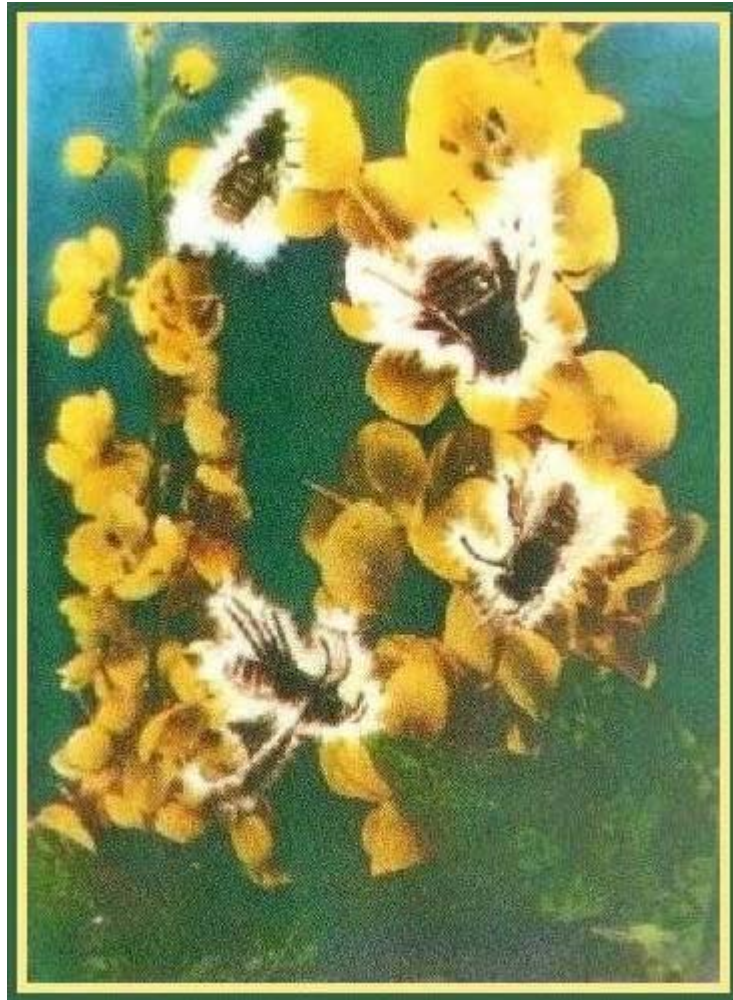
Como acontece nas montanhas, a aura das árvores é muito mais perceptível na linha periférica, muito embora envolva, por igual, toda a sua superfície.

GRAVURA Nº 10



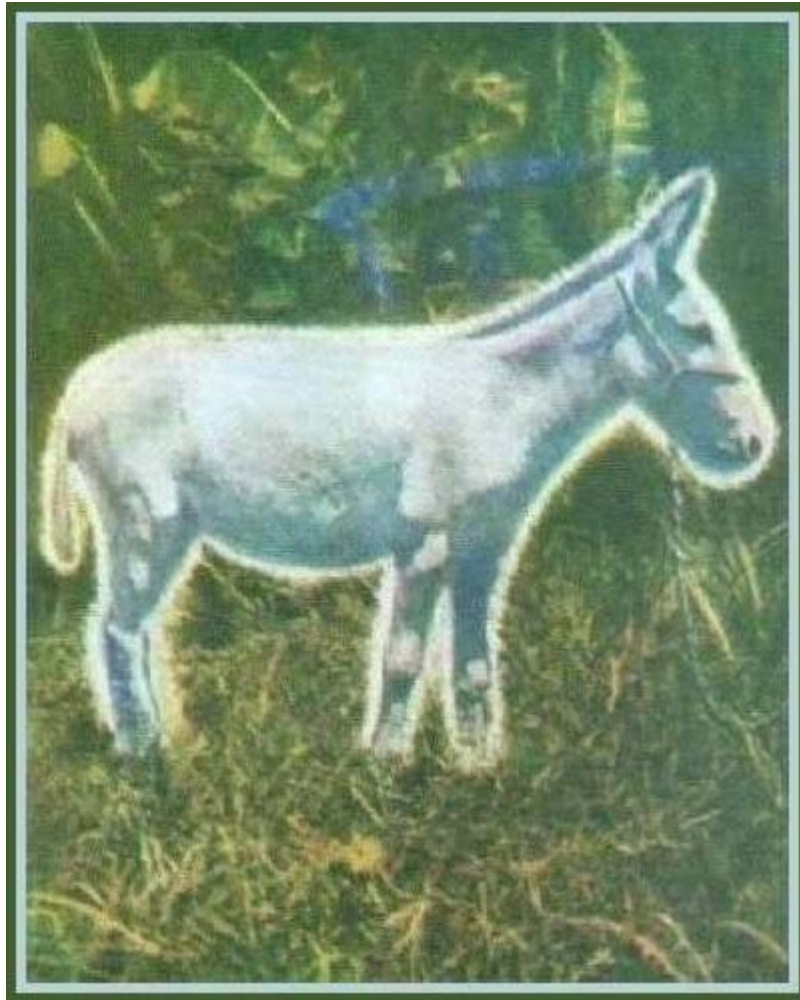
Nesta figura se demonstra que, uma vez abatida uma árvore, a sua aura vai se distanciando da aura primitiva, à medida que seca ou que perde a vida. Esta vida é uma das manifestações da Força. Daí, perdendo essa Força, perde também as suas irradiações. A aura que permanece na planta seca é a que provém dos átomos.

GRAVURA Nº 11



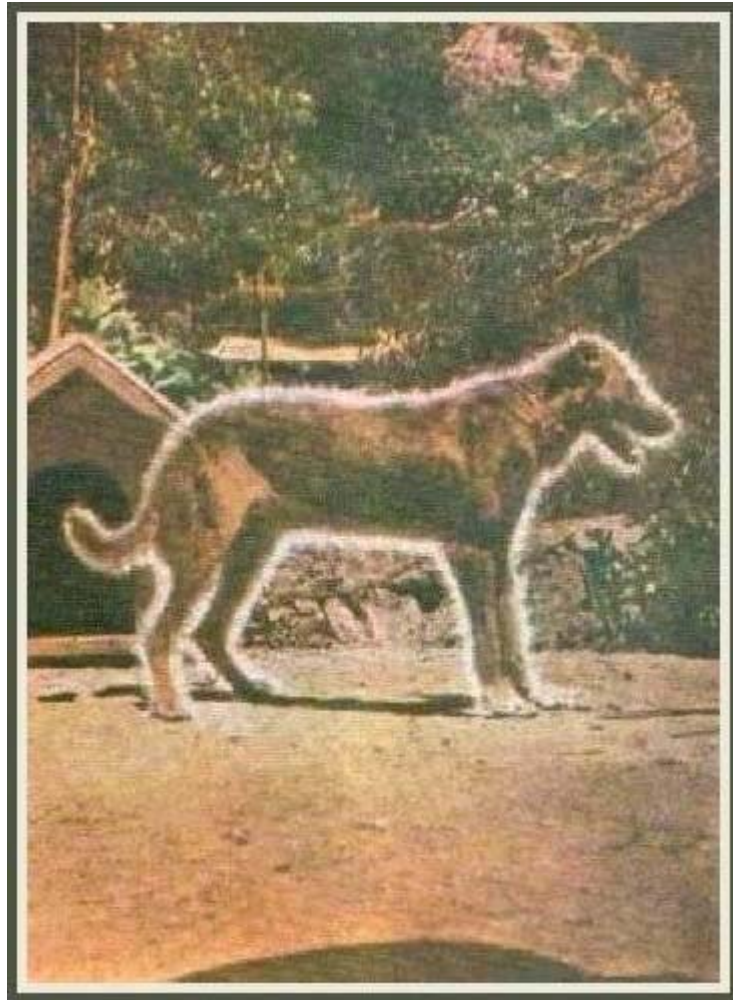
Pousadas neste pendão de acácias, vêm-se várias abelhas. A aura destes animais é muito mais intensa do que a dos vegetais, porque três auras se intercalam nela: uma, a que provém dos átomos da matéria organizada; outra, a que decorre da manifestação da Força, como sinônimo de vida; e, finalmente, a da partícula em evolução do Todo, que já se apresenta nesses animais, com definição apreciável.

GRAVURA Nº 12



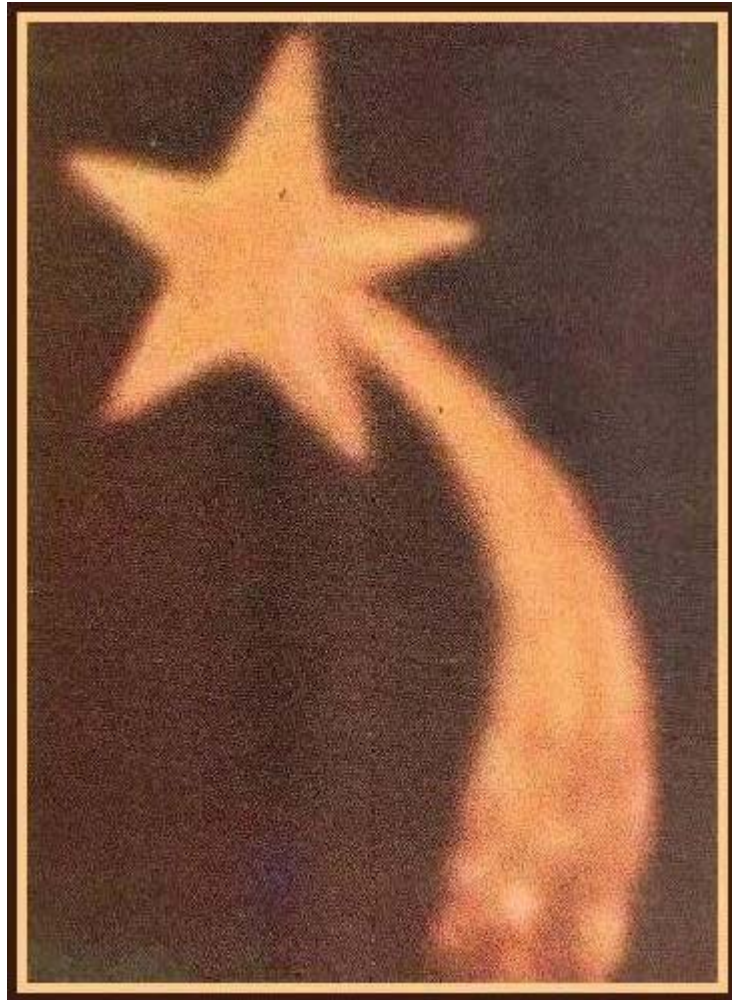
Dentre os animais domésticos de maior convivência com o homem, o muar é dos que apresentam a aura mais semelhante à humana, da primeira categoria. A partícula do Todo já manifesta vibrações de inteligência e raciocínio, embora rudimentares.

GRAVURA Nº 13



O cão é outro animal doméstico em que afloram qualidades reveladoras de inteligência, de raciocínio, de fidelidade, lealdade, amizade, coragem e gratidão. O grau de aperfeiçoamento da partícula inteligente é demonstrado pelo apuro das raças dos cães que, como a dos cavalos, atingem um ponto alto na evolução da sua espécie.

GRAVURA Nº 14



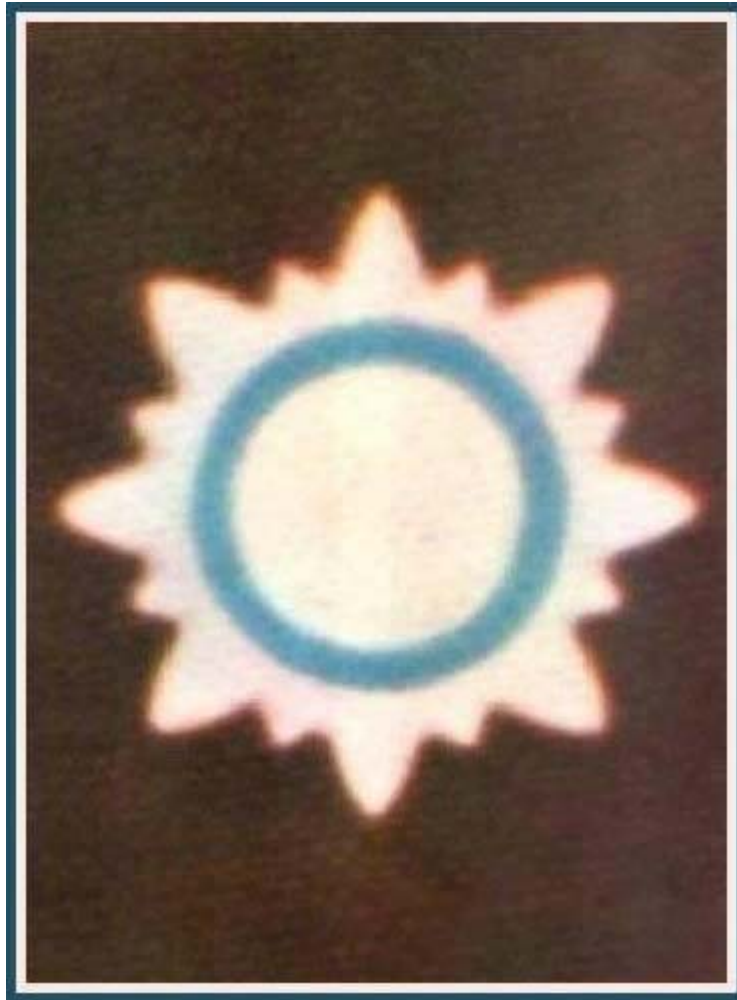
A aura do espírito varia de cor, de acordo com os seus pensamentos e grau de evolução. Ele não possui forma humana, mas pode tomar a que quiser, por ser Força, Inteligência e Poder. Também não tem forma rígida, por resultar esta da matéria organizada, associada à Força — e o espírito é unicamente Força. A figura acima representa uma das muitas formas Astrais Superiores observadas em uma das Sessões, no Centro Redentor.

GRAVURA Nº 15



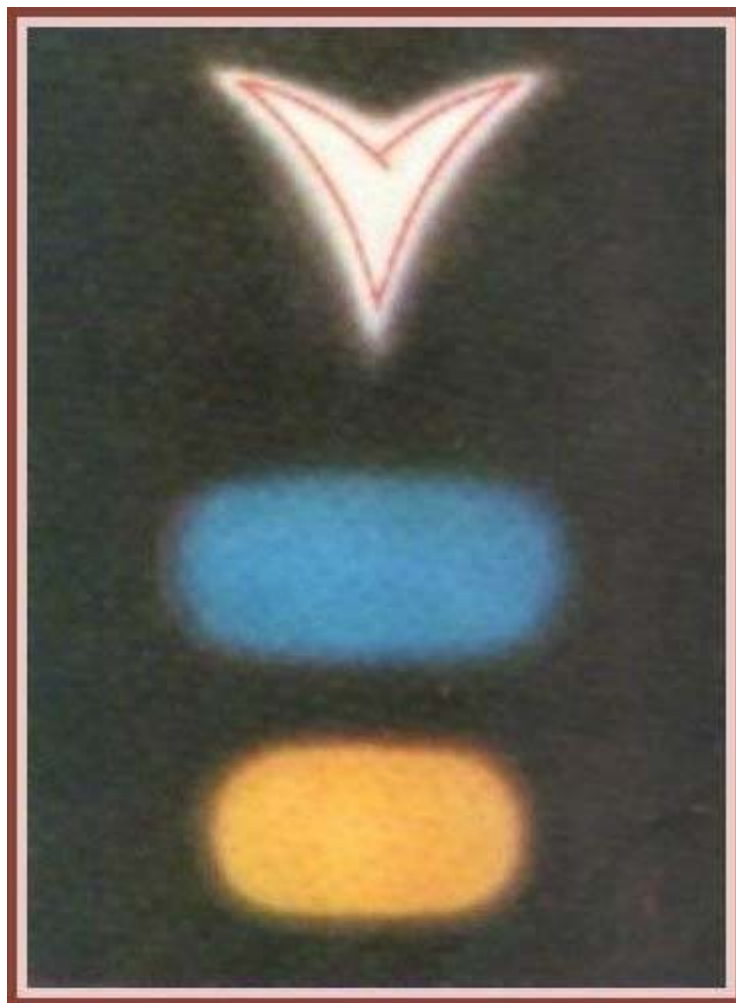
As formas Astrais dos Espíritos Superiores podem ter mais de uma cor, de acordo com o significado que lhes quiserem dar, e são, pelo seu poder, mantidas com nitidez e perfeição, inclusive quanto às cores que eles conservam, enquanto esse significado não tiver de ser mudado.

GRAVURA Nº 16



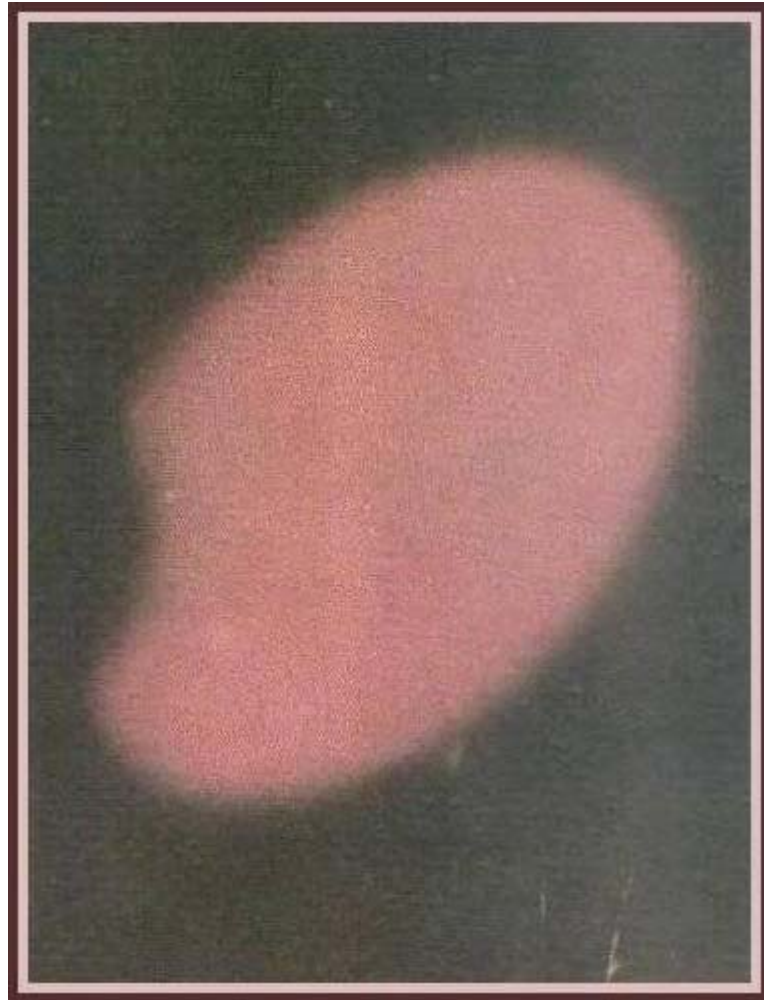
Nas figuras astrais de Espíritos Superiores, observa-se a perfeição dos traços geométricos. À medida que os espíritos forem evoluindo no Astral Superior, opera-se uma mudança na cor e no aroma que lhes são próprios, em virtude dessa evolução. Nestes casos, não intervém a sua vontade na revelação destes dois atributos, salvo no tamanho e na figura geométrica.

GRAVURA Nº 17



Aqui se vêem mais três formas Astrais de Espíritos Superiores. Conquanto duas delas sejam semelhantes na forma, diferem fundamentalmente na cor, por onde fica eliminada a possibilidade de confusões. Assim como na Terra, entre bilhões de indivíduos, não há dois iguais, no Astral Superior também se dá o mesmo, não existindo dois espíritos com a mesma identificação. Podem igualar-se na forma e no tamanho da figura adotada, mas nunca na nuance da cor e no perfume. Estas duas características, que resultam do processo de evolução, são peculiares a cada espírito.

GRAVURA Nº 18



O número de combinações para o preparo das formas geométricas dos Espíritos Superiores é incontável. A figura acima aproxima-se de uma elipse, mas bastou seccionar uma pequena parte dela para tomar uma feição especial e individual.

GRAVURA Nº 19



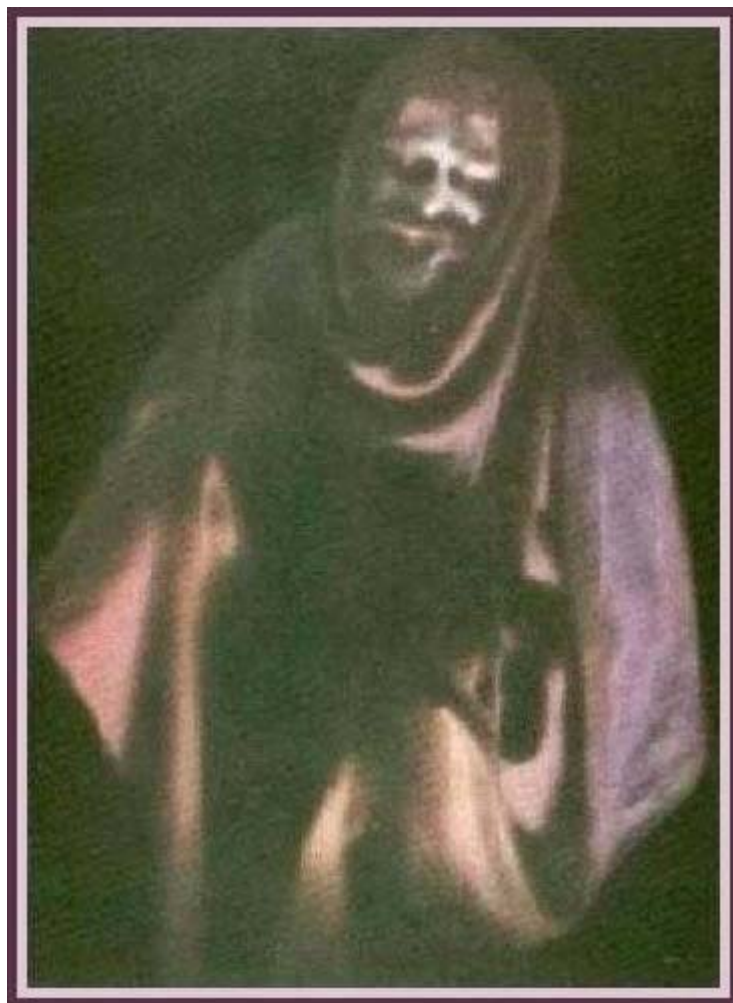
Uma forma Astral Superior, das que são comumente presenciadas por médiuns videntes durante as Sessões Públicas que se realizam no Centro Redentor.

GRAVURA Nº 20



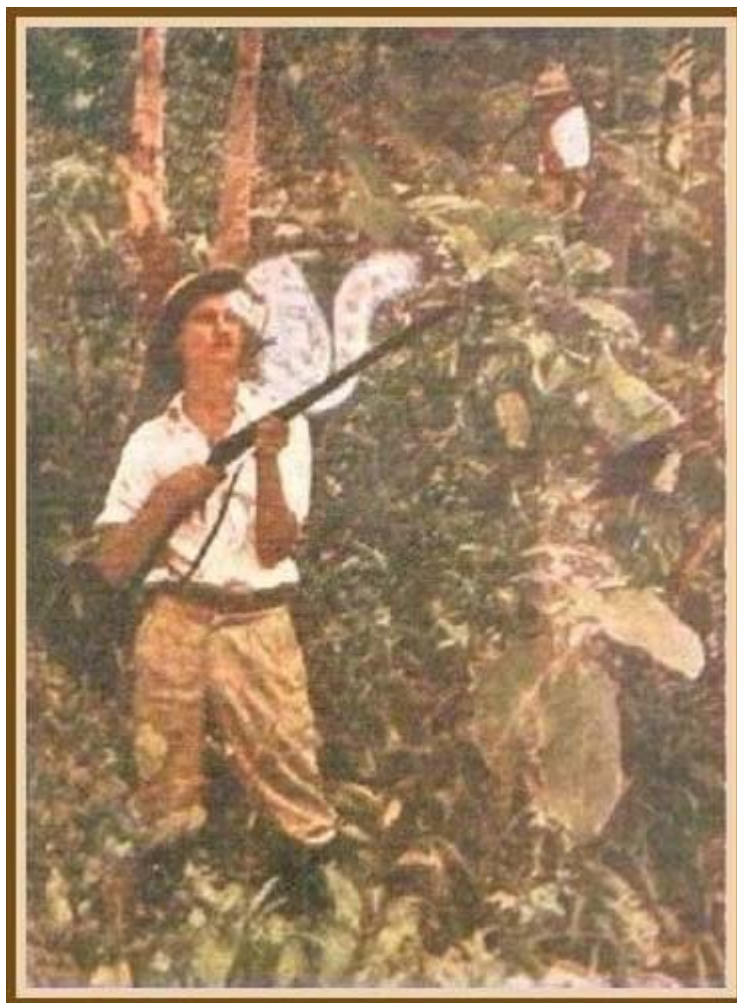
Os Espíritos do Astral Superior também podem unir-se para formar uma corrente mais forte e sintonizada. As figuras tomam maior amplitude e complexidade, neste caso, sem nunca perderem as linhas harmônicas do conjunto. A estampa acima representa um desses conjuntos, circundado por uma série de outros espíritos que tomam parte numa determinada ação.

GRAVURA Nº 21



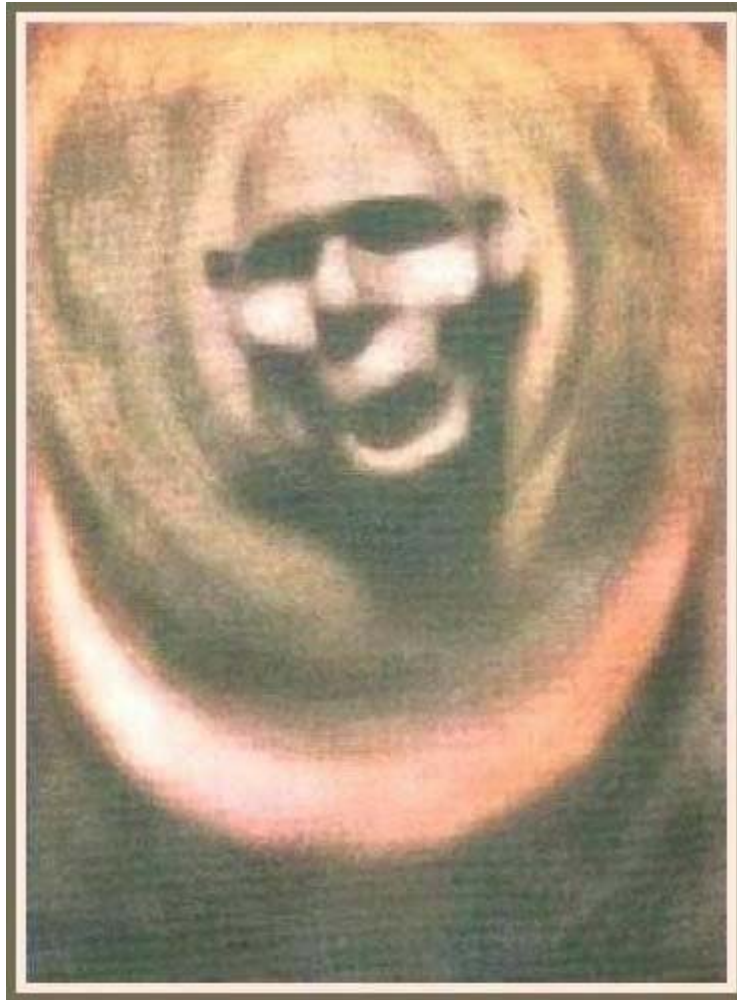
O espírito é sempre Força, Inteligência e Poder. Estas qualidades podem ser empregadas tanto para o mal, como para o bem. No Astral Superior, os espíritos empregam-nas exclusivamente para o bem. No astral inferior, ao contrário, são elas, consciente ou inconscientemente, empregadas para o mal. O astral inferior está povoado de espíritos de várias categorias, e por isso com poderes espirituais mais desenvolvidos uns do que os outros, mas todos com força bastante para atuarem perniciosamente. No astral inferior, quando o espírito está consciente do seu estado de desencarnado e em condições de fazer uso da força que possui, engendra, a seu bel-prazer, as mais hediondas figuras, para, com elas, atemorizar os encarnados videntes, por divertimento ou perversidade. Esta estampa mostra um espírito do astral inferior em corpo fluídico, com forma horripilante.

GRAVURA Nº 22



Espíritos do astral inferior engendram, na falta de outra ocupação, meios e modos para infelicitar os seres encarnados. Nesta figura, estão dois caçadores. O que se encontra no fundo da estampa não vê o que está na frente, encoberto pela folhagem. A posição deste permite que um espírito do astral inferior, transformado num animal silvestre, se coloque na altura da cabeça do caçador, de modo a iludir o seu companheiro que, se for vidente, dispara a arma. Numerosos casos desses, de conseqüências fatais, se têm verificado.

GRAVURA Nº 23



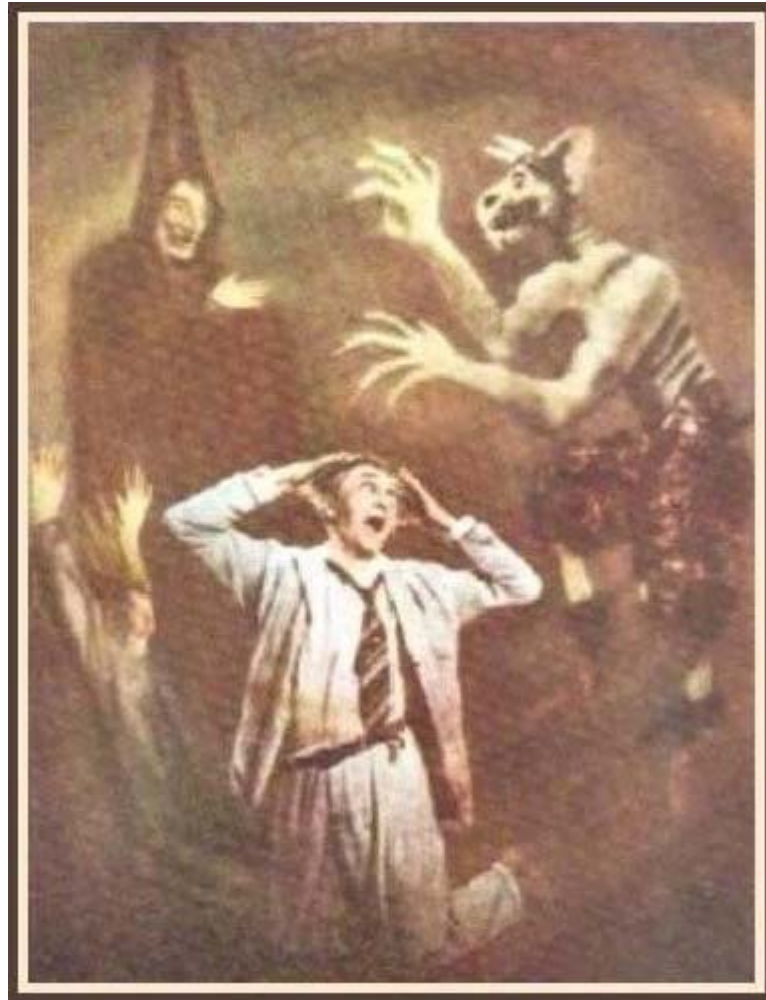
Espíritos do astral inferior nem sempre se apresentam com o corpo inteiro, preferindo, muitas vezes, exibir-se em figuras de cabeças monstruosas. Toda essa deformação é proposital, por estarem eles movidos pelo desejo de aterrorizar os seres medrosos que possuam a faculdade mediúnica, não esclarecida, da vidência.

GRAVURA Nº 24



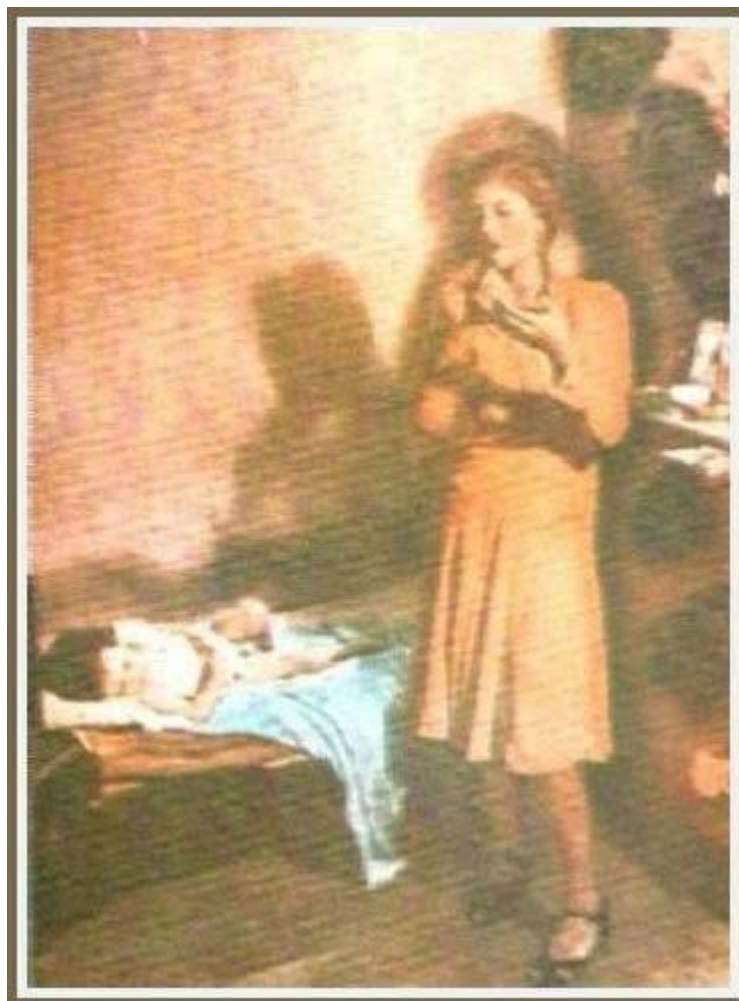
Espíritos do astral inferior, utilizando-se de fluidos do próprio planeta Terra, podem, com eles, formar as imagens fluídicas que quiserem. Nesta estampa, estão três imagens dessas: um macaco no galho de uma árvore; um gato, e uma bola, com cauda na parte inferior.

GRAVURA Nº 25



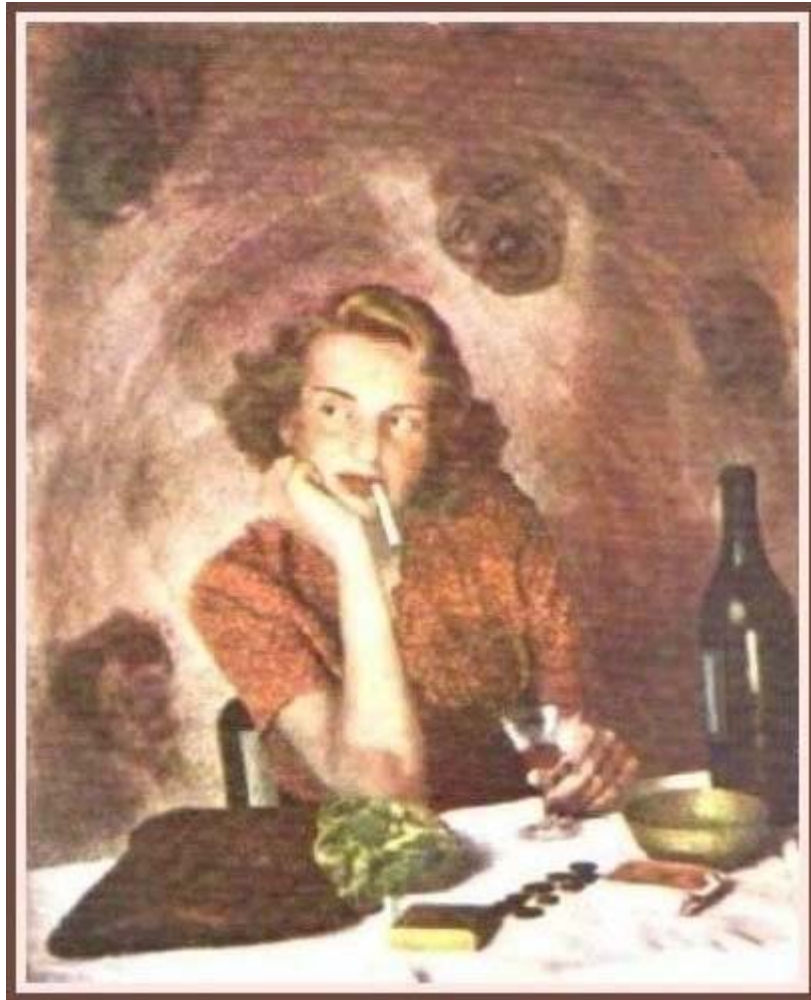
Espíritos do astral inferior perseguindo um ser encarnado vidente. Eles se transformam nessas figuras atemorizantes, por saberem do efeito terrível que elas produzem no infeliz. Quando um indivíduo, com tal mediunidade, se mantém ignorante da vida fora da matéria e dos meios que possui ao seu alcance para livrar-se dessa atuação, está sujeito a desencarnar prematuramente, ou a enlouquecer.

GRAVURA Nº 26



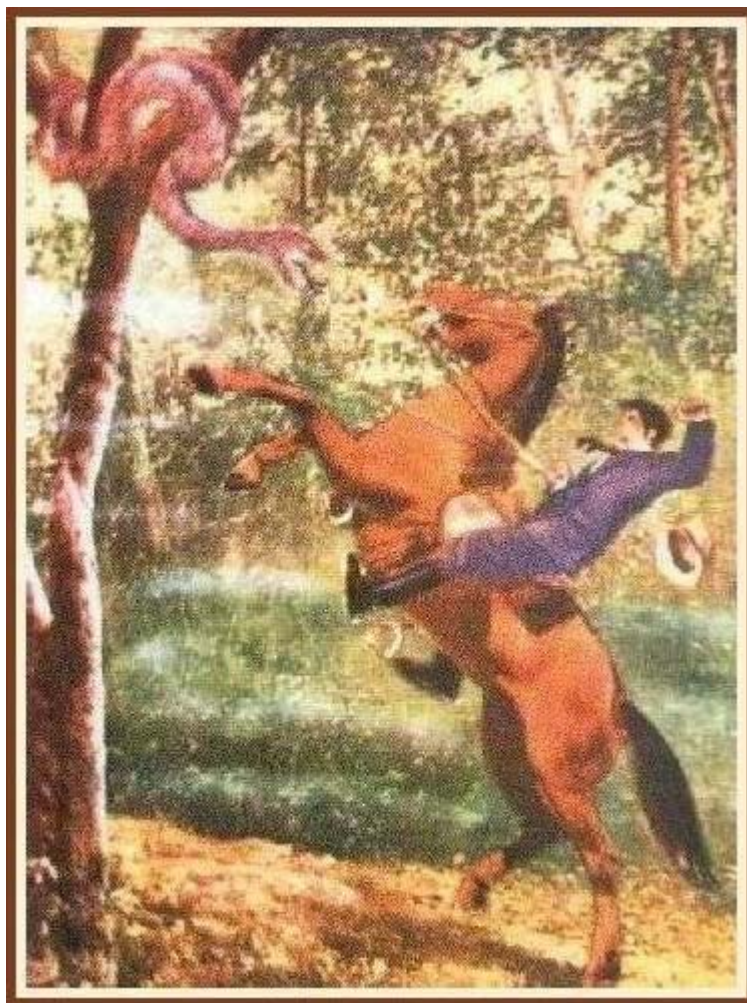
Uma criancinha doente, com a mãe se preparando para um encontro clandestino. A tendência leviana é um forte atrativo para os espíritos do astral inferior. As bolas pretas aí estão, envolvendo-a. Como maior vítima dessas forças inferiores, está a indefesa criança, sujeita a participar da má assistência materna. Os resultados podem ser funestos, e daí o fato de se darem numerosas desencarnações na idade infantil, que têm como causa a falta de cultivo do instinto materno, os erros de educação, a ausência de uma conduta moral sã e a ignorância sobre a vida espiritual.

GRAVURA Nº 27



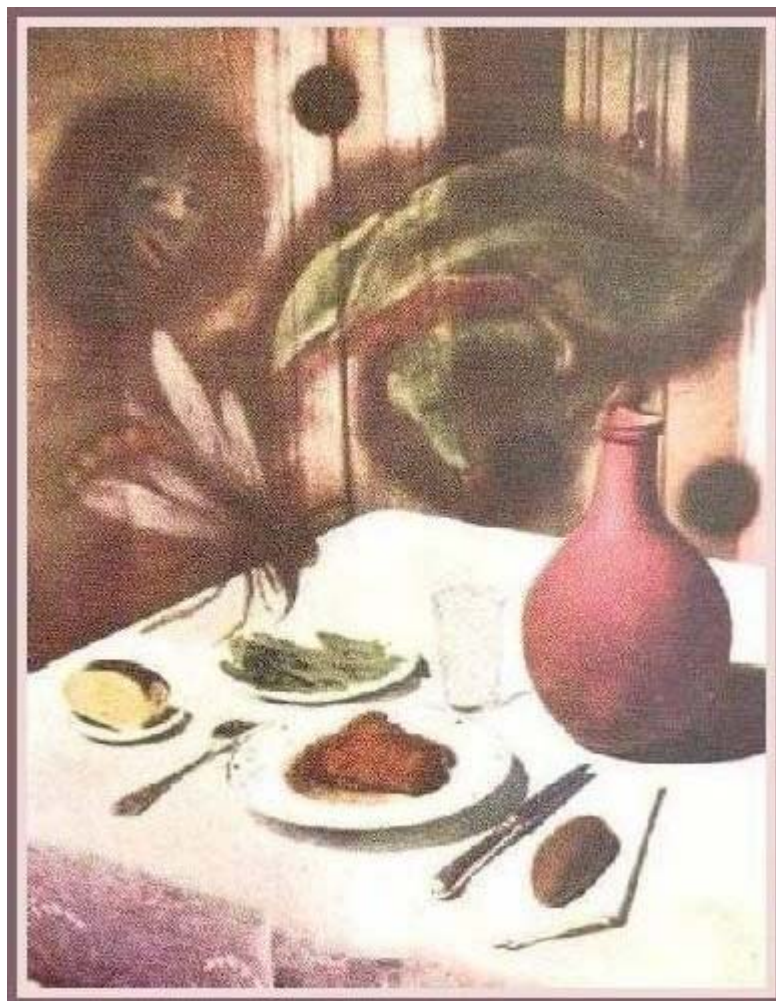
O caminho que conduz uma jovem à encarnação perdida, são os vícios do fumo e do álcool, que estampam, neste quadro, uma vida desregrada. Essa mulher não pode ser mãe capaz de conduzir os seus filhos pelo caminho da honra e do dever. A má assistência evidencia a decadência e a queda próxima de um ser transviado.

GRAVURA Nº 28



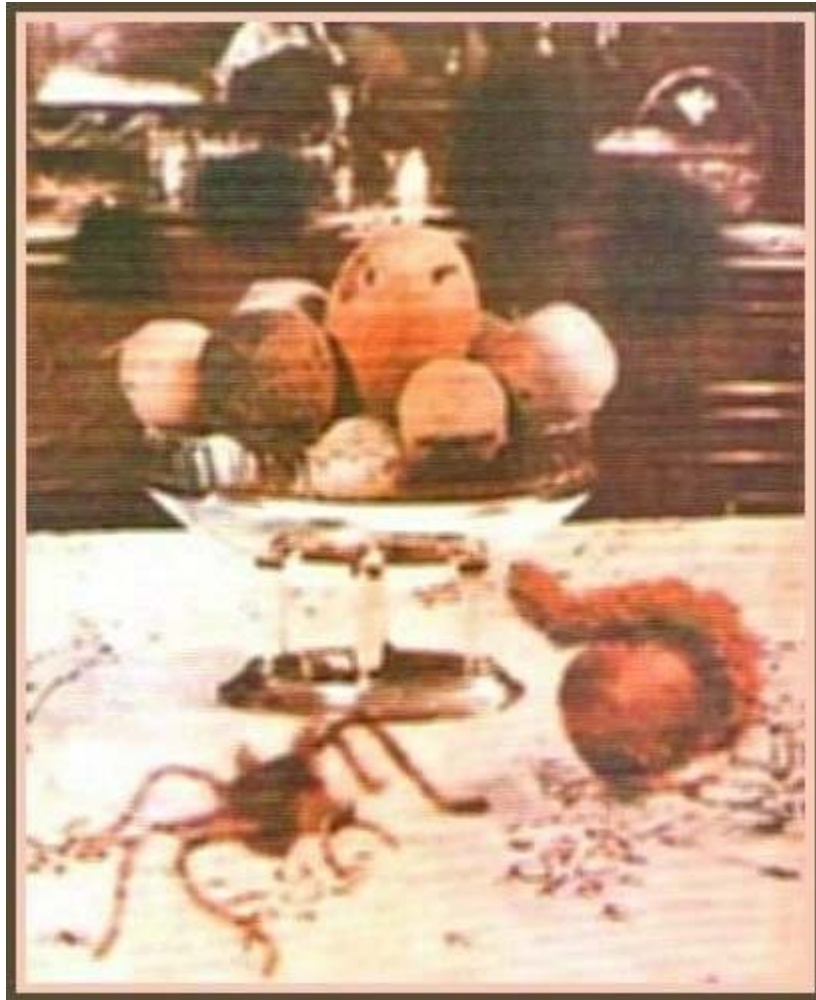
É muito comum terem os animais mediunidade vidente. Para espantá-los, os espíritos do astral inferior engendram corpos diversos, inclusive de animais furiosos. A gravura mostra um cavalo empinado, que o dono toma por "passarinheiro", quando, na realidade, o susto que o espantou foi causado pela sua mediunidade vidente, que lhe deu a impressão de que a cobra (fluídica) ia lançar-se sobre ele. O cavaleiro não pôde enxergar a falsa cobra, por não ser vidente, e pouco faltou para ser atirado, com violência, ao solo. Estes acontecimentos são evitados quando os cavaleiros possuem noção da vida fora da matéria e fazem preparo mental antes de viajar para impedir que espíritos maléficos os possam perturbar durante a jornada.

GRAVURA Nº 29



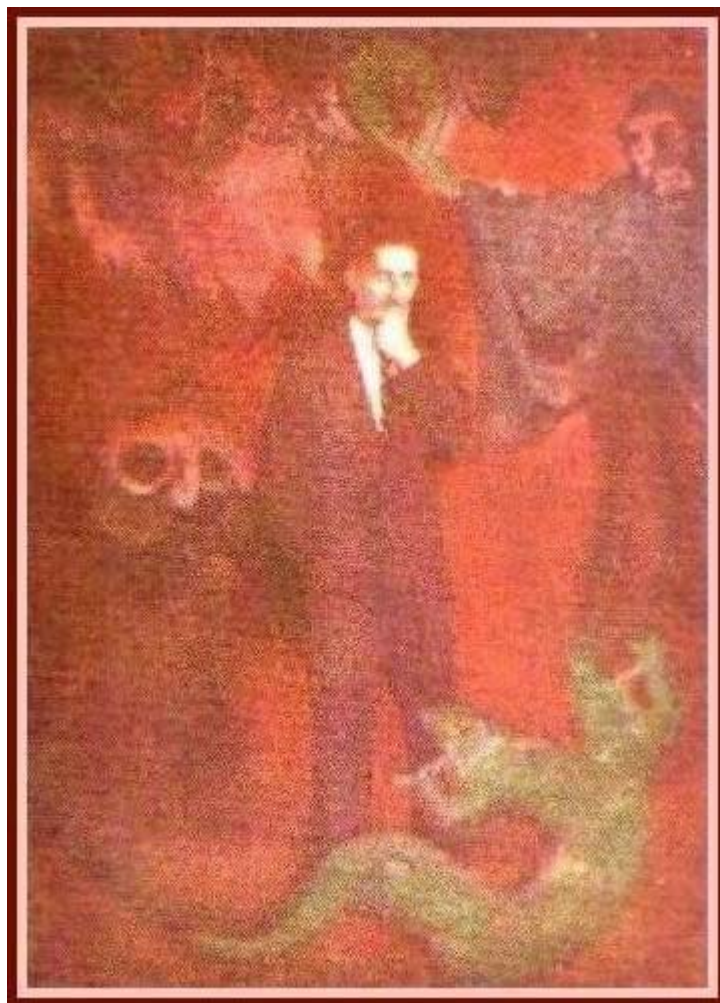
Quando os lares não são psicologicamente limpos, vagueiam por eles espíritos do astral inferior, que, na falta de melhor ocupação, praticam todo mal que podem, inclusive o de impregnar os alimentos de fluidos pestíferos, repletos de miasmas, que produzem as enfermidades mais variadas, mormente se os que os ingerirem tiverem o organismo já um tanto combalido. Assim se manifestam, numerosas vezes, as enfermidades nos lares, sem que os clínicos possam determinar as suas causas. Somente quando estes ensinamentos racionalistas cristãos estiverem mais divulgados, é que os porquês de muitos fatos serão melhor compreendidos.

GRAVURA Nº 30



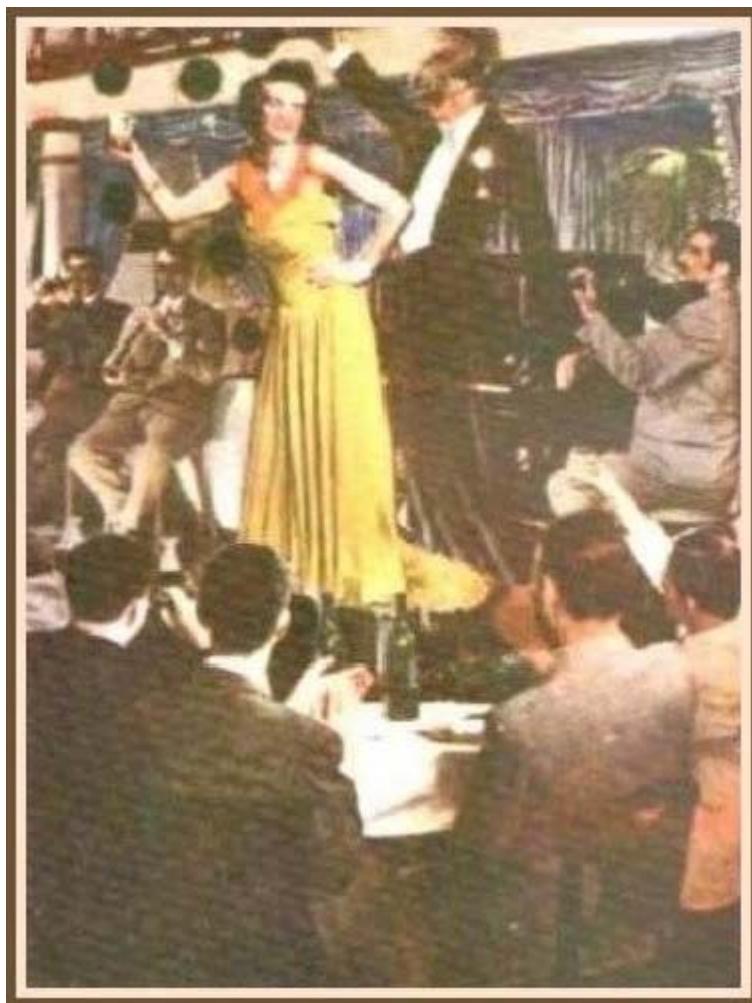
As forças do astral inferior, impregnadas de maus fluidos, deixam parte deles sobre os alimentos, propositadamente, a fim de produzirem, naqueles que os ingerem, as enfermidades mais variadas, sem que as vítimas se apercebam das suas verdadeiras causas. Lares em que os bons pensamentos não predominam, estão expostos à ação livre e desenfreada do astral inferior.

GRAVURA Nº 31



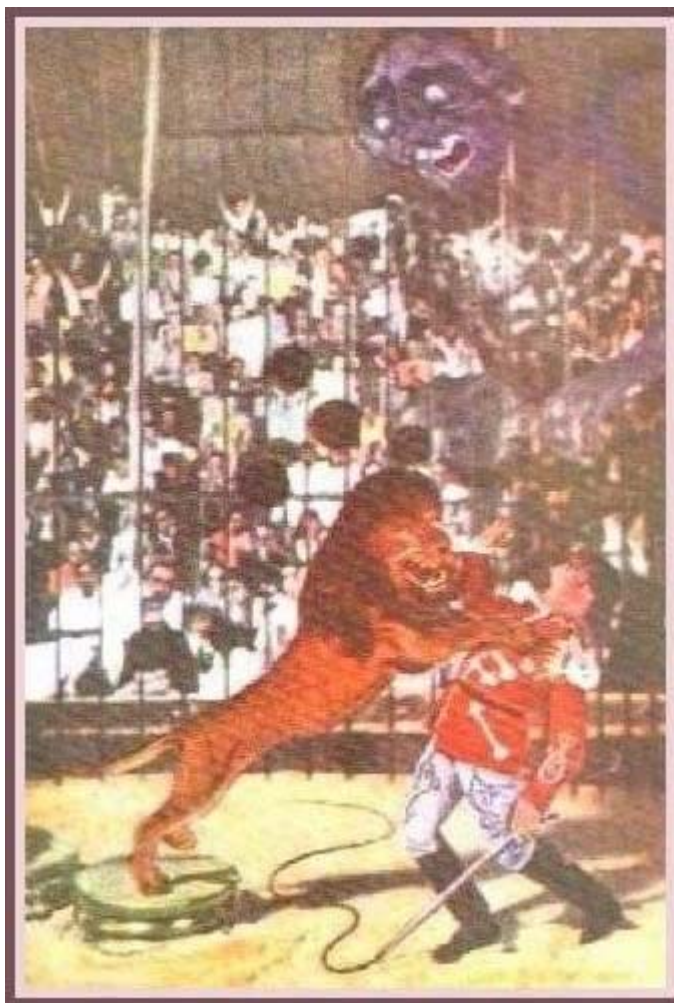
Alguns espíritos do astral inferior expõem ao macumbeiro as figuras que sabem engendrar, para servirem às suas ordens. Ele, vidente como quase sempre é, aprecia as habilidades dos seus auxiliares, para depois melhor as aproveitar nos seus "despachos". Ao alto, e à direita da gravura, um desses espíritos forja uma figura de "guia", da qual muito se servem os obsessores para ludibriar os incautos e ignorantes. O macumbeirismo pratica as ações mais nefastas e criminosas, com o auxílio da baixa classe de espíritos do astral inferior.

GRAVURA Nº 32



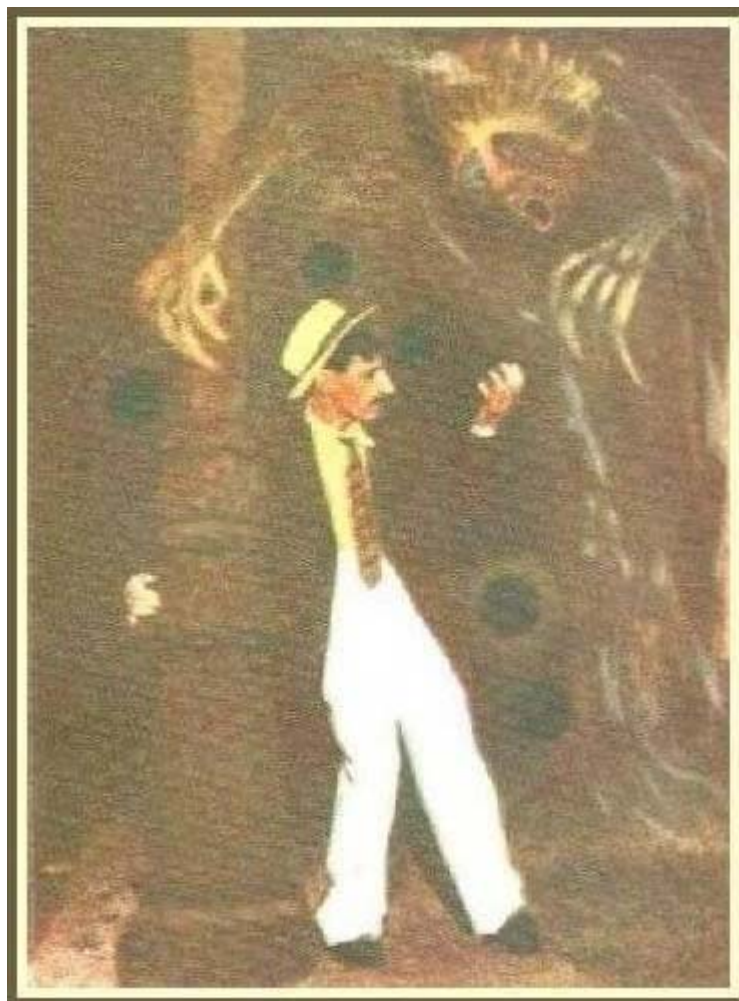
A assistência astral nas boates, nos cafés-concertos, nos bares dançantes, nos cassinos, etc. é, via de regra, muito má. Onde prevalece o vício, dominam os espíritos do astral inferior. Nesses lugares de fumo, de álcool e de jogo, a conversa tende também para o sensualismo. Tudo aí concorre para a atração desses espíritos inferiores. A afinidade destes com os seres encarnados presentes é completa. Os pensamentos animalizados dos encarnados são ali poderosamente fortalecidos pelas intuições afins dos desencarnados. É um lugar próprio para atrair e passar a ser assistido por alguns dos espíritos habituais desses ambientes. E depois, nas vidas de trabalho e social, são os colaboradores mais eficazes das falências materiais e morais.

GRAVURA Nº 33



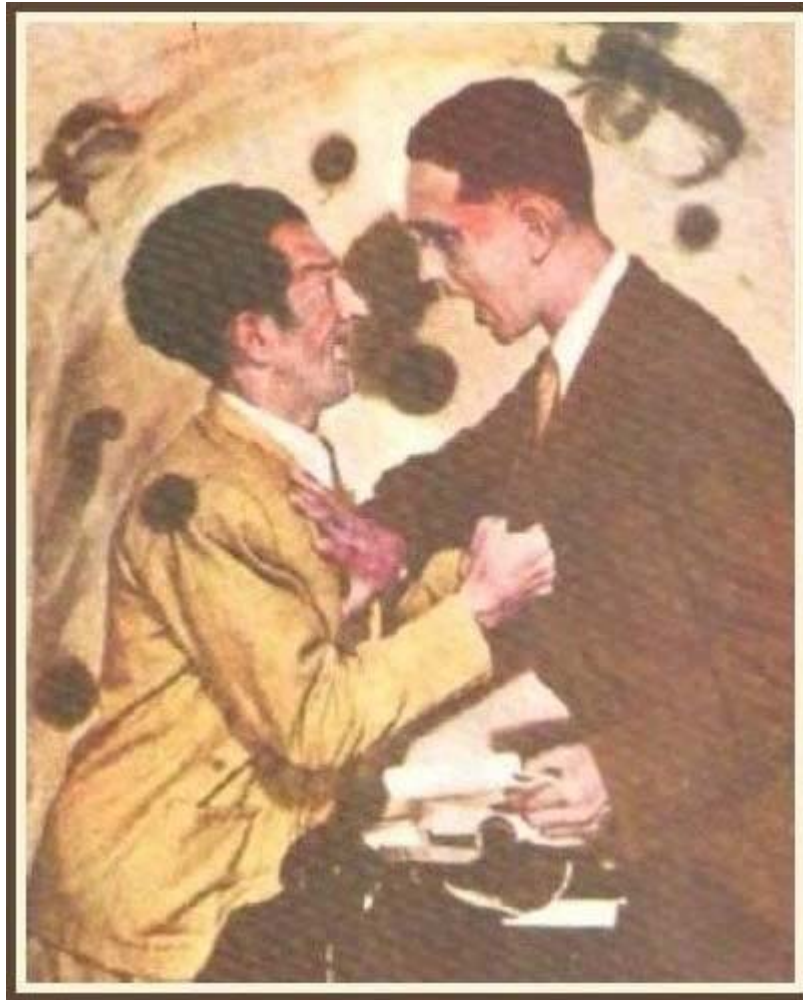
Muitos insucessos provêm da má assistência astral. A gravura mostra um exemplo. O domador entrou na jaula ainda irritado, depois de haver altercado com um companheiro, pelo qual não podia ocultar o ódio que sentia, e foi vítima dos seus próprios sentimentos. Os espíritos do astral inferior estão em toda parte, aguardando a oportunidade de se associarem àqueles cujos sentimentos mais se afinem com os seus. Organizados em falanges, tudo fazem para a desencarnação dos indivíduos com quem mantêm pensamentos afins, para que estes, depois de desencarnados, passem a engrossar as suas hostes.

GRAVURA Nº 34



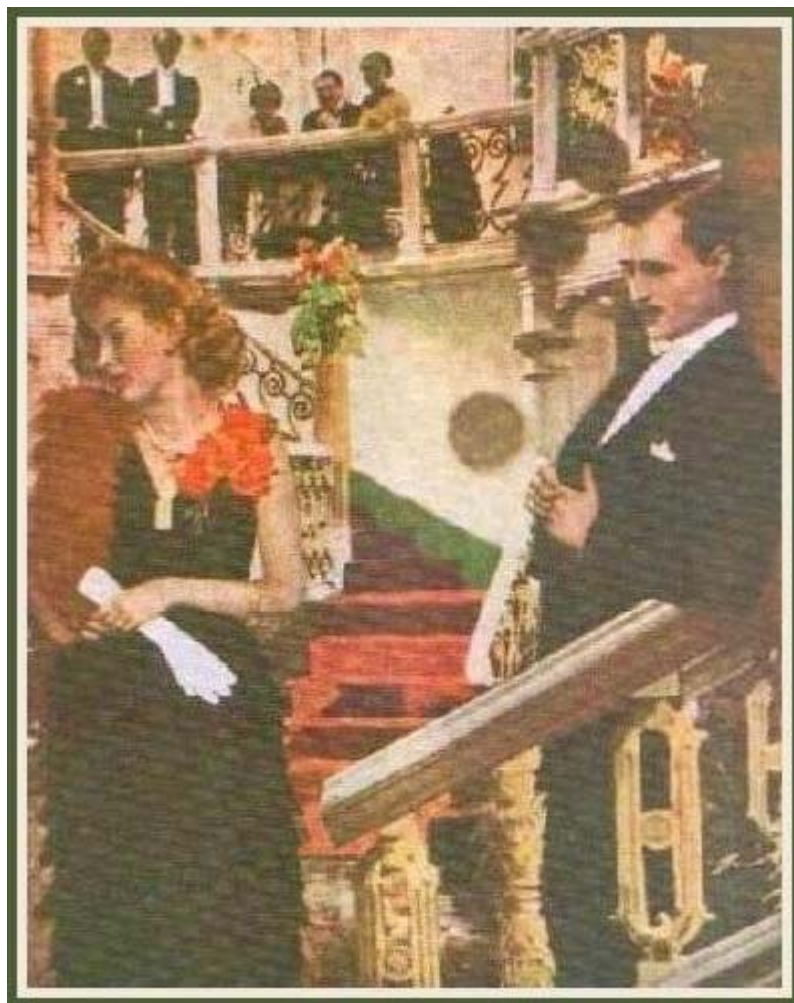
A triste figura de um ébrio segurando-se a um poste, rodeado da má assistência que trouxe do antro de onde saiu. Não tem disposição para enfrentar a luta pela vida. Os seus dias trágicos estão sendo preparados por ele mesmo e pela sua perniciososa companhia. Assim são os que vivem sem saber porque. Poderiam raciocinar, mas acham que pensar dá trabalho. Gostam de permanecer na negligência do meio ambiente. A vontade fraca continua cada vez mais debilitada. Assim é que milhões de indivíduos perdem encarnações sucessivas, e só os cataclismas que estremecem o mundo, de quando em quando, fazem, parte deles, acordar.

GRAVURA Nº 35



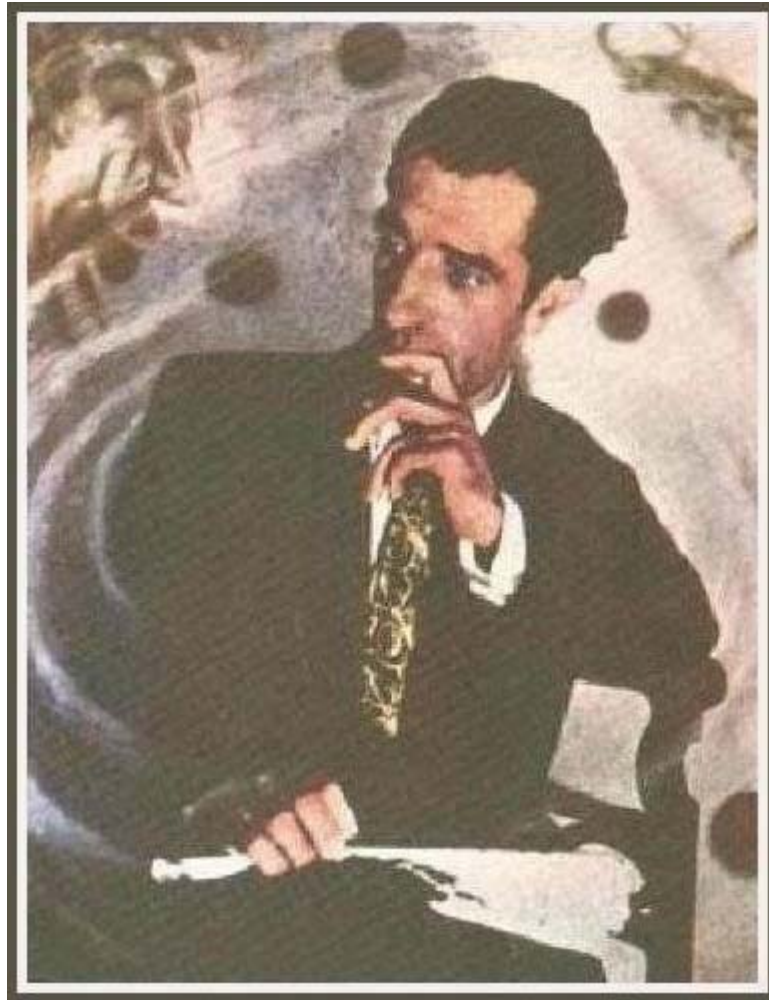
Dois contendores empenhados em acalorada discussão, agredindo-se mutuamente. Os espíritos do astral inferior aí estão, pressurosos, envolvendo ambos em vibrações estimulantes de ódio e de rancor, ansiosos por obterem um desfecho funesto.

GRAVURA Nº 36



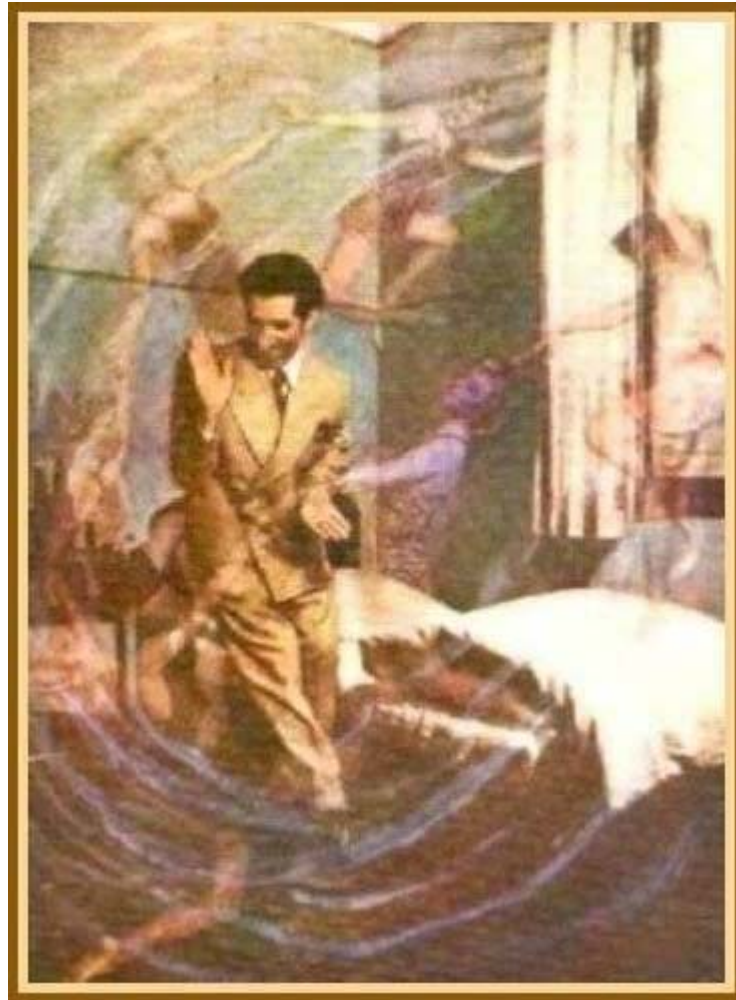
Nem sempre se pode impedir que nas reuniões sociais estejam presentes conquistadores contumazes, que se aproveitam da oportunidade para dirigir às senhoras galanteios mal intencionados. Estes indivíduos estão sempre cercados de má assistência astral conforme se verifica nesta estampa. As bolas negras são espíritos obsessores que estimulam os seus intentos condenáveis. A senhora, possuidora de excelentes qualidades morais, tem limpo o ambiente que a cerca, disso resultando que as investidas "dom-juanescas" do pseudo "cavalheiro" não produziram o resultado por ele desejado.

GRAVURA Nº 37



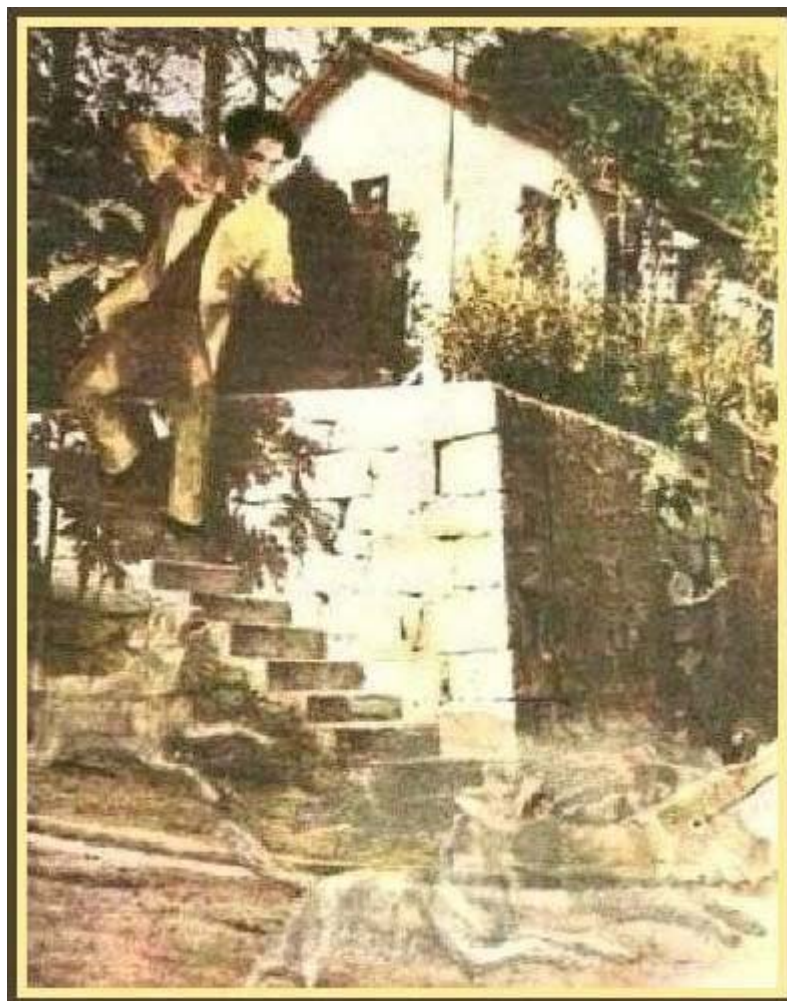
Os médiuns videntes, suficientemente esclarecidos, podem observar a ação dos espíritos do astral inferior envolvendo o indivíduo, quando absorvido por maus pensamentos. As bolas pretas que se vêem, nada mais são do que espíritos malignos, no seu estado normal. A cor negra é denunciadora de sentimento baixo, inferior, perverso. A transformação que o espírito maléfico opera tem, como ponto de partida, a bola preta. Desta forma é que ele parte para transformar-se em carantonhas, em monstros ou em outra figura qualquer.

GRAVURA Nº 38



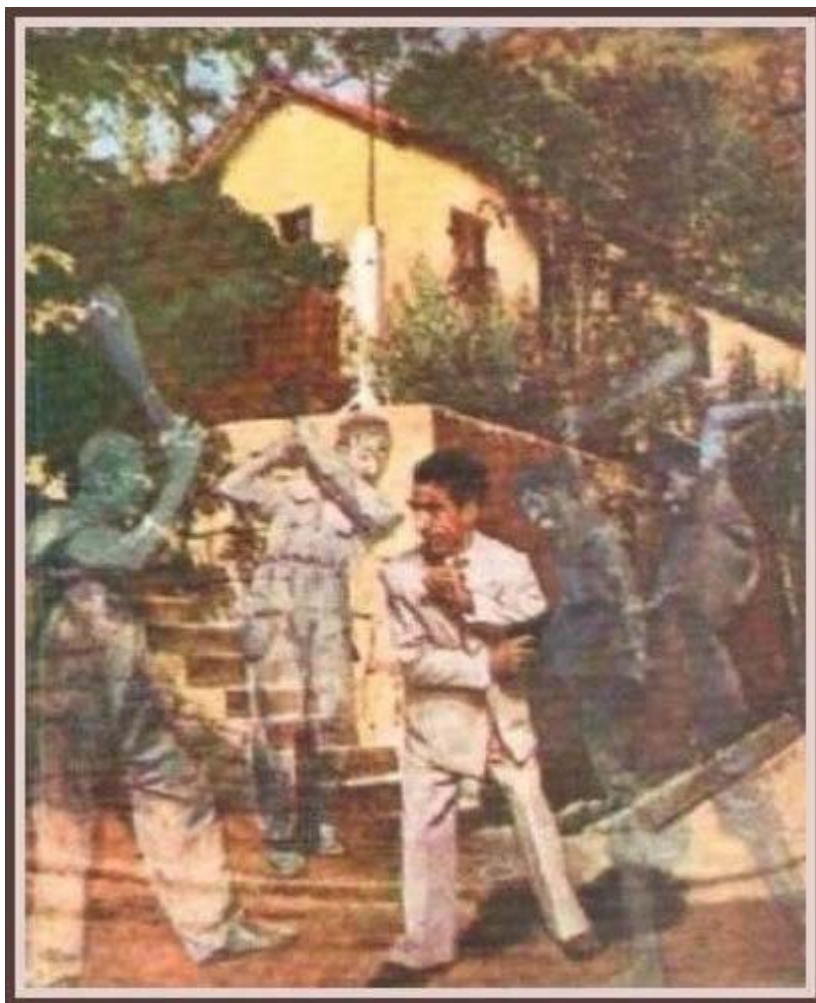
Esta imagem mostra um dos caminhos que conduzem à obsessão. O farrista tem freqüentemente na imaginação a silhueta de mulheres. Se for médium vidente, sem esclarecimento, poderá ser envolvido por formas como as que a figura ilustra. São espíritos do astral inferior que assim se apresentam para se divertirem à custa das inclinações instintivas e mal governadas do indivíduo. E, nessa situação, recebe insinuações sensualistas, muito do seu agrado, a ponto de se tornar, aos poucos, um brinquedo dessas influências, sem que de tal sequer se aperceba.

GRAVURA Nº 39



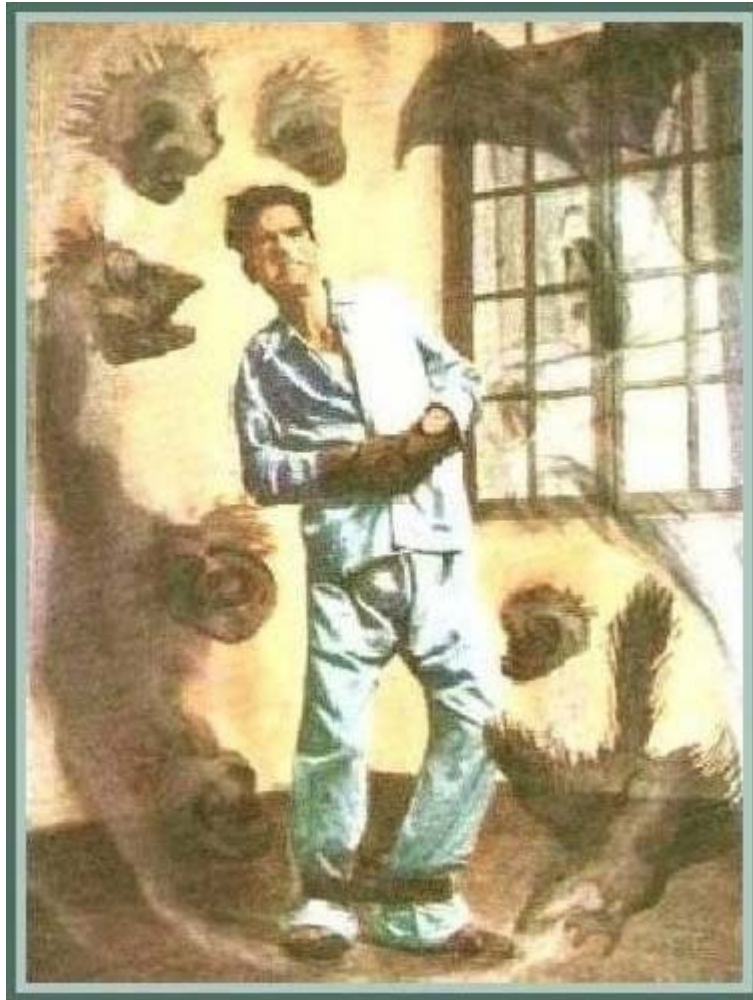
Os espíritos do astral inferior empregam os mais variados truques para avassalar o indivíduo. Quando conseguem despertar-lhe a atenção para um determinado assunto que o interessa, já estão com metade da partida ganha. Aqui está, nesta figura, um amante de caçadas, que é médium vidente e auditivo. Espíritos do astral inferior, conhecedores desse particular pendor, esboçaram a cena. Um deles se transformou em porco do mato, e mais dois em cachorros, que perseguem a caça; outros ficam, de longe, observando o resultado; o caçador maníaco está empolgado; a sua emoção produz uma vibração que favorece a recepção de descargas fluídicas, enviadas por espíritos que tomam parte no "trabalho". Com tais descargas, procuram eles estabelecer meios adequados para a sua aproximação com o caçador, e conseqüente avassalamento.

GRAVURA Nº 40



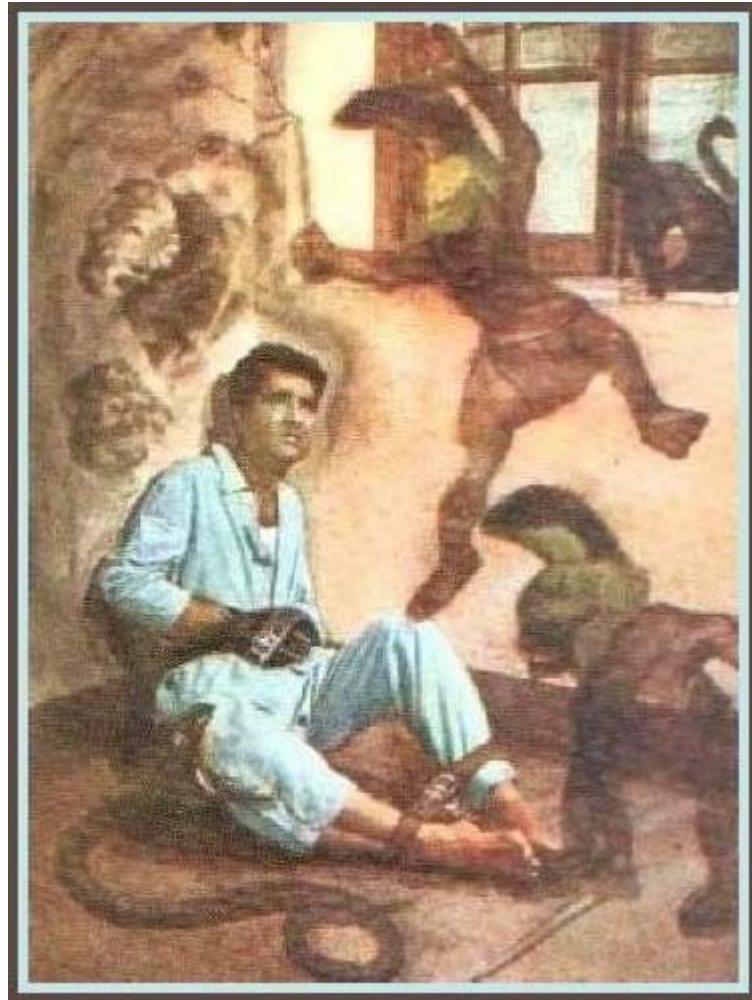
O mesmo médium da figura anterior, numa fase mais adiantada de avassalamento. Ele gesticula e fala, pensando que o está fazendo com pessoas encarnadas. A sua perturbação é tamanha que pode até disparar a arma que tem em seu poder. Assim, por falta de esclarecimento, por não haver levado uma vida regrada e, ainda, pelo desconhecimento da verdade sobre a vida, chegou a essa situação lamentável. O dogmatismo religioso, obstinando-se em não revelar a verdade sobre a mediunidade vidente, contribui para conservar na ignorância inúmeros seres que chegam, por isso, com facilidade, à obsessão. A vida precisa ser conhecida na sua realidade, para que todos os seres possam defender-se dos perigos a que, por ignorância, ficam expostos.

GRAVURA Nº 41



Esta figura mostra a triste condição a que chegou uma pessoa obsedada (louca). Encontra-se envolvida por espíritos do astral inferior, transformados nas mais variadas formas ou figuras. Os maus sentimentos e os vícios são sempre o veículo de atração dos espíritos obsessores e, para afastá-los, só há um meio: a modificação de tais sentimentos e o abandono dos vícios. Deste modo, é o próprio ser que terá de valer-se as si mesmo, com o auxílio de terceiros esclarecidos, e nunca à custa exclusiva do esforço alheio.

GRAVURA Nº 42



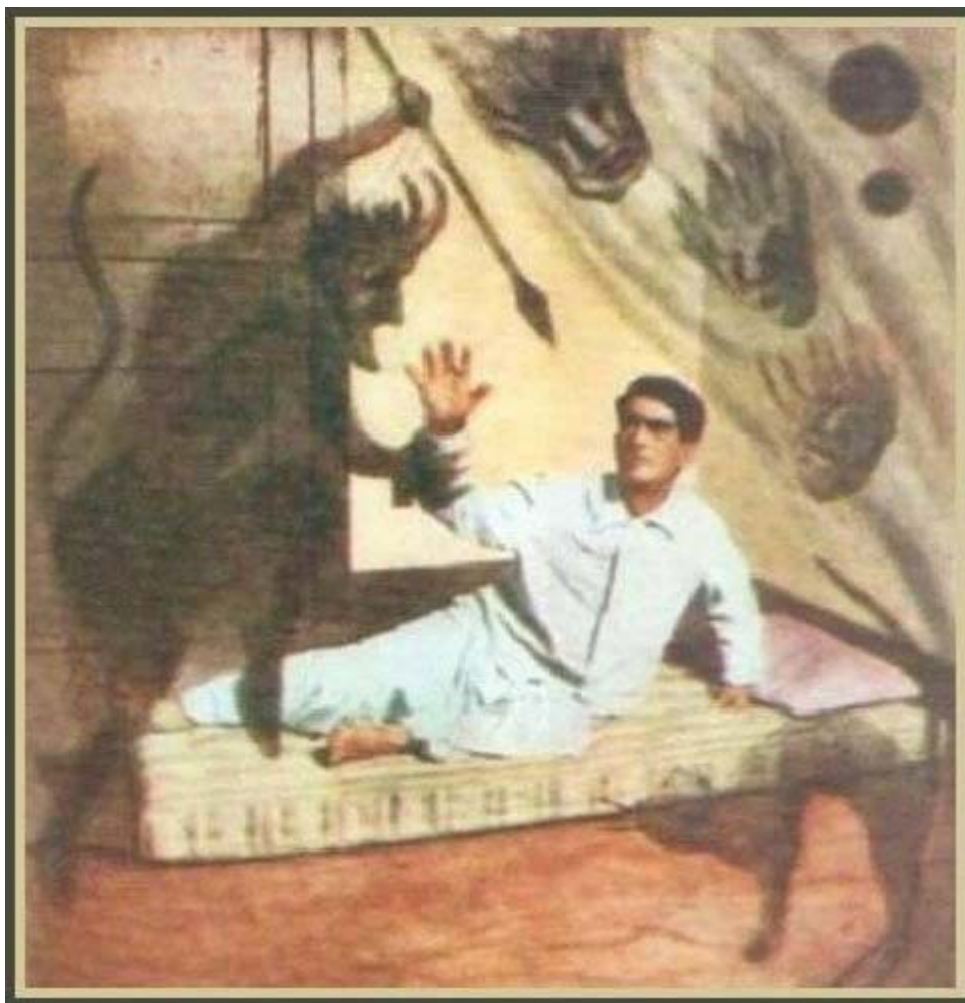
Outro aspecto de um ambiente que cerca o obsedado (louco), com a mediunidade vidente desenvolvida. Nem todos os loucos são videntes. Estes têm, no entanto, a faculdade de incorporação mais ou menos desenvolvida, porém mal educada, sem a indispensável disciplina e, em consequência, sofrem o que este quadro ilustra. O obsedado chega, às vezes, ao enfurecimento, na ânsia de ver-se livre dessas terríveis influências do astral inferior.

GRAVURA Nº 43



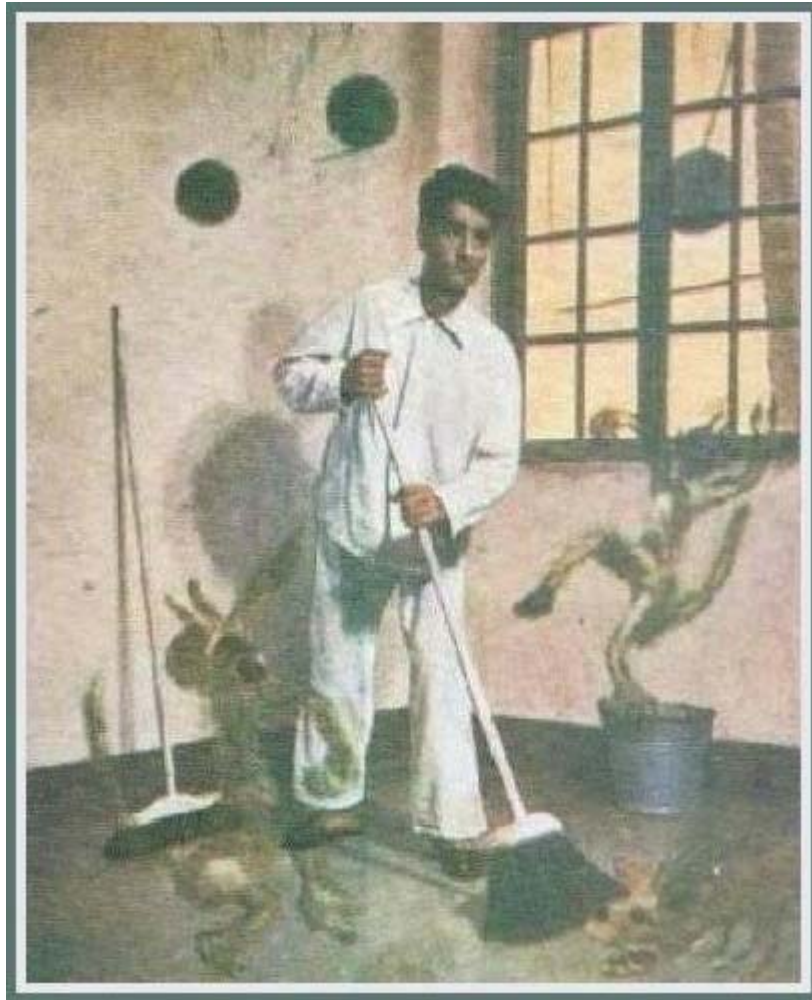
Nesta ilustração, vê-se o esforço que o obsedado emprega para libertar-se, numa crise de fúria. As bolas pretas evidenciam a presença de espíritos do astral inferior. Quatro, três, ou mesmo dois homens, bem intencionados, de boa moral, conhecedores da disciplina racionalista, são suficientes para livrar um obsedado dos espíritos inferiores. O poder da irradiação às Forças Superiores se faz sentir, limpando, rapidamente, o ambiente, porque, pela ação do pensamento, esses homens, que se concentram em harmonia com o Todo, estabelecem ligação com espíritos altamente esclarecidos, formando, deste modo, uma corrente que atrai e arrebatam, para os mundos próprios, tais espíritos perturbadores que, envoltos nas negruras das suas mazelas, tantos males causam à humanidade, desconhecadora dos fenômenos da vida fora da matéria.

GRAVURA Nº 44



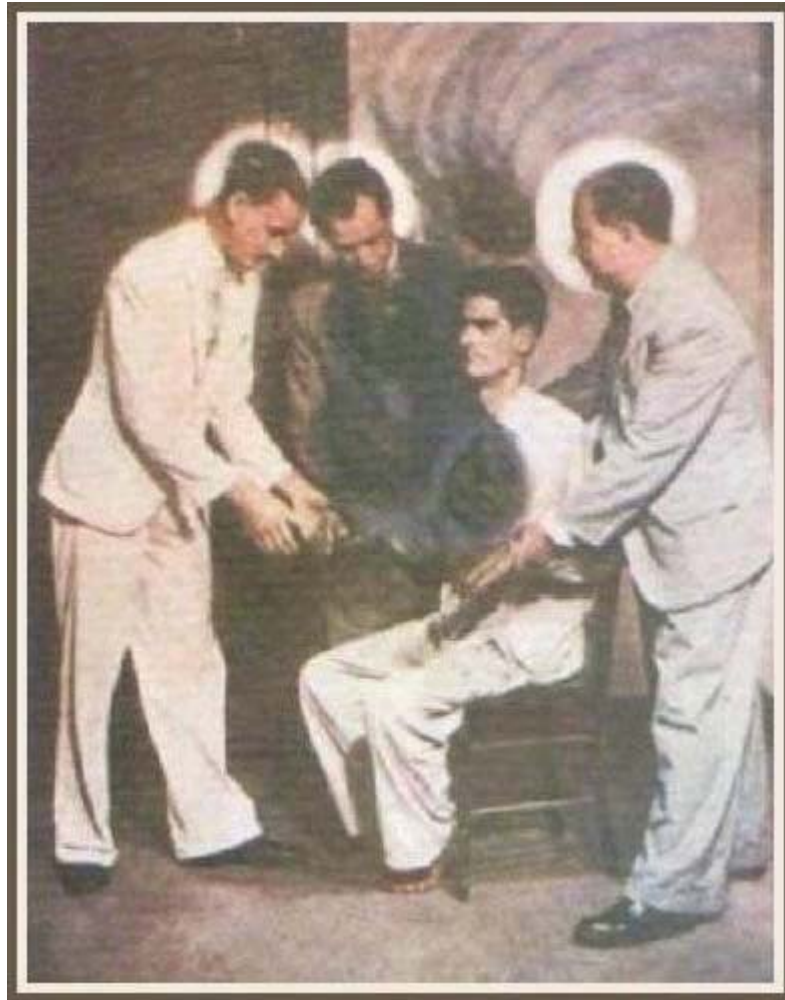
Outra ilustração do estado de angústia em que se vê o obsedado, diante da perseguição que lhe move a falange obsessora. As figuras monstruosas, que se vêem na gravura, surgem diante dos seus olhos amedrontados, não como se fossem fluídicas, mas materiais, fazendo-o acreditar que precisa defender-se dos ataques. Por isso procura defender-se dos golpes que o ameaçam, mais, ainda, se perturbando. Com a formação, porém, da corrente fluídica das práticas racionalistas cristãs em torno do obsedado, todos os espíritos são arrebatados pelo Astral Superior para os seus respectivos mundos, onde recebem esclarecimentos e não baixam mais à Terra senão para encarnar, a fim de reiniciarem a evolução paralisada pelo mau uso que fizeram do livre arbítrio.

GRAVURA Nº 45



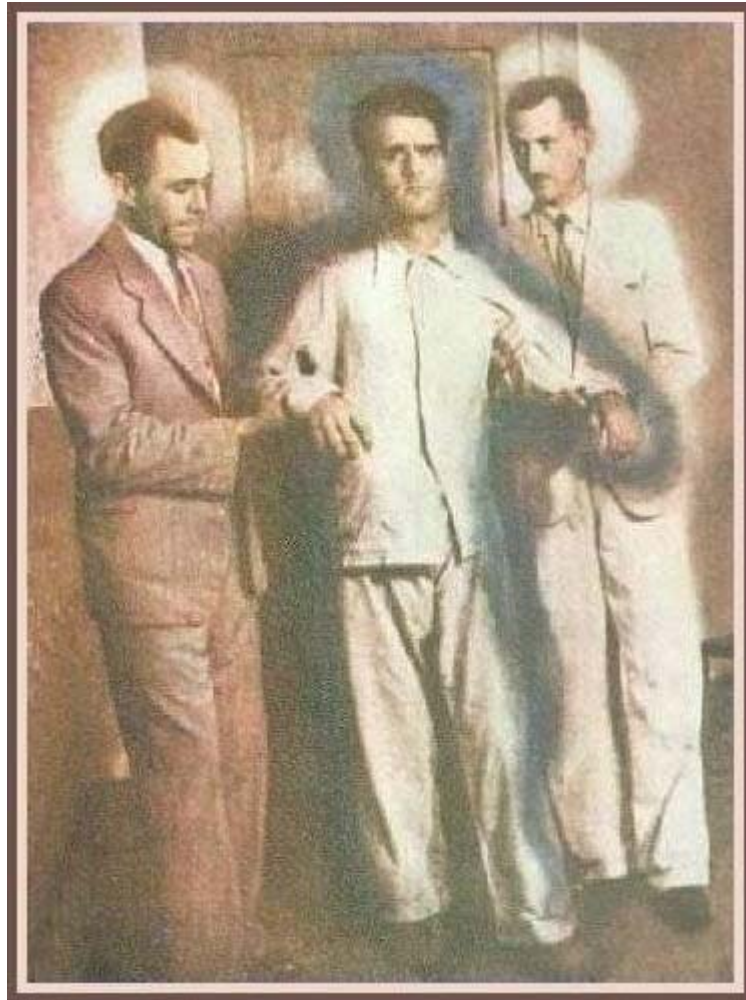
À medida que o obsedado for sendo doutrinado, pouco a pouco começa a compreender o que se passa e, mais calmo, vai se impressionando menos com o que vê. É quando começa a combater o erro do seu antigo modo de pensar e agir, que principia a reeducação mental, o fortalecimento da vontade e caminha para o restabelecimento e vida nova.

GRAVURA Nº 46



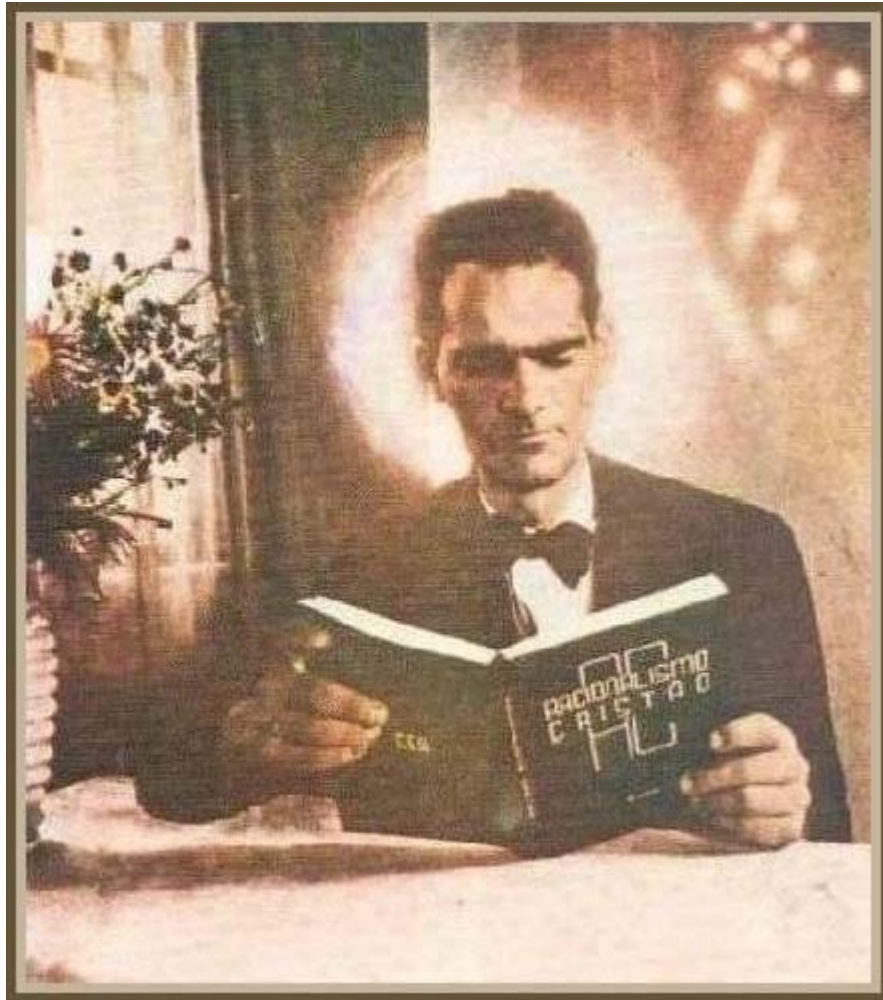
Nos momentos em que o obsedado ainda se sente impotente para libertar-se das influências más, intervêm os que se encontram em boas condições psíquicas para a limpeza astral. Assim que a corrente fluídica se estabelece, todas essas influências más desaparecem, removidas pelas Forças Superiores. Enquanto não se der o restabelecimento completo, pelo esclarecimento, do obsedado, outras influências.

GRAVURA Nº 47



O mesmo enfermo se apresenta na fase final da desobsessão, já podendo reagir contra as más influências, apenas se ressentindo, organicamente, dos efeitos da perturbação sofrida. Dois homens, de mente sã, o conduzem ao treino das irradiações. Esta prática assídua e conforme a disciplina racionalista cristã, é uma garantia para ele, pois, por esse meio, não voltará a obsedar-se, tornando-se, então, um elemento útil à coletividade.

GRAVURA Nº 48



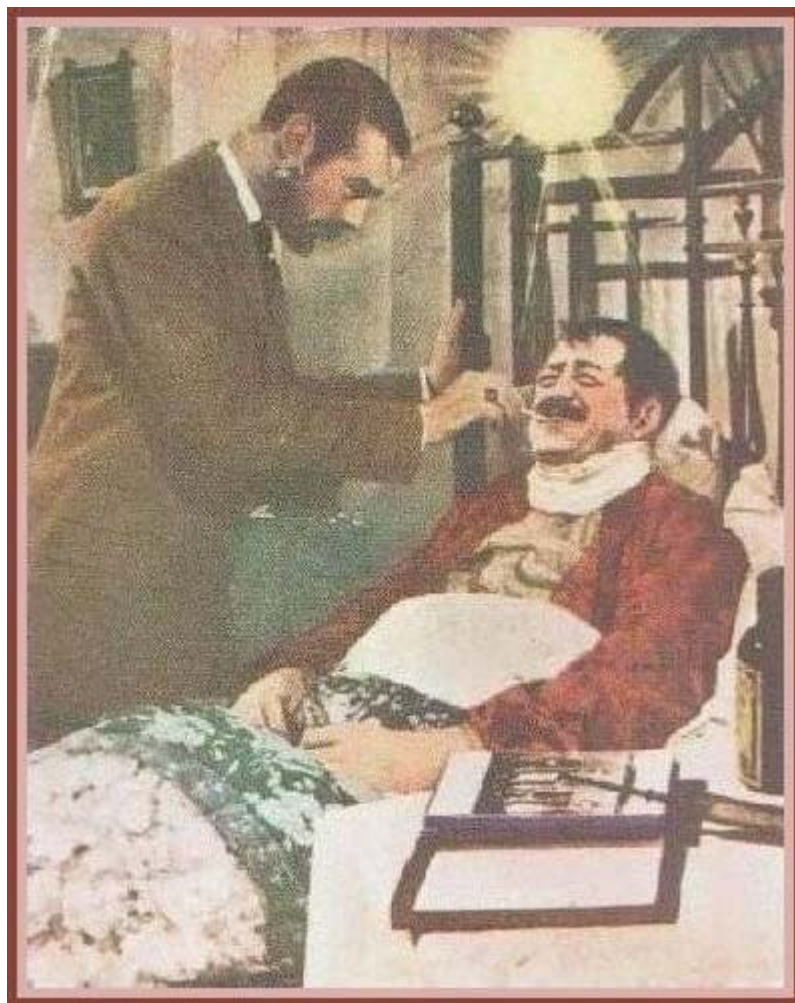
Perfeitamente normalizado, procura o indivíduo reforçar os seus conhecimentos lendo, estudando e meditando, a fim de conduzir-se na vida com o melhor aproveitamento possível. Viver pode ser fácil; o difícil é saber viver. Mas saber viver também será fácil, desde que o indivíduo se esclareça e mantenha no caminho da ordem, da disciplina e da evolução. O código dos princípios racionalistas cristãos, aí está ao alcance de todos, para que aprendam e raciocinem, traçando normas de viver de acordo com tais princípios e, pois, à margem das mazelas, dos vícios e das perturbações.

GRAVURA Nº 49



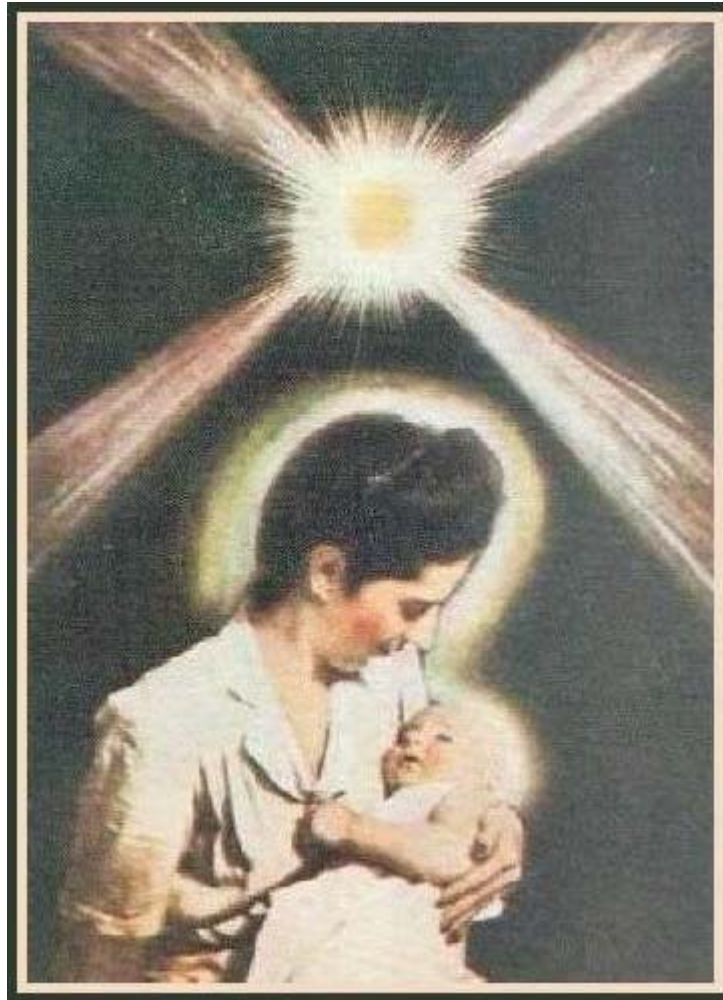
Uma cantora lírica desempenhando, com sucesso, o seu papel. Além de ser de boa índole, está interpretando um episódio de sentido elevado, com espectadores igualmente de bom fundo moral. Tem, portanto, a seu favor um ambiente limpo, psiquicamente, sem o haver preparado, propositalmente. Várias pessoas, enlevadas, formam corrente espiritual sobre a qual se apóiam espíritos do Astral Superior que envolvem a cantora, corroborando para que o seu sucesso seja mais completo.

GRAVURA Nº 50



Os médicos conhecedores da vida fora da matéria sabem da importância que há em preparar-se o ambiente do enfermo, no momento em que se ministram as doses terapêuticas. O clínico virtuoso, abnegado e desprendido, que faz da sua profissão uma prática de auxílio ao semelhante que sofre, mantém-se sob a influência do Astral Superior, e as vibrações deste e do próprio médico, durante o exercício dos trabalhos, transmitem ao doente uma sensação de alívio, bem-estar e confiança, que muito contribuem para o seu restabelecimento. A ação do médico é completa quando ele sabe associar a sua boa influência psíquica à atividade científica.

GRAVURA Nº 51



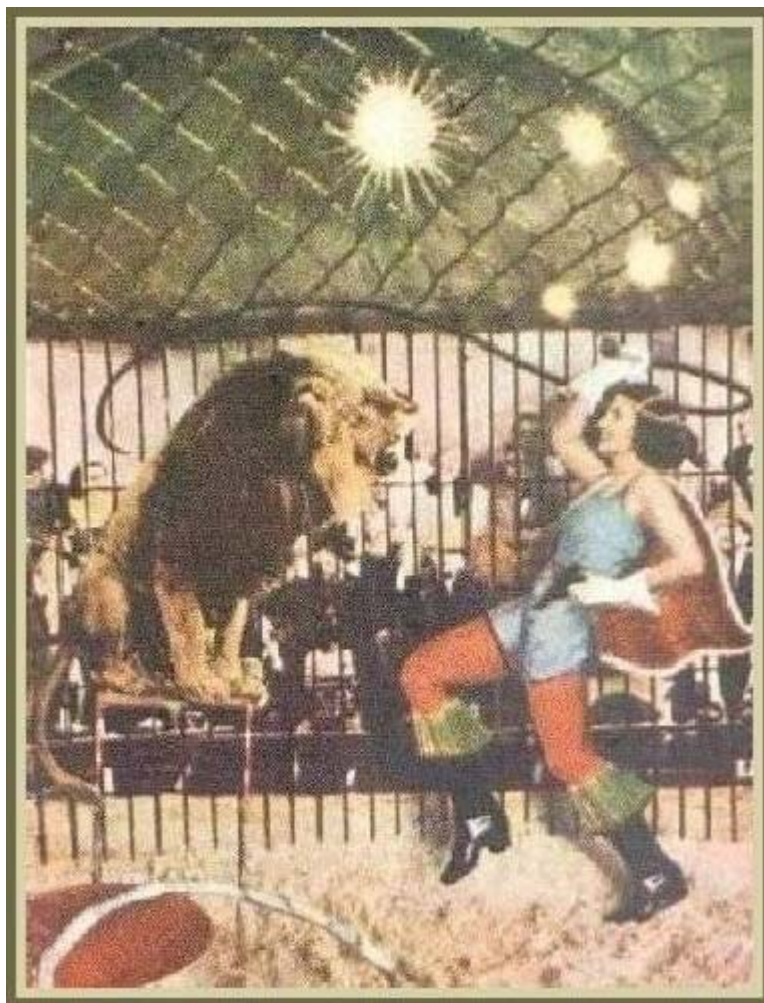
A mãe, consciente do seu papel, preocupada com a criação e educação do filho, com o desejo de torná-lo um homem útil à coletividade, está, com tal disposição, sob uma boa assistência. A criança crescerá com saúde, e o ambiente de ambos será claro e límpido.

GRAVURA Nº 52



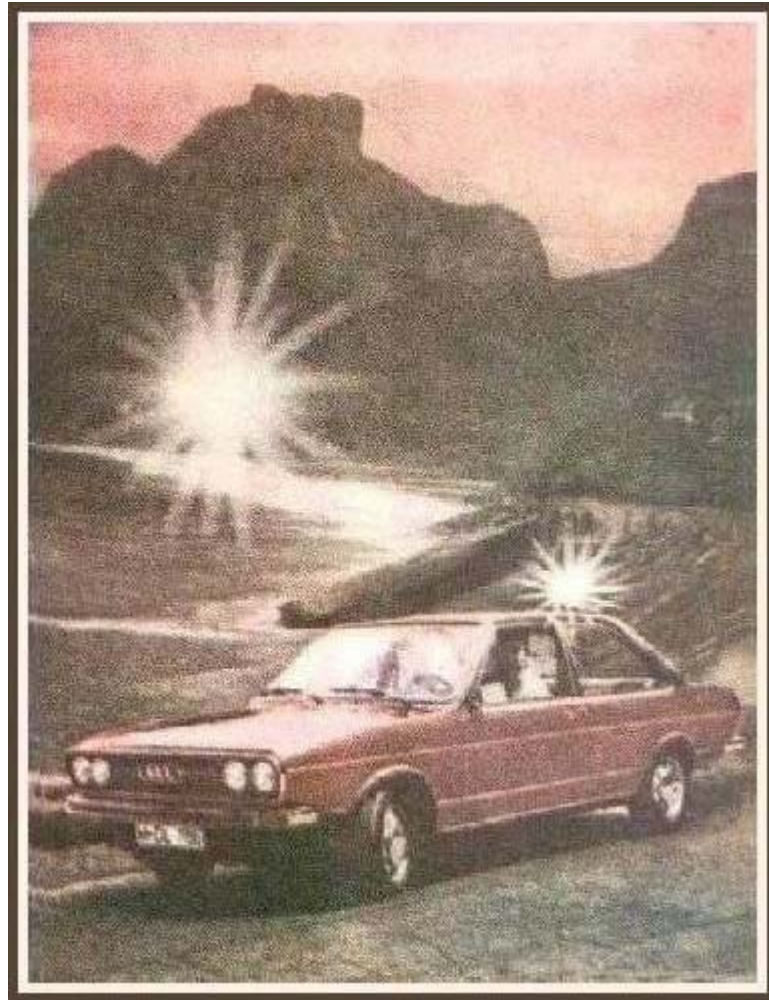
Aqui está um lavrador feliz contemplando o resultado dos seus labores, que muitos outros irão aproveitar. O trabalho eleva e dignifica o espírito, proporcionando-lhe um bem-estar oriundo da compreensão superior que dele se possa ter. O homem tem que forjar o seu caráter dentro das normas espiritualistas, para ser cada dia mais rico de atributos morais.

GRAVURA Nº 53



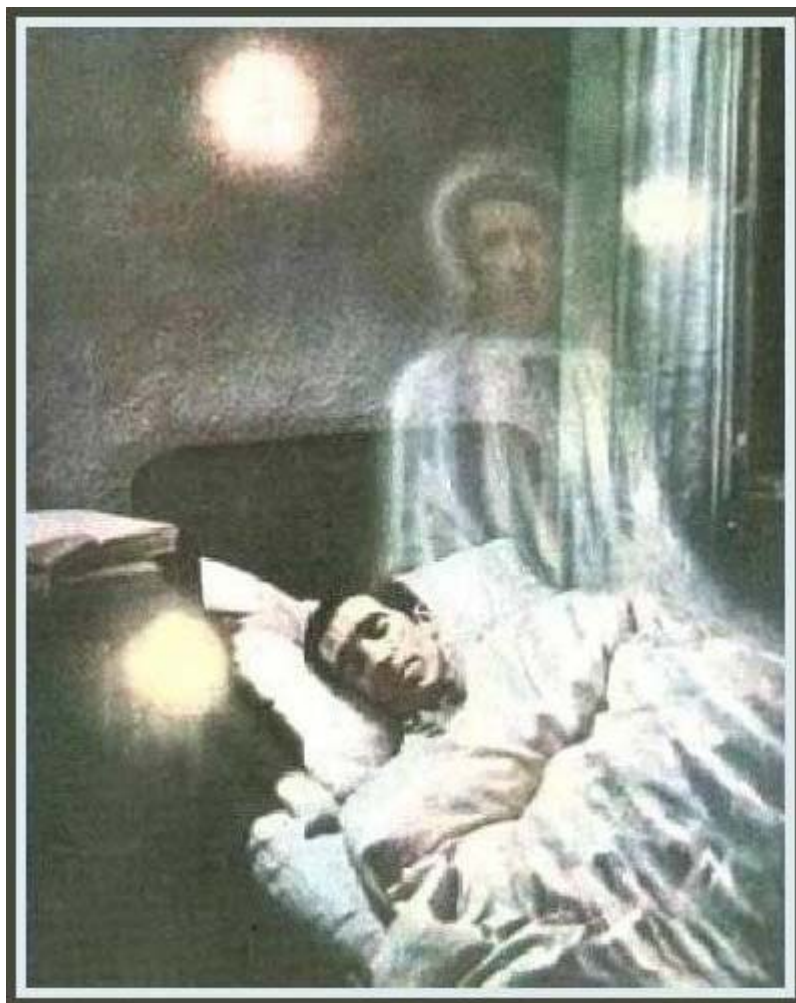
Há sempre duas influências astrais a encher o espaço: a boa e a má. Quando está presente uma, está ausente a outra, não podendo ninguém isolar-se, a um tempo, das duas influências. O espírito não dorme e não pára de vibrar um só instante. Daí a razão de estar sintonizado com uma ou outra das duas influências citadas. Vê-se na gravura uma moça dedicada a um trabalho perigoso, mas a fera não se mostra agitada ou enfurecida, porque o ambiente é de calma e confiança. Os sentimentos que dominam a domadora, na ocasião, são de preocupação com o êxito no desempenho do trabalho, pela honestidade de retribuir pelo que recebe, em consideração ao público. Os sentimentos dessa moça são, também, harmoniosos e elevados, e por isso está ela sob a influência de uma boa assistência astral.

GRAVURA Nº 54



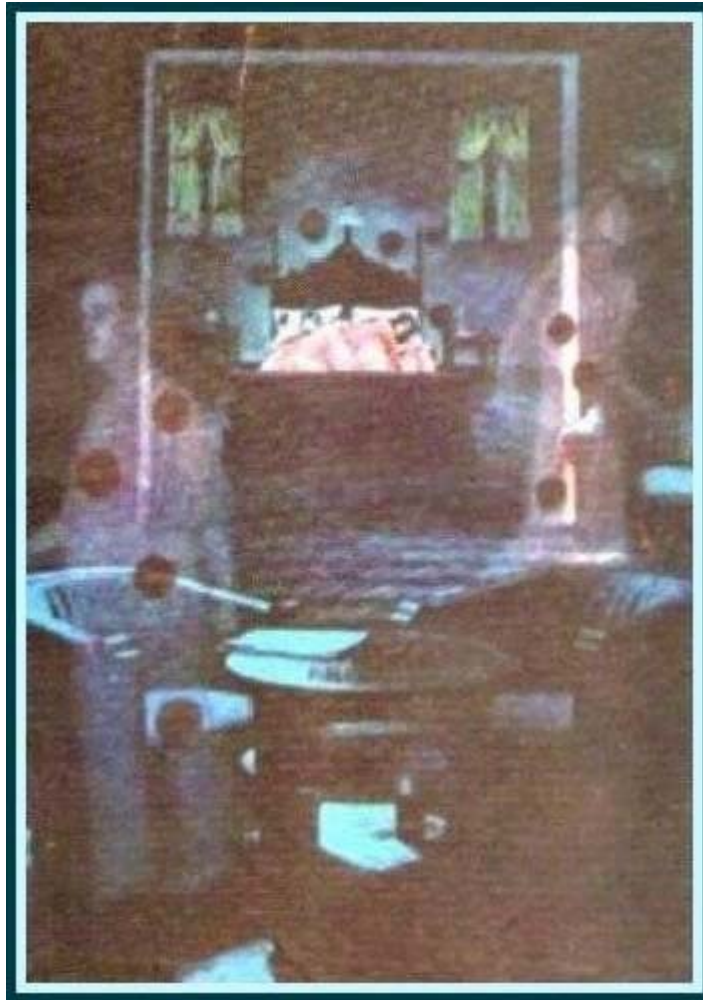
As viagens devem ser empreendidas com bom humor, para o ambiente ficar livre de más influências.

GRAVURA Nº 55



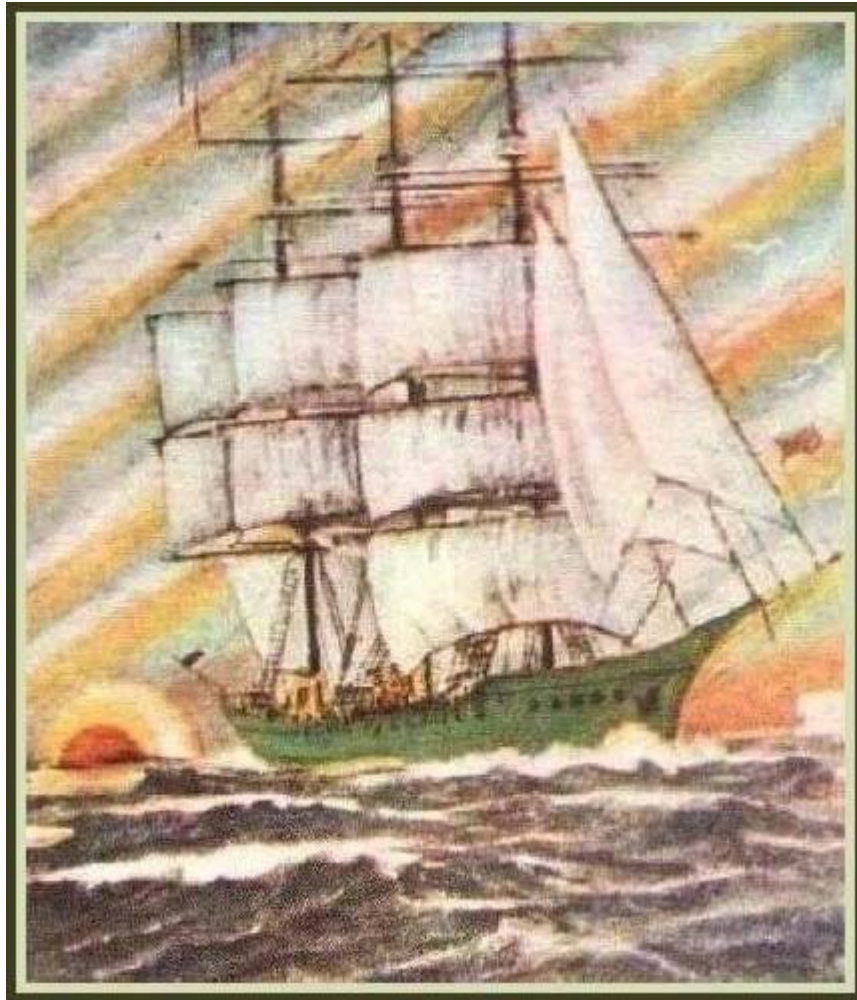
Quando o corpo dorme, o espírito afasta-se com o seu corpo flúidico, ao qual está ligado, e este, por sua vez, é que se liga ao corpo físico, por cordões flúídicos presos ao cérebro e ao coração. Esses cordões só se desprendem com a morte, ou melhor, com a desencarnação. Durante o sono, o espírito toma o curso que o seu pensamento deseja, e os cordões flúídicos distendem-se, sem resistência e sem se partirem, mantendo sempre ligados os corpos físico e flúidico. O espírito não só não dorme, como permanece sempre vibrando, sem necessidade de descanso, porque o cansaço é próprio da matéria e não do espírito. Ao afastamento do espírito do corpo físico, com o seu corpo flúidico, dá-se o nome de desdobramento.

GRAVURA Nº 56



Quando os cônjuges deixam penetrar o vírus da prevaricação no subconsciente, são envolvidos pelo astral inferior, que se compraz em vê-los separados, desunidos e inclinados a se repudiarem mutuamente. Neste estado, assim que ambos adormecem, seguem caminhos opostos para o lugar em que se acha o objeto da sua atração, do seu prazer, da sua satisfação, de acordo com as inclinações mundanas estimuladas pelos espíritos inferiores, que aparecem na figura como bolas negras. Neste casal, os nobres sentimentos de amizade, de respeito e de afeto não foram cultivados, pela indiferença com que encararam o sentido espiritual da vida e as responsabilidades e deveres conjugais.

GRAVURA Nº 57



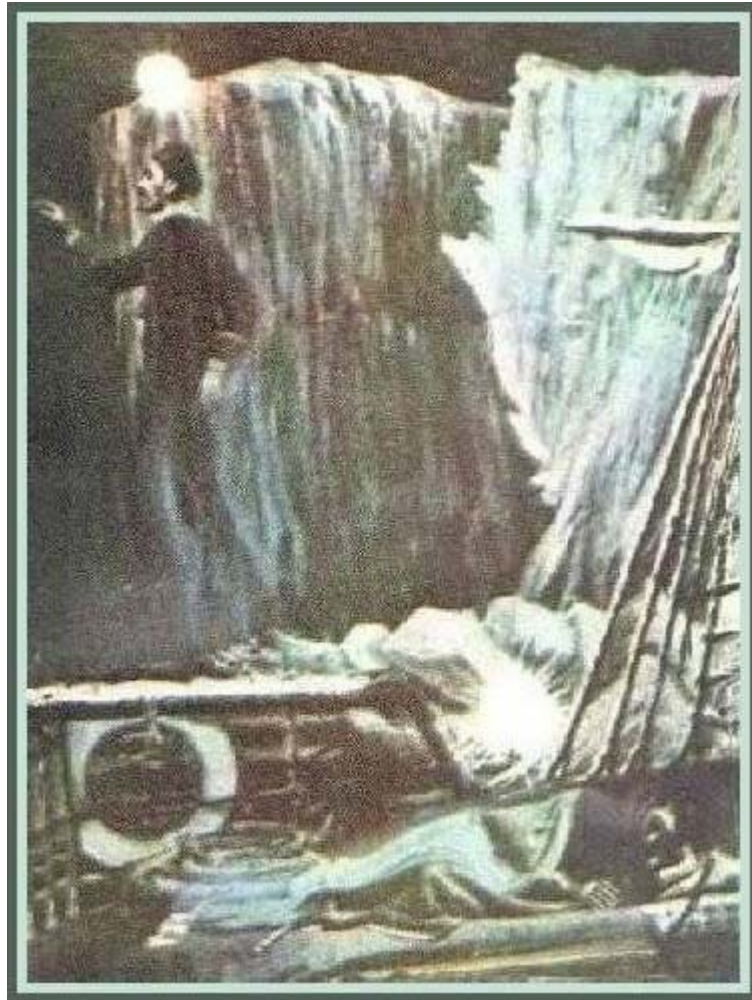
Veleiro, perto das costas da Terra Nova, no qual viajava Robert Bruce. Para que nenhuma dúvida possa pairar no espírito do leitor sobre o fenômeno do desdobramento, e como este se pode dar sem que a pessoa se lembre do que consigo se passou, vamos relatar, neste e nos próximos seis quadros, um fato registrado no Almirantado Inglês, onde se acham arquivados os documentos relativos ao caso.

GRAVURA N° 58



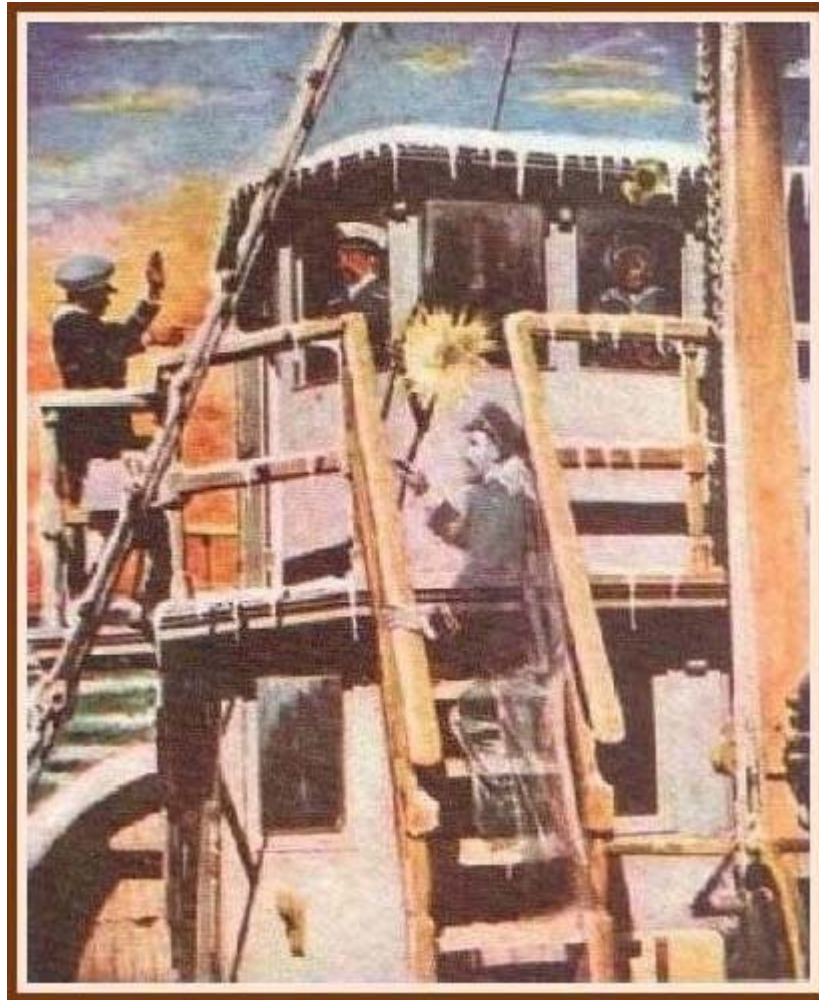
A tripulação deste navio, encalhado no gelo, em alto mar, encontra-se no auge do desespero, pois não havia a mais remota possibilidade de salvamento.

GRAVURA Nº 59



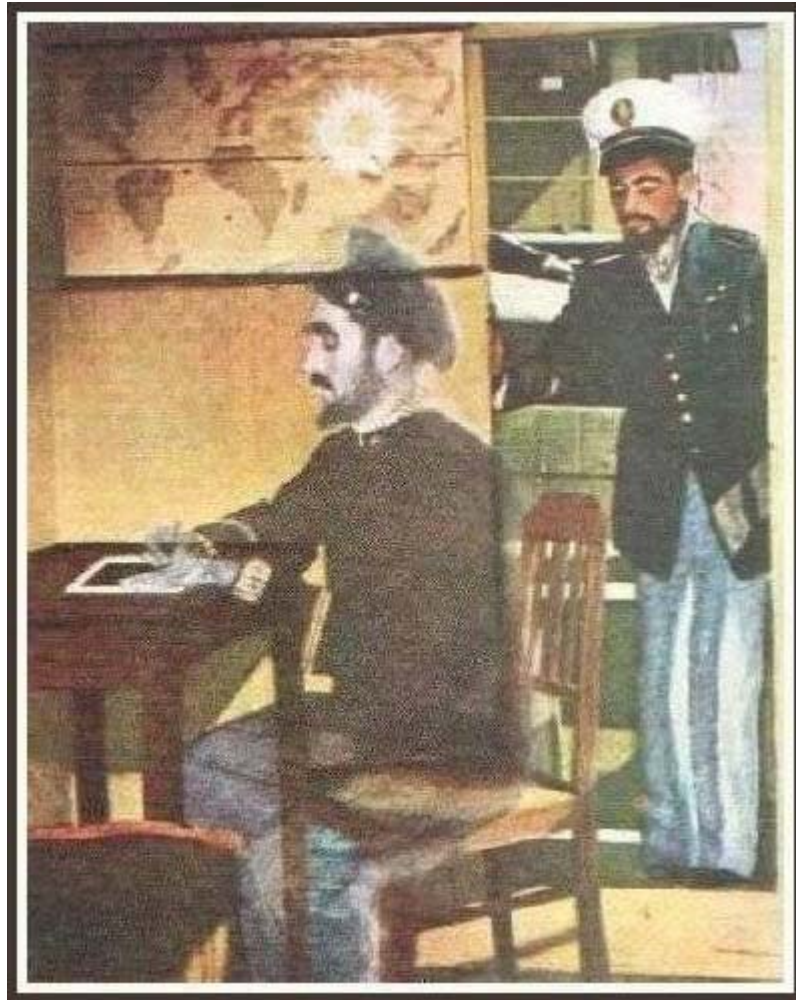
No convés do navio encalhado, adormecido a um canto, vê-se um marinheiro, cujo duplo-etéreo se desliga do corpo físico e vai ter ao navio representado no primeiro quadro acima.

GRAVURA Nº 60



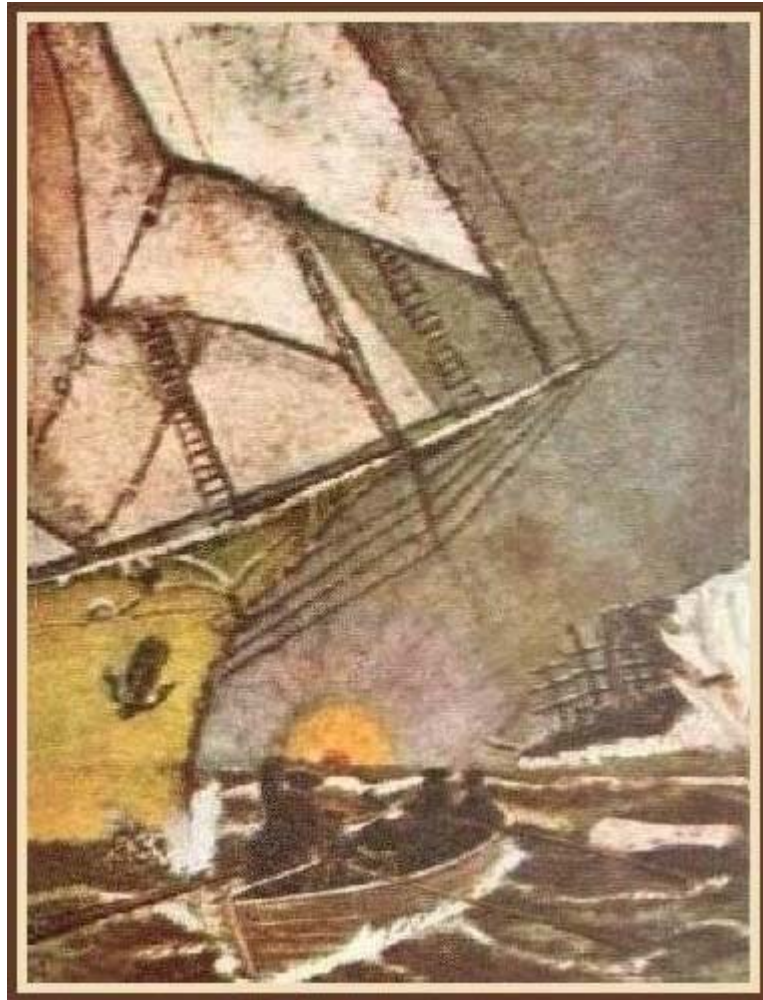
O duplo etéreo, do marinheiro do navio encalhado, encaminha-se para a cabina do comandante do navio do primeiro quadro, sendo, então, aí notado pelo Sr. Robert Bruce que, espantado por ver, naquele lugar, um indivíduo que não conhecia nem pertencia à guarnição do navio, avisa ao comandante de que um estranho se dirige para o seu compartimento. A forma Astral Superior que, em feitio de um pequeno Sol, com alguns raios luminosos, se vê sobre a cabeça do duplo-etéreo, mostra a boa assistência do desdobrado, e como esta boa assistência o encaminhou para o outro navio, de onde poderia vir o socorro.

GRAVURA Nº 61



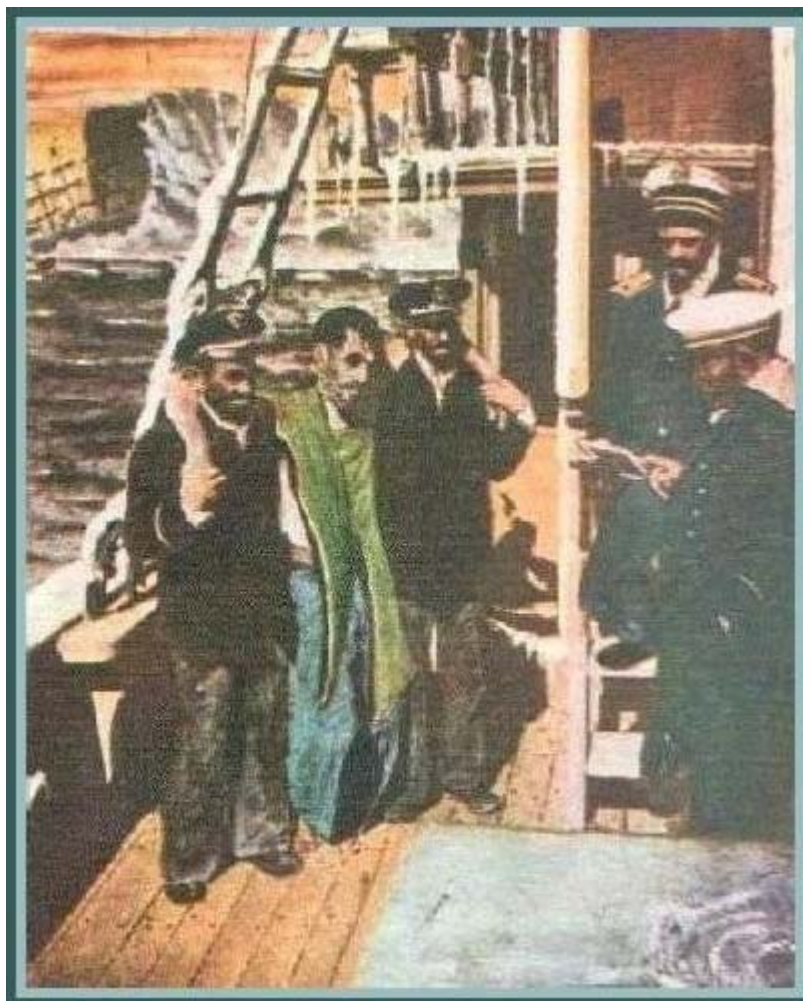
Chegado o duplo-etéreo do marinheiro adormecido à cabina do comandante, senta-se na banca pertencente ao mesmo, e escreve, numa ardósia, o perigo em que se encontra o navio encalhado no gelo, e a sua posição exata.

GRAVURA Nº 62



Tendo o Sr. Bruce e o comandante do navio em que viajava, lido o que o desconhecido escrevera na ardósia, embora já não mais vissem alguém no referido compartimento, encaminharam o navio — apesar de atônitos e um pouco hesitantes — para o local indicado, e lá, de fato, encontraram o navio sobre uma montanha de gelo, conforme se observa neste quadro.

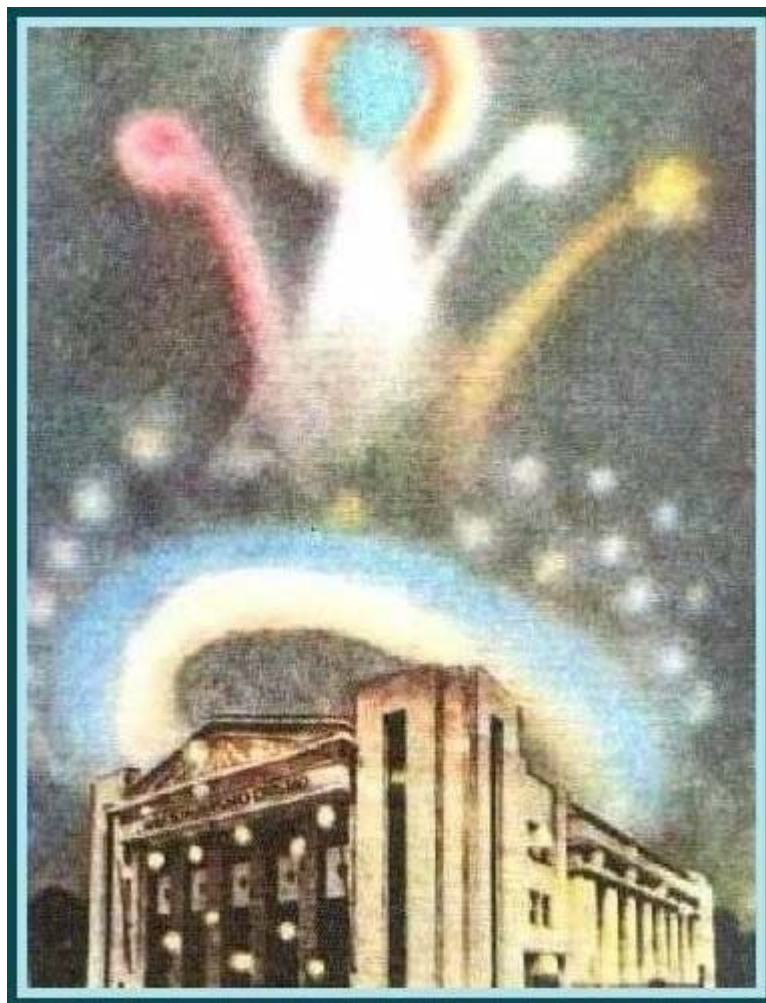
GRAVURA Nº 63



Mostra esta gravura que socorridos a tempo todos os náufragos, e recolhidos a bordo do navio em que viajava o Sr. Bruce, inclusive o marinheiro que se desdobrou durante o sono para avisar a tripulação do navio que salvara do risco que corriam o barco e a tripulação, todas as atenções se voltaram para esse marinheiro, reconhecido pelo Sr. Bruce como sendo o que estivera no seu navio, pedindo socorro. Este alegou, surpreso, que não sabia dar explicação alguma a respeito do assunto, embora tudo o que estava vendo agora lhe parecesse já ter visto antes. Essa série de gravuras demonstra, sem sombra de dúvida, que embora dormindo, podem os seres humanos ir a lugares diferente e distante, evitando, até mesmo, desastres.

Contudo, esse fenômeno nada tem de milagroso, misterioso, ou mesmo sobrenatural, porque tudo quanto existe no Universo obedece a leis comuns, naturais e imutáveis.

GRAVURA Nº 64

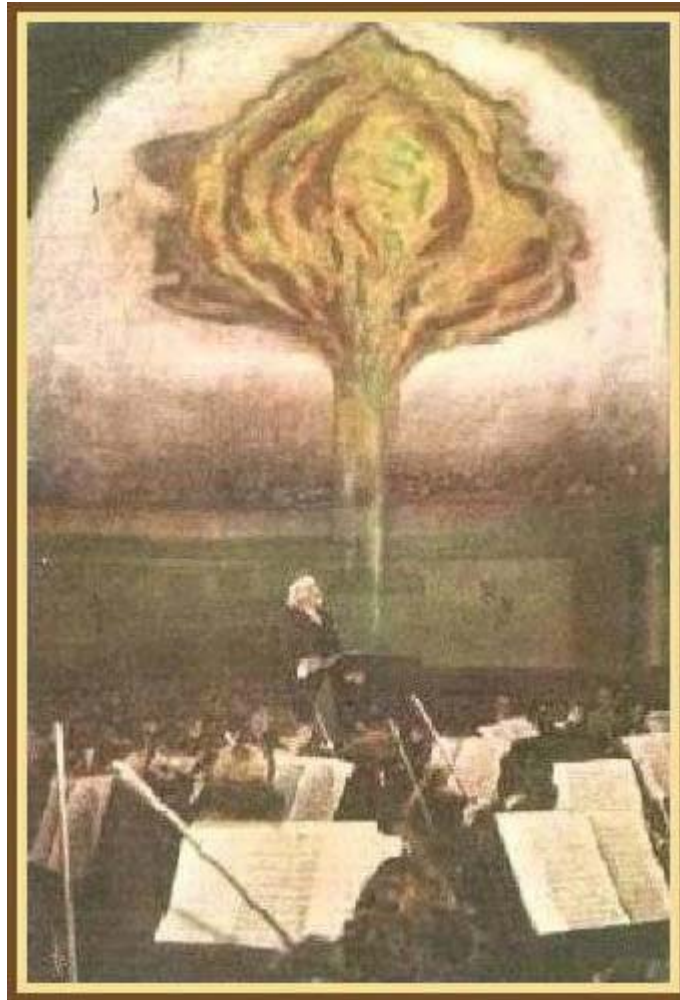


A sede do Racionalismo Cristão, recebendo as irradiações dos Espíritos do Astral Superior na hora das Sessões Públicas que nele se realizam. A concentração dessas Forças Superiores sobre o edifício, no interior do qual se encontrava uma assistência de cerca de 3.000 pessoas, era organizada, na medida das necessidades, consoante a maior ou menor afluência de espíritos obsessores, perturbadores e sofredores que ali penetravam, acompanhando muitos dos que aportam àquela alta Escola de Psiquismo, em busca de esclarecimento espiritual.

O interior da figura cônica, no quadro acima, é um campo de atração poderosíssimo, para onde são arrastados e conduzidos aos seus mundos os referidos espíritos maléficos. No interior do edifício, junto ao estrado, só ficam alguns desses espíritos, conservados ali pelas Forças Superiores até o fim das doutrinações, para que se expressem através dos médiuns,

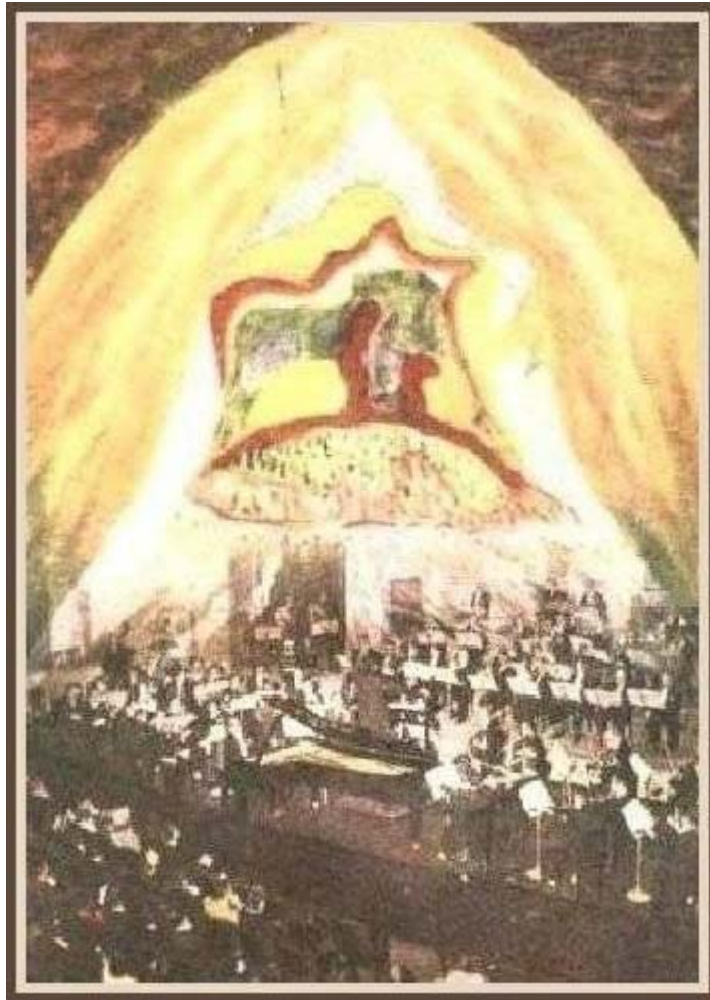
demonstrando o seu estado psíquico, para estudo e análise da vida no planeta, sobre os seus multiformes aspectos.

GRAVURA Nº 65



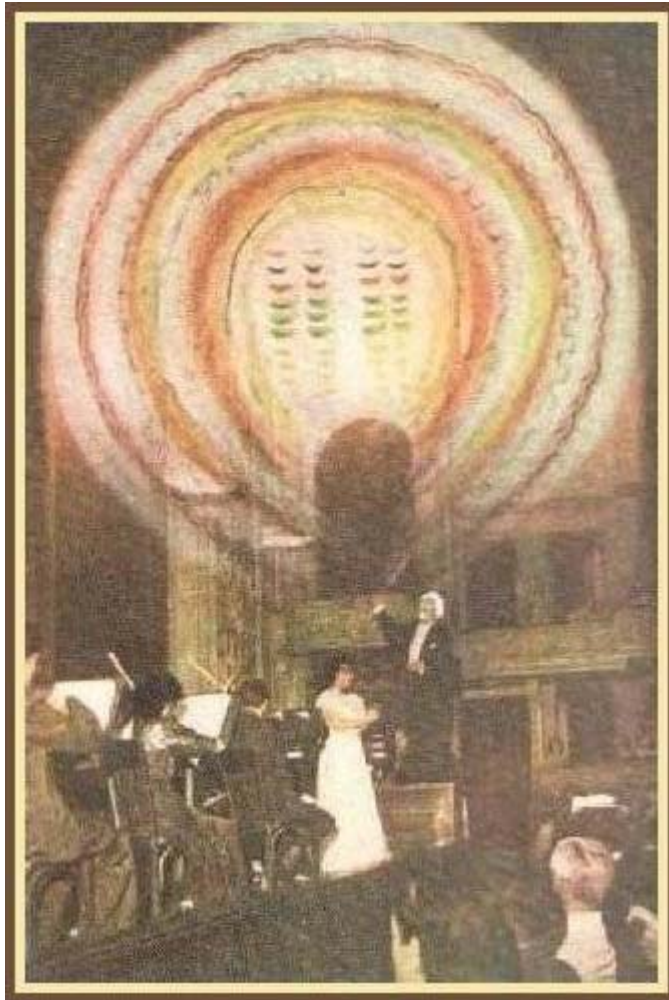
Criaturas videntes observaram esta formação fluídica sobre uma orquestra que executava uma composição musical de Gounod, denotando que todas as vibrações imprimem formas e cores que as definem. No caso de uma orquestra em que há variações de sons, emitidos a um só tempo, as vibrações se entrosam, formando os mais variados e surpreendentes conjuntos.

GRAVURA Nº 66



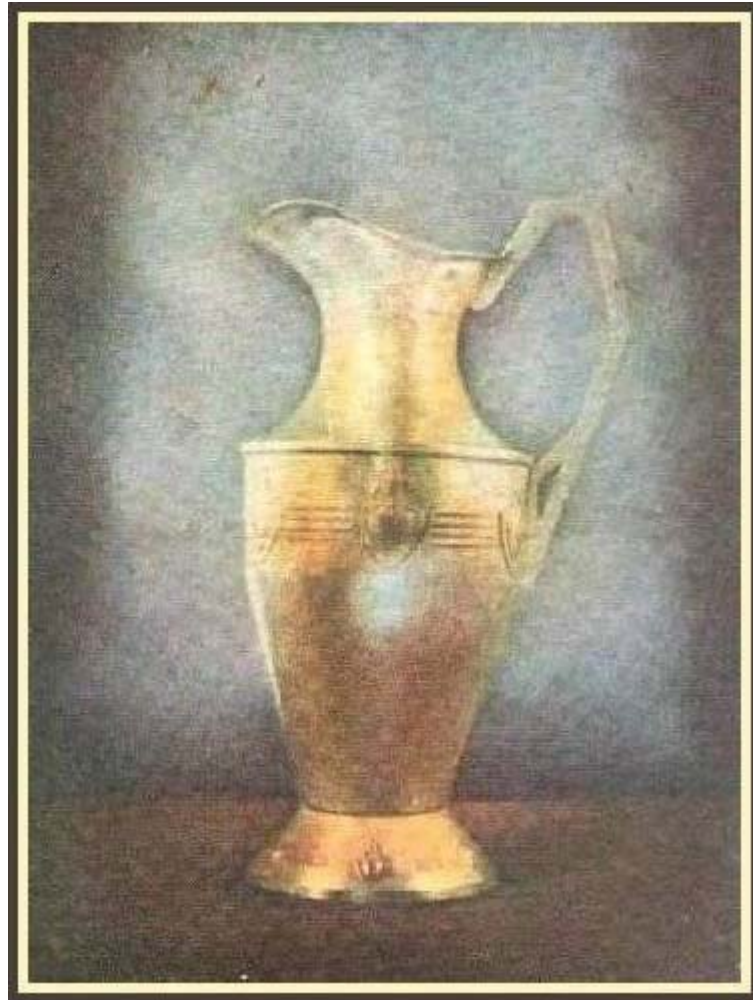
Aqui está a estampa de uma orquestra executando, já agora, uma música de Wagner, por onde se constata que os conjuntos vibratórios diferem muito uns dos outros, assim como diferem as próprias composições musicais.

GRAVURA Nº 67



Ainda aqui se observa uma terceira apresentação de um conjunto musical. A orquestra executava, quando esse quadro foi registrado, uma composição musical de Mendelssohn. Estas demonstrações estão ao alcance dos médiuns videntes desenvolvidos, que não gozam de nenhum privilégio especial.

GRAVURA Nº 68



À noite, sem a influência dos raios solares, descem sobre a face escura da Terra, provindos de planos superiores, fluidos benéficos curadores. A figura mostra uma vasilha de boca larga contendo água potável, sobre a qual são lançados os fluidos, durante a noite. As irradiações mentais que se fazem junto à vasilha têm o fim de estabelecer ligação com as Forças Superiores, pois a força do pensamento atua como condutora dos fluidos, para serem mais completos os resultados.